



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A' senhora

Marcasinha Ferraz Sampaio, Poetisa de
fina sensibilidade -
em testemunhos de alta

admiração - Cascaes Ricard

1927.



C a s s i a n o R i c a r d o

**M A R T I M
C E R E R Ê**

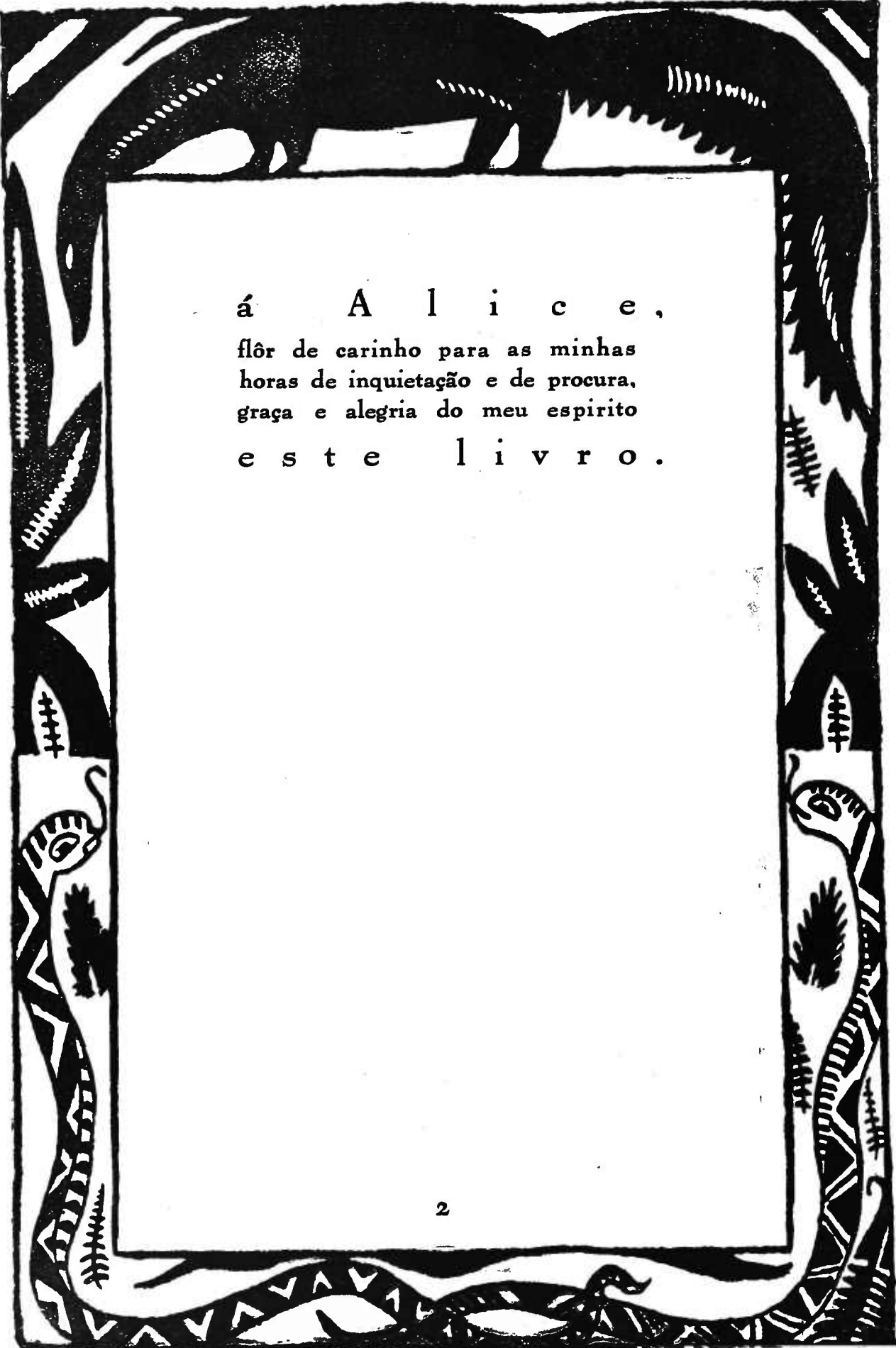
**(O Brasil dos meninos,
dos poetas e dos heroes)**

SI ELLE FOI O CURUMI DAS TABAS, O MOLEQUE DAS SENZALAS, DEVE SER TAMBEM O ITALIANINHO DAS NOSSAS FAZENDAS DE CAFÉ E O ESCOTEIRO DAS NOSSAS ESCOLAS. E' A CRIANÇA TRAVÊSSA. E, COMO CRIANÇA, É A PROPRIA IMAGEM DA PATRIA.

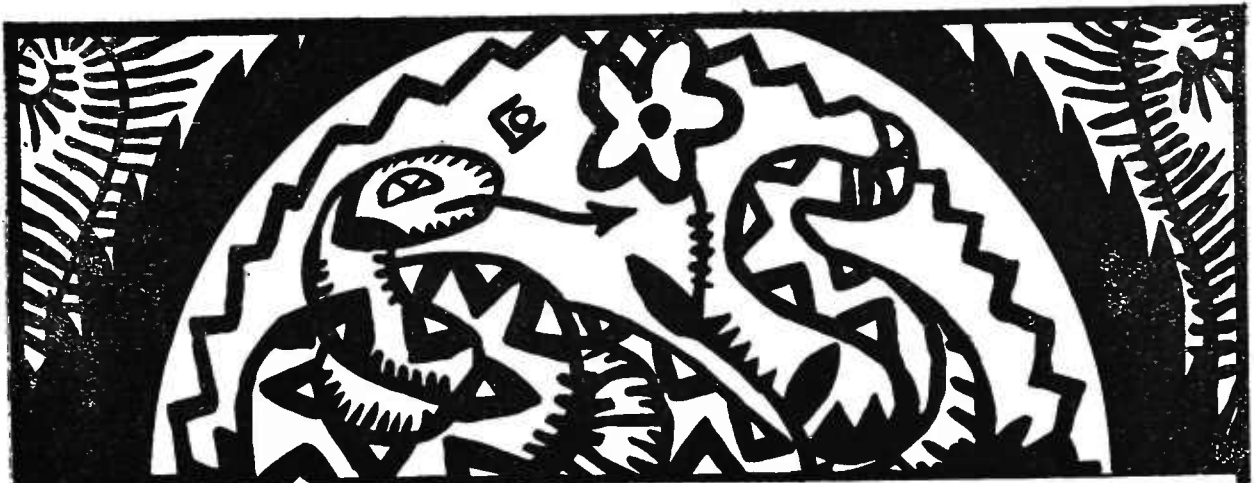
PLINIO SALGADO



S. PAULO - EDITORA LTDA.
RUA BRIG TOBIAS, 80
1 9 2 8



á A l i c e ,
flôr de carinho para as minhas
horas de inquietação e de procura,
graça e alegria do meu espirito
e s t e l i v r o .

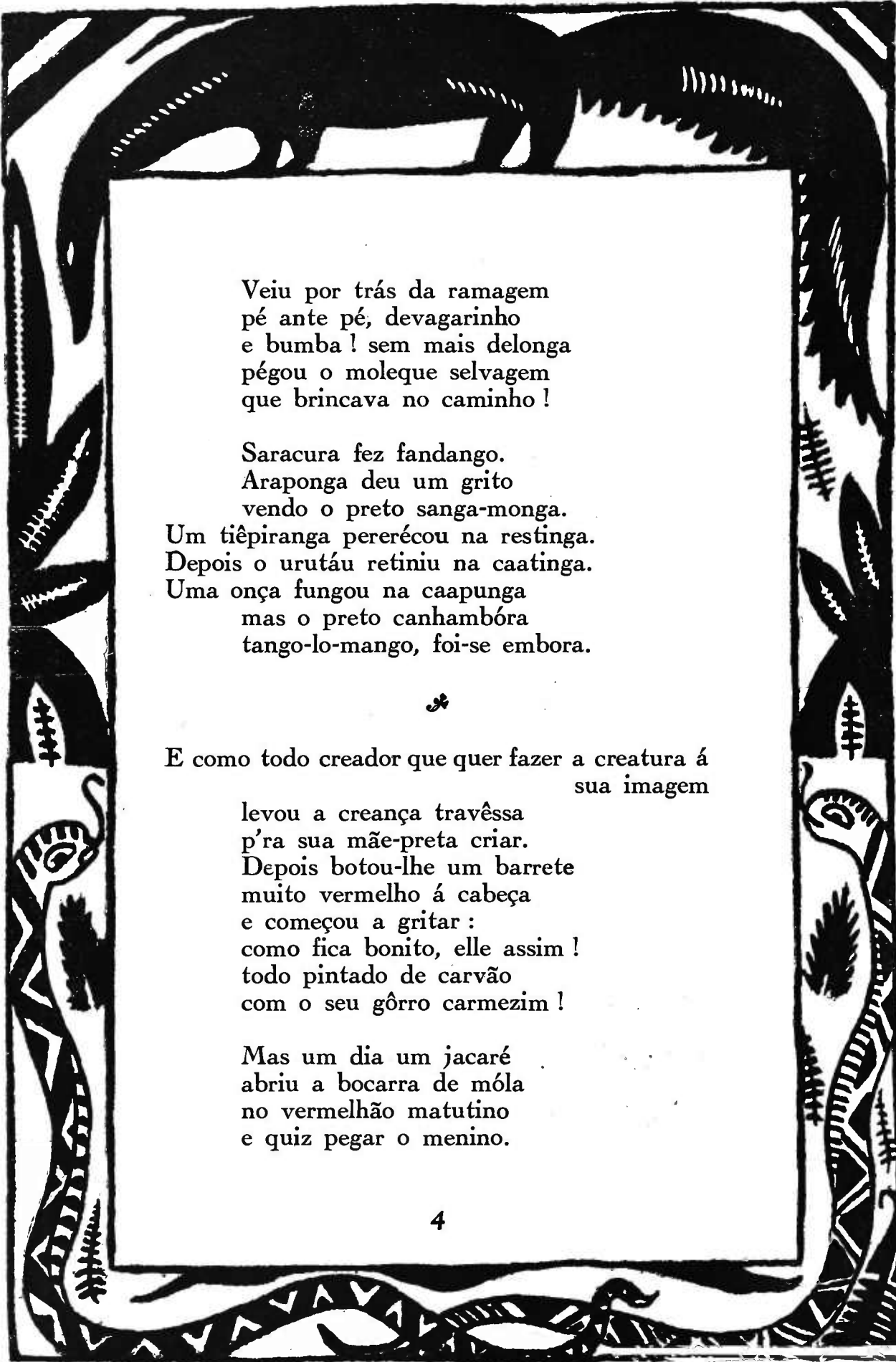


martim-cererê.

Corria na manhã clara
todo enfeitado de arara
brincando por entre as arvores
ainda humidas de sereno.
Era um tapuio pequeno
fugido de alguma taba ;
vivia no sertão bruto
mexendo com tatorana
comendo jaboticaba.

Da pelle de uma onça preta
fez um dia a sua tanga
E andava atropelando os caminheiros
com o relho em flôr da japecanga.

Certa vez, depois que os brancos
tomaram conta da terra
apareceu no mato um homem preto
falando em mandinga e candonga.



Veiu por trás da ramagem
pé ante pé, devagarinho
e bumba! sem mais delonga
pégou o moleque selvagem
que brincava no caminho!

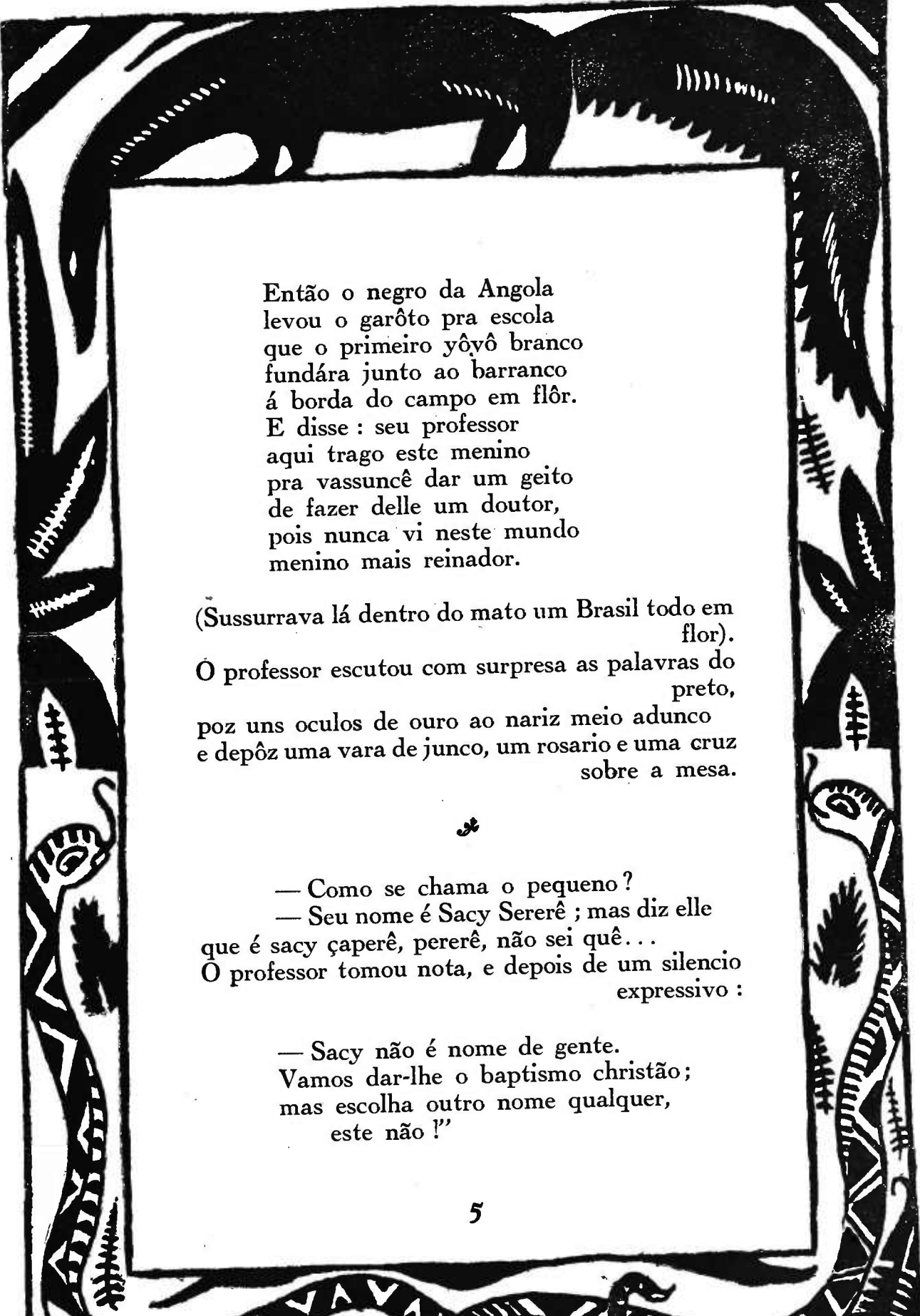
Saracura fez fandango.
Araponga deu um grito
vendo o preto sanga-monga.
Um tiêpiranga pererécou na restinga.
Depois o urutáu retiniu na caatinga.
Uma onça fungou na caapunga
mas o preto canhambóra
tango-lo-mango, foi-se embora.



E como todo creador que quer fazer a creatura á
sua imagem

levou a creança travêssa
p'ra sua mãe-preta criar.
Depois botou-lhe um barrete
muito vermelho á cabeça
e começou a gritar:
como fica bonito, elle assim!
todo pintado de carvão
com o seu gôrrro carmezim!

Mas um dia um jacaré
abriu a bocarra de móla
no vermelhão matutino
e quiz pegar o menino.

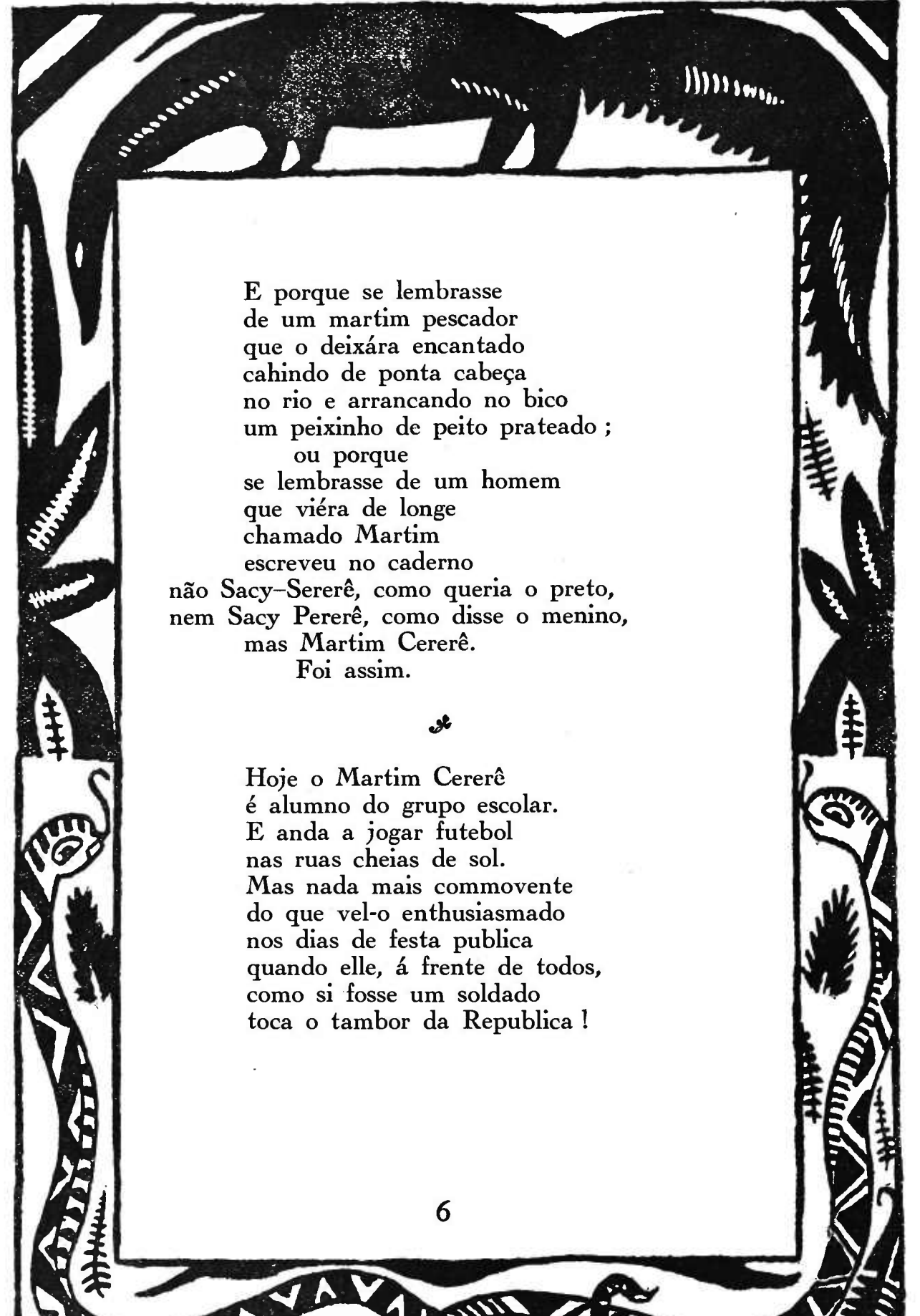


Então o negro da Angola
levou o garôto pra escola
que o primeiro yôyô branco
fundára junto ao barranco
á borda do campo em flôr.
E disse : seu professor
aqui trago este menino
pra vassuncê dar um geito
de fazer delle um doutor,
pois nunca vi neste mundo
menino mais reinador.

(Sussurrava lá dentro do mato um Brasil todo em
flor).
O professor escutou com surpresa as palavras do
preto,
poz uns oculos de ouro ao nariz meio adunco
e depôz uma vara de junco, um rosario e uma cruz
sobre a mesa.

— Como se chama o pequeno ?
— Seu nome é Sacy Sererê ; mas diz elle
que é sacy çaperê, pererê, não sei quê...
O professor tomou nota, e depois de um silencio
expressivo :

— Sacy não é nome de gente.
Vamos dar-lhe o baptismo christão ;
mas escolha outro nome qualquer,
este não !”



E porque se lembrasse
de um martim pescador
que o deixára encantado
cahindo de ponta cabeça
no rio e arrancando no bico
um peixinho de peito prateado ;
ou porque
se lembrasse de um homem
que viéra de longe
chamado Martim
escreveu no caderno
não Sacy-Sererê, como queria o preto,
nem Sacy Pererê, como disse o menino,
mas Martim Cererê.
Foi assim.



Hoje o Martim Cererê
é aluno do grupo escolar.
E anda a jogar futebol
nas ruas cheias de sol.
Mas nada mais commovente
do que vel-o entusiasmado
nos dias de festa publica
quando elle, á frente de todos,
como si fosse um soldado
toca o tambor da Republica !



**a indígena
formosa chama-
va-se uiára...**



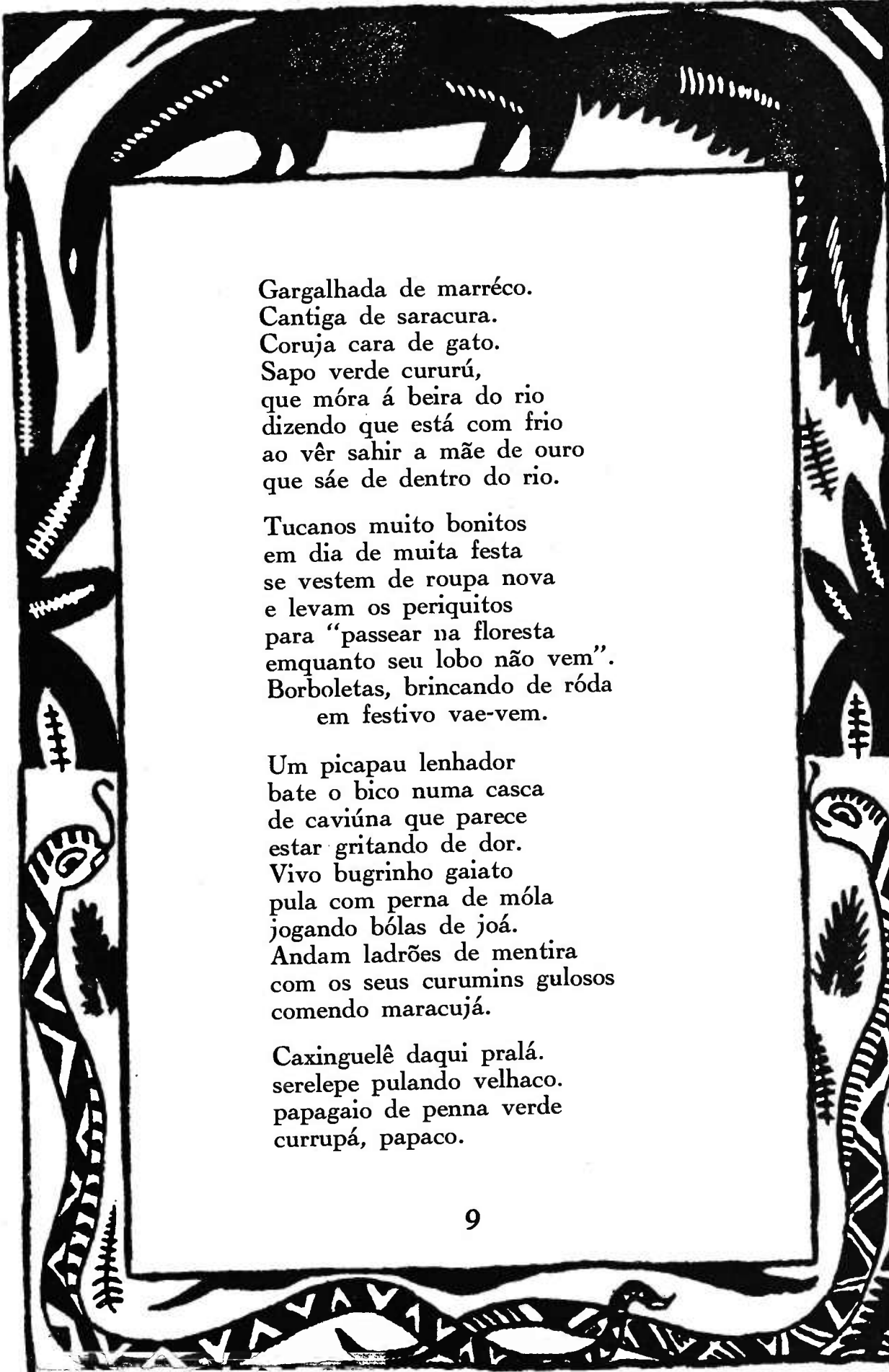
currupá, papaco.

A' noite, em redor da fogueira
o pagé conta aos netos pequenos
a historia da "moça bonita
muito bonita, muito clara,
que tinha os cabellos verdes
mais verdes que o proprio mato,
e os olhos mais amarellos
do que os olhos de um gato:
chamava-se Uiára."

Uma creança selvagem
chora na rêde de embira.
E uma india amorosa pede
ao genio bom da floresta
empreste o somno ao pequenino
que vae dormir no berço de folhagem.



Então o menino sonha :
Tatamanhá mostra um brinquedo.
Oh ! que cidade risonha
com bandeirólas de fita
onde uma onça caricata
sáe de dentro de um presepio
com grandes folhas de lata.

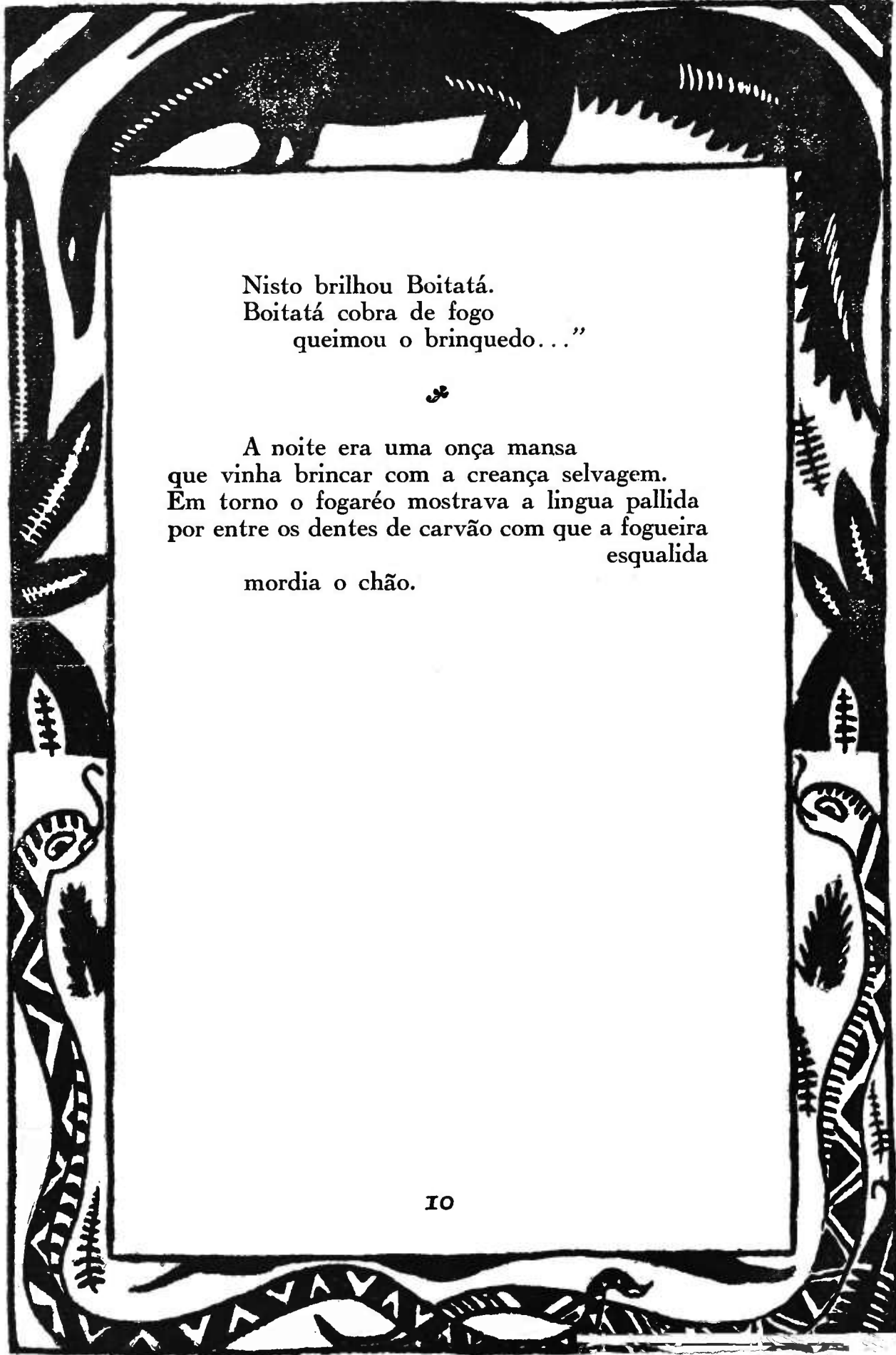


Gargalhada de marréco.
Cantiga de saracura.
Coruja cara de gato.
Sapo verde cururú,
que móra á beira do rio
dizendo que está com frio
ao vêr sahir a mãe de ouro
que sáe de dentro do rio.

Tucanos muito bonitos
em dia de muita festa
se vestem de roupa nova
e levam os periquitos
para "passear na floresta
emquanto seu lobo não vem".
Borboletas, brincando de róda
em festivo vae-vem.

Um picapau lenhador
bate o bico numa casca
de caviúna que parece
estar gritando de dor.
Vivo bugrinho gaiato
pula com perna de móla
jogando bólas de joá.
Andam ladrões de mentira
com os seus curumins gulosos
comendo maracujá.

Caxinguelê daqui pralá.
serelepe pulando velhaco.
papagaio de penna verde
currupá, papaco.



Nisto brilhou Boitatá.
Boitatá cobra de fogo
queimou o brinquedo..."



A noite era uma onça mansa
que vinha brincar com a creança selvagem.
Em torno o fogaréo mostrava a lingua pallida
por entre os dentes de carvão com que a fogueira
esqualida
mordia o chão.

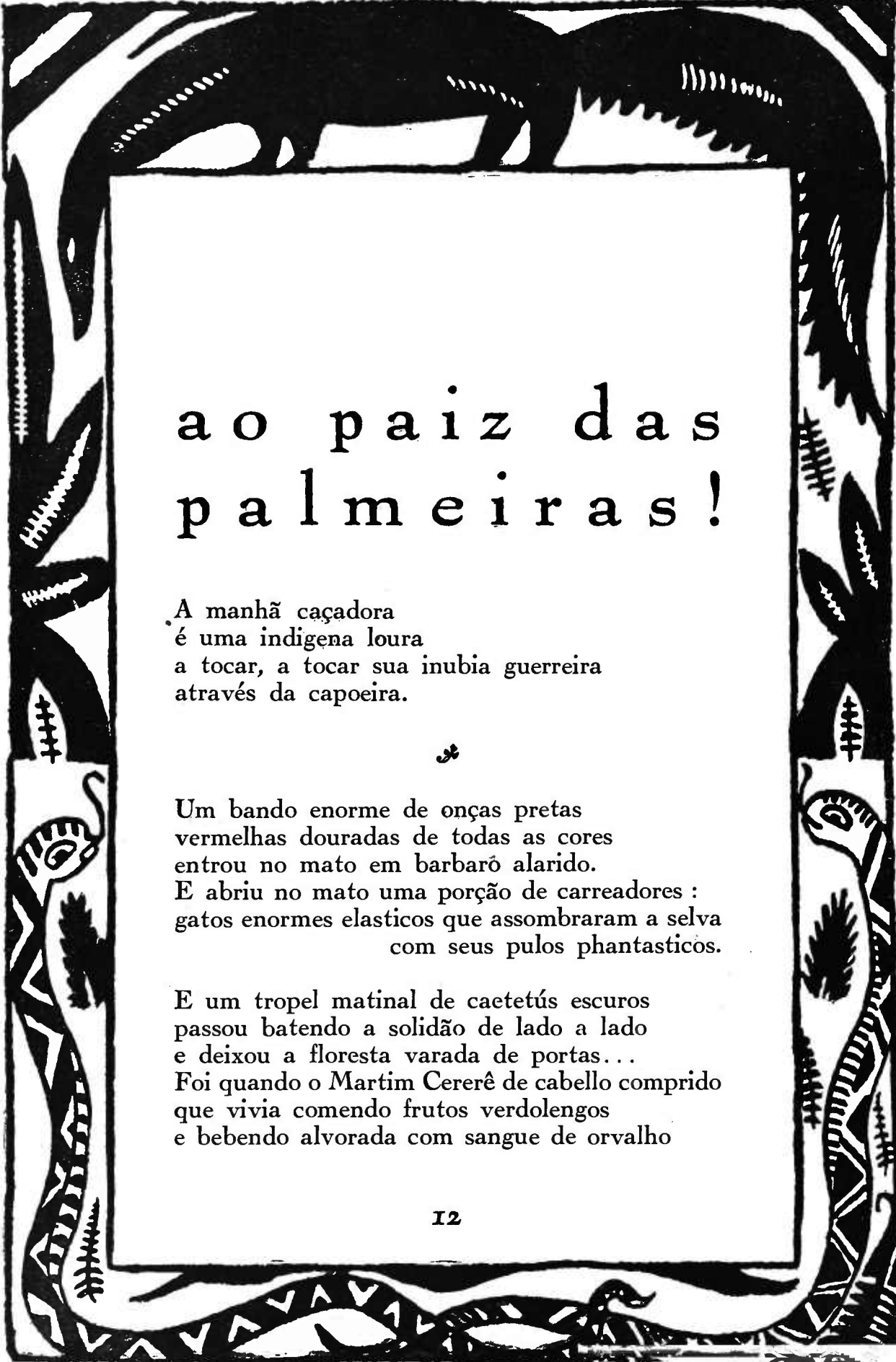


r e l a m p a g o

A onça pintada saltou tronco acima que nem
um relampago de rabo comprido
e cabeça amarella:

Zás !

Mas uma flexa ainda mais rapida que o relampago
fez rolar alli mesmo
aquelle matinal gatão electrico e bigodudo
que ficou estendido no chão como um fruto de cor
que tivesse cahido de uma arvore!



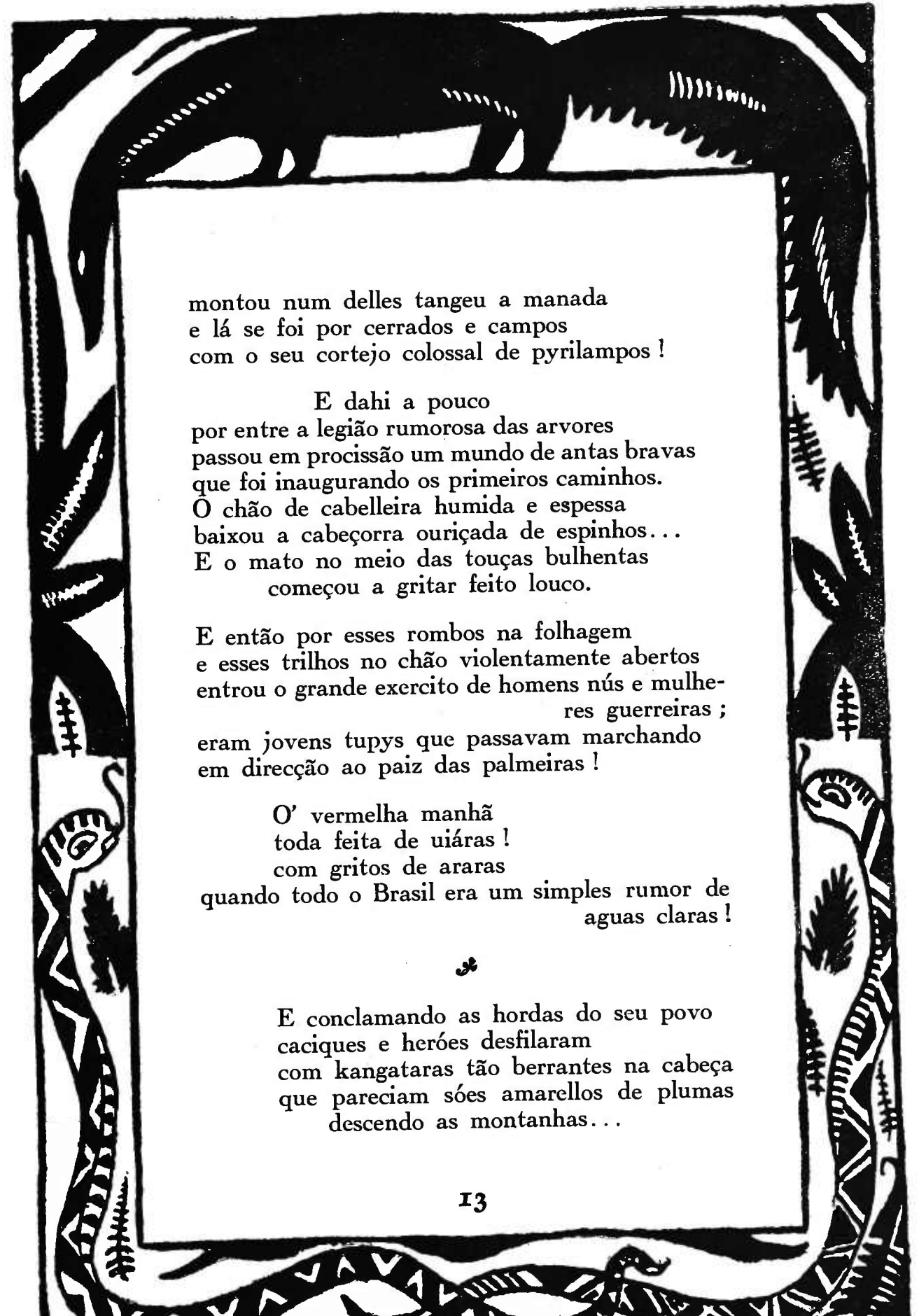
ao paiz das palmeiras!

A manhã caçadora
é uma indígena loura
a tocar, a tocar sua inubia guerreira
através da capoeira.



Um bando enorme de onças pretas
vermelhas douradas de todas as cores
entrou no mato em barbarô alarido.
E abriu no mato uma porção de carregadores :
gatos enormes elasticos que assombraram a selva
com seus pulos phantasticos.

E um tropel matinal de caetetús escuros
passou batendo a solidão de lado a lado
e deixou a floresta varada de portas...
Foi quando o Martim Cererê de cabelo comprido
que vivia comendo frutos verdolengos
e bebendo alvorada com sangue de orvalho




montou num delles tangeu a manada
e lá se foi por cerrados e campos
com o seu cortejo colossal de pyrilampos !

E dahi a pouco
por entre a legião rumorosa das arvores
passou em procissão um mundo de antas bravas
que foi inaugurando os primeiros caminhos.
O chão de cabelleira humida e espessa
baixou a cabeçorra ouriçada de espinhos...
E o mato no meio das touças bulhentas
começou a gritar feito louco.

E então por esses rombos na folhagem
e esses trilhos no chão violentamente abertos
entrou o grande exercito de homens nús e mulhe-
res guerreiras ;
eram jovens tupys que passavam marchando
em direcção ao paiz das palmeiras !

O' vermelha manhã
toda feita de uiáras !
com gritos de araras
quando todo o Brasil era um simples rumor de
aguas claras !

E conclamando as hordas do seu povo
caciques e heróes desfilaram
com kangataras tão berrantes na cabeça
que pareciam sóes amarellos de plumas
descendo as montanhas...



o c a n t o d o “ s e m - f i m ”

Mas no outro dia
saltavam os dias de papo amarello
de dentro do gravatá.

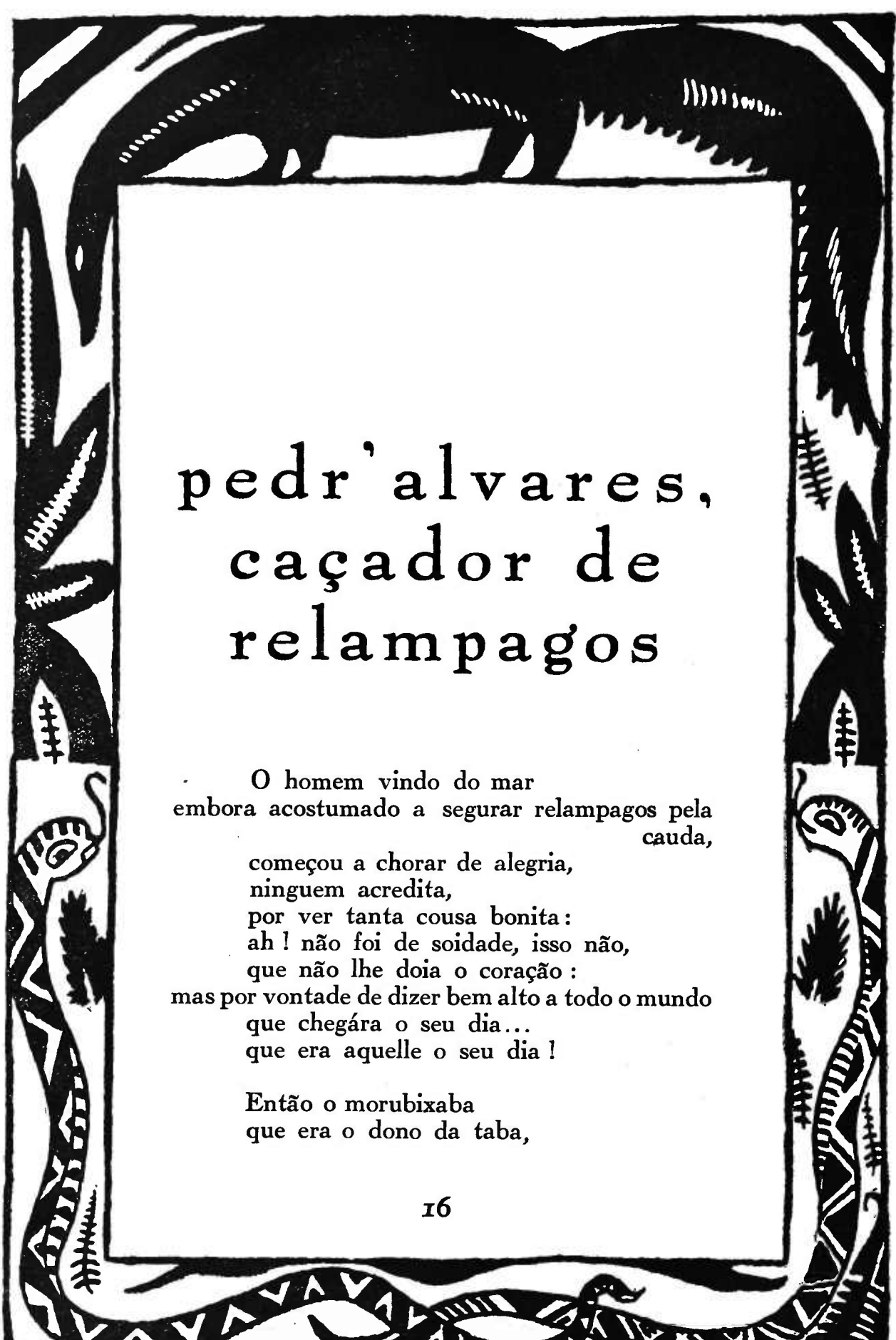
O canto do “sem-fim” era a voz da distancia que
estava deitada e abraçada ao sem fim.
E a procissão dos indios caminhava
cheia de gritos
chôros de creança
silvo de flexas
rastos de sangue
clarões de fogueira
toques de inubia guerreira...
ou silencio.



Por isso, ainda hoje, em toda caminhada
ha uma voz a dizer “sem-fim”, no fim de cada
estrada...



**chegou o dia
português e
quiz casar
com a uiára**

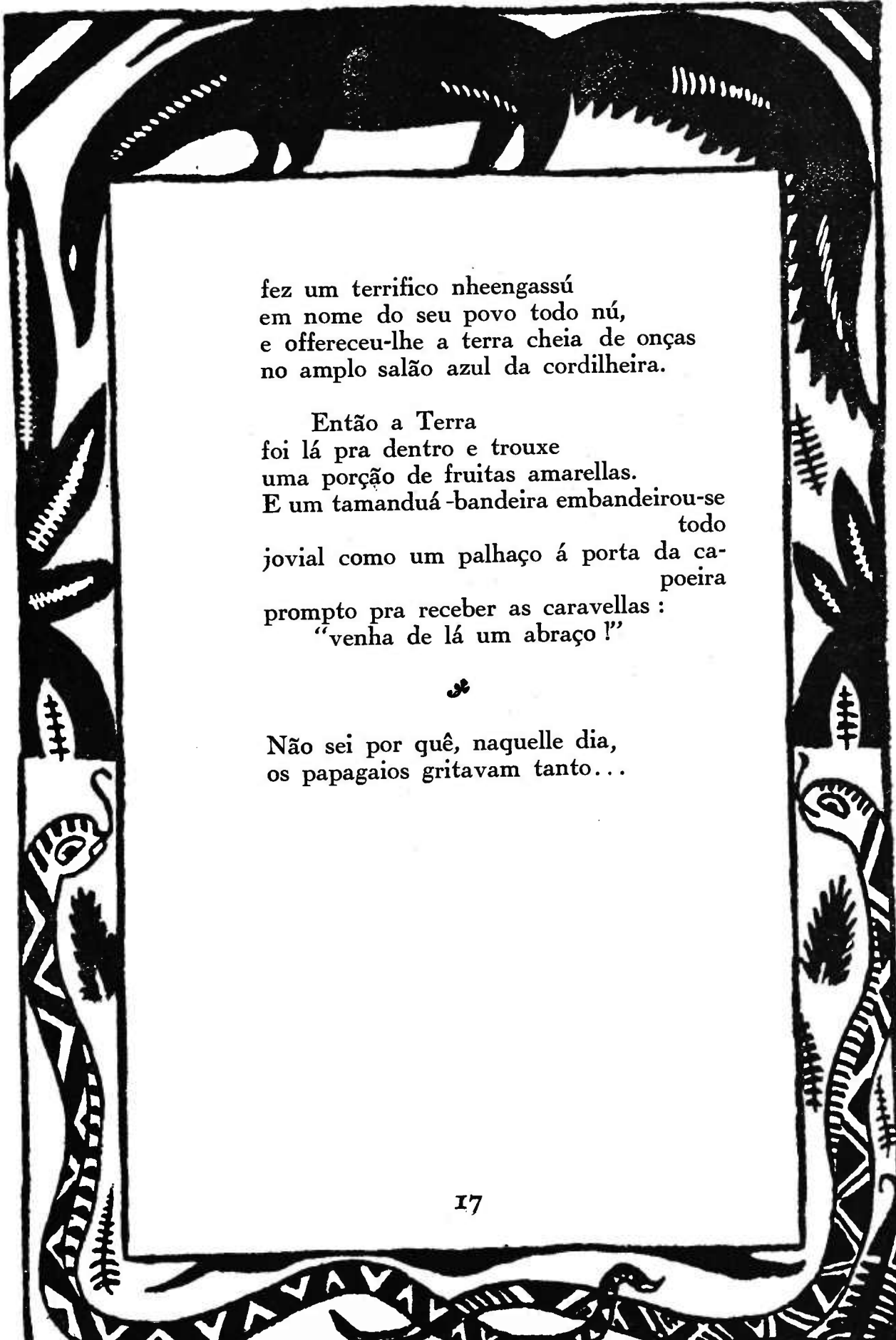


pedr' alvares, caçador de relampagos

O homem vindo do mar
embora acostumado a segurar relampagos pela
cauda,

começou a chorar de alegria,
ninguem acredita,
por ver tanta coisa bonita:
ah! não foi de soidade, isso não,
que não lhe doia o coração:
mas por vontade de dizer bem alto a todo o mundo
que chegára o seu dia...
que era aquelle o seu dia!

Então o morubixaba
que era o dono da taba,



fez um terrífico nheengassú
em nome do seu povo todo nú,
e ofereceu-lhe a terra cheia de onças
no amplo salão azul da cordilheira.

Então a Terra
foi lá pra dentro e trouxe
uma porção de frutas amarellas.
E um tamanduá-bandeira embandeirou-se
jovial como um palhaço á porta da ca-
poeira
prompto pra receber as caravellas :
“venha de lá um abraço !”



Não sei por quê, naquelle dia,
os papagaios gritavam tanto...

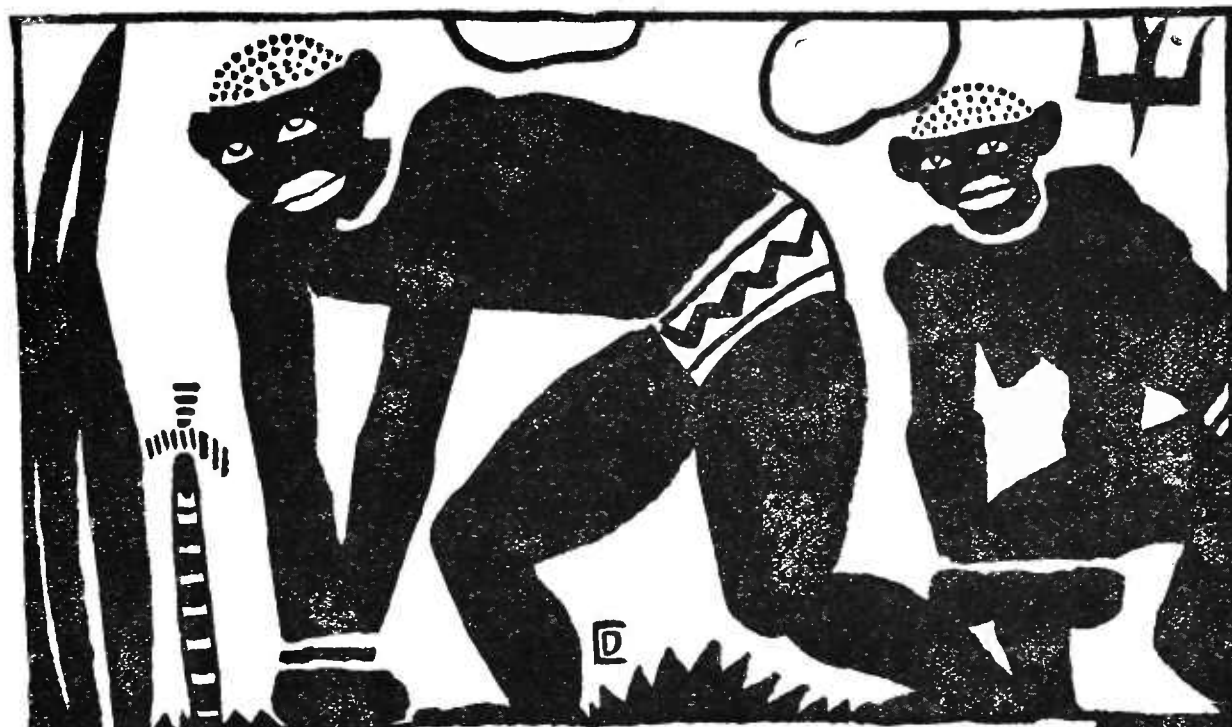


signal no ceu

(... Aquella cruz meio torta de estrelas
que começou a scintillar sobre nossas cabeças
dentro da noite fria era o prenuncio
da Terra nova, abarrotada de surpresa,
prompta a acceitar os foragidos de outras

patrias,
os degredados que ficassem pela praia,
o bando errante dos primeiros povoadores,
a alma dourada dos primeiros trovadores...

Mas era a estranha prophacia
de que, sem carregar a cruz de estrelas brancas
na Terra nova que tudo isso offerencia,
homem que lhe colhesse o ouro dos frutos
digno della não seria).



**a uiára lhe disse:
vae buscar
a noite...**



a noite africana


“A noite morava lá longe
porque ao começo era só dia.

Havia uma terra encantada
guardada por onças vermelhas
onde morava a indigena mais formosa
que os meus olhos têm visto :
a mesma que hoje móra
com o nome de uiára...”

E houve um marujo caçador de relampagos
que pretendeu casar com a indigena formosa
e ella lhe disse : “vae buscar a noite”.



Então o marujo partiu, com os seus navios aventureiros
e foi buscar a noite.

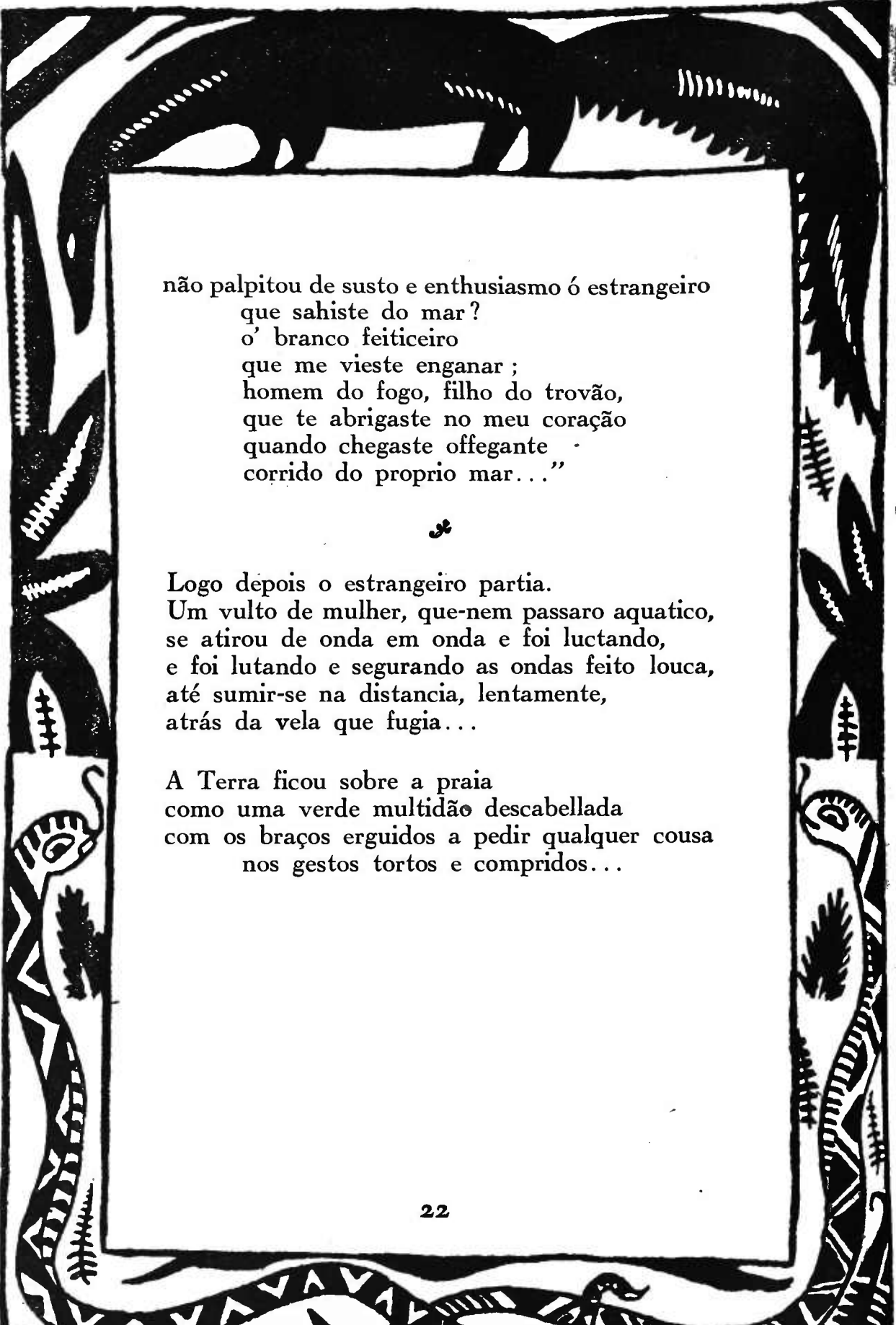


terra amorosa

“Quando viéste do mar e não tinhas
siquer um leito onde repousar
eu estendi no chão o couro de um jaguar.
Era um couro amarello e macio...
mais macio que uma onda do mar.

Quando vieste com fome, tremendo de frio,
eu dei-te a carne dos meus frutos,
o conchego das plumas quentes, o mel puro
do meu amor bravio
mais bravio que uma onda do mar.

Que seria de ti, ó estrangeiro,
si as minhas lagrimas não houvessem desarmado
o braço rudo que se havia levantado
sobre a tua cabeça á hora do castigo?
E quanta vez, por tua causa,
a minha flexa não silvou no espaço?
E quanta vez por tua causa o meu seio trigueiro




não palpitou de susto e entusiasmo ó estrangeiro
que sahiste do mar?
o' branco feiticeiro
que me vieste enganar ;
homem do fogo, filho do trovão,
que te abrigaste no meu coração
quando chegaste offegante
corrido do proprio mar..."



Logo depois o estrangeiro partia.
Um vulto de mulher, que-nem passaro aquatico,
se atirou de onda em onda e foi luctando,
e foi lutando e segurando as ondas feito louca,
até sumir-se na distancia, lentamente,
atrás da vela que fugia...

A Terra ficou sobre a praia
como uma verde multidão descabellada
com os braços erguidos a pedir qualquer coisa
nos gestos tortos e compridos...

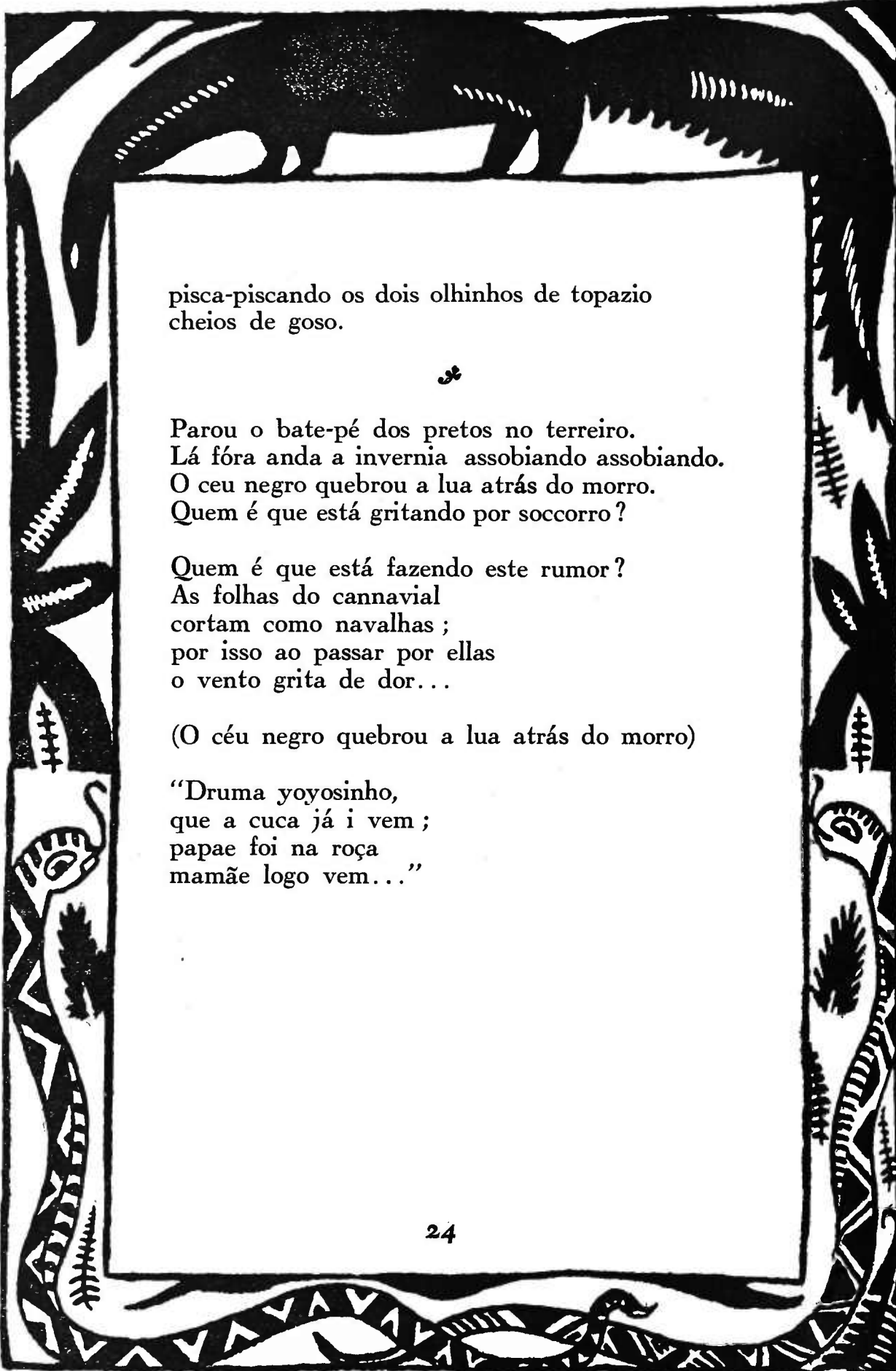


mãe - p r e t a

Havia uma voz de choro
dentro da noite brasileira :
“druma yoyosinho
que a cuca já i vem ;
papae foi na roça
mamãe logo vem...”

E a noite punha em cada sonho de creança
uma porção de lanterninhas de ouro.
E o dia era um bazar onde havia brinquedos
bólas de joá, pennas de arara ou papagaios ;
dia-palhaço oferecendo os seus tucanos de
vellido
arvores-carnaval que jogavam entrudo.

Cada creança ainda em botão
chupava ao peito de carvão de uma ama escrava
a alva espuma de um luar gostoso tão gostoso
que o pequerrucho resmungava



pisca-piscando os dois olhinhos de topazio
cheios de goso.



Parou o bate-pé dos pretos no terreiro.
Lá fóra anda a invernia assobiando assobiando.
O ceu negro quebrou a lua atrás do morro.
Quem é que está gritando por socorro?

Quem é que está fazendo este rumor?
As folhas do cannavial
cortam como navalhas;
por isso ao passar por ellas
o vento grita de dor...

(O céu negro quebrou a lua atrás do morro)

“Druma yoyosinho,
que a cuca já i vem;
papai foi na roça
mamãe logo vem...”



a morte do zambi

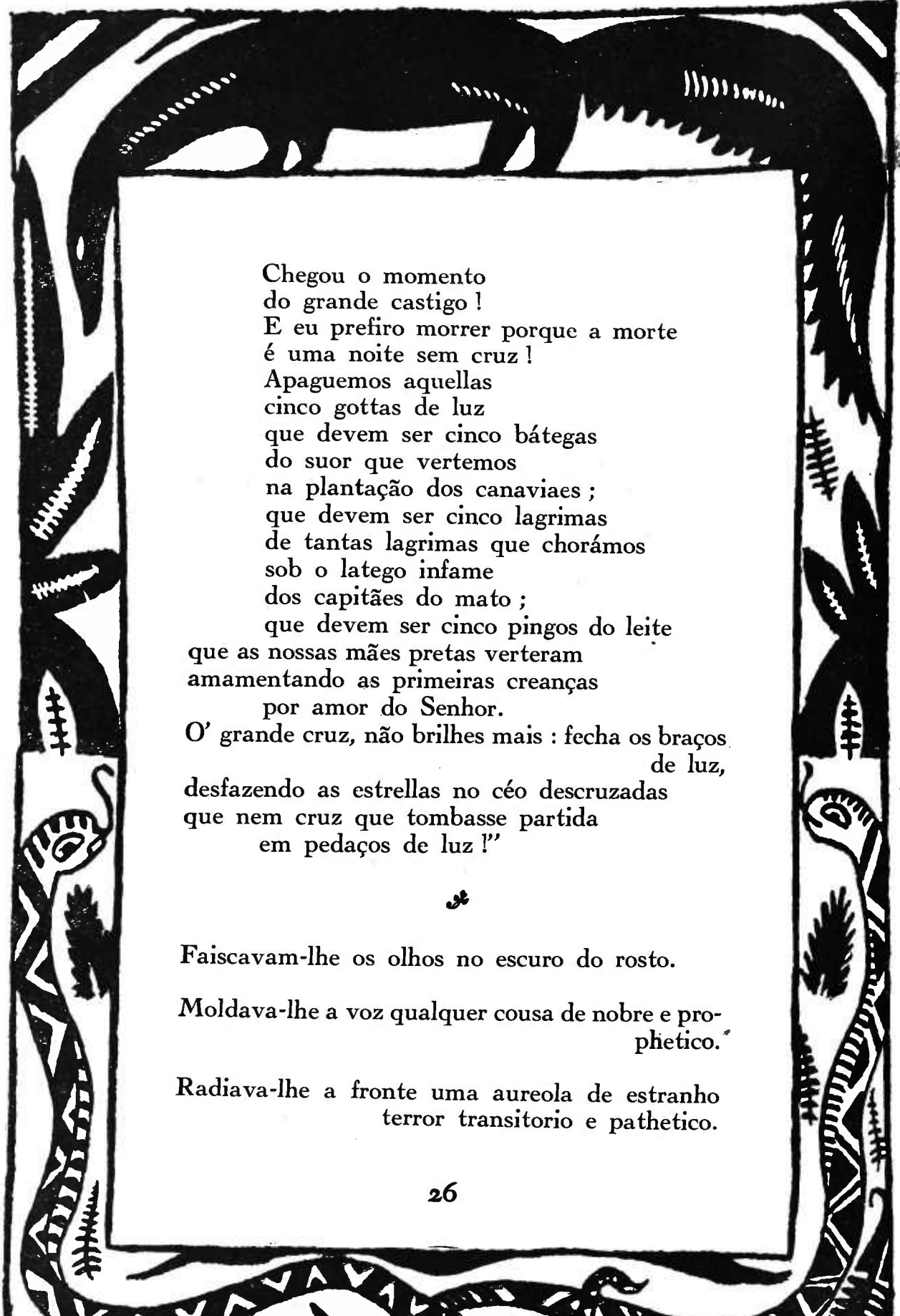
Na verde moldura da serra
riscou-se a carvão a Republica negra.

E cada canhambóra moribundo
de venta larga e pé chato
pingando sangue pelo corpo
era uma noite humana a quem o relho
do capitão do mato
estrellou de vermelho.



Mas eu tenho pra mim
que o chefe dos negros falou
mais ou menos assim :

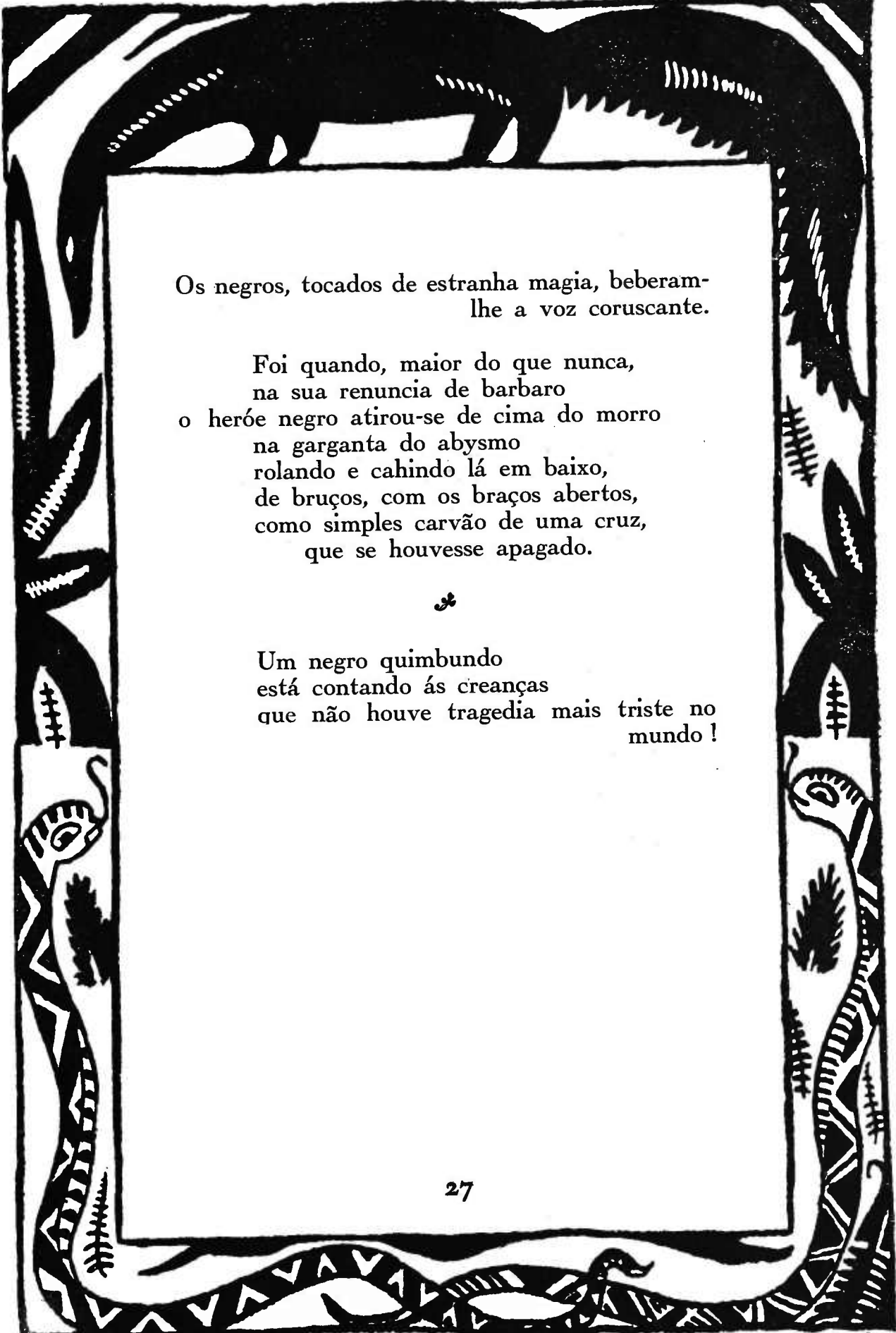
“Lutamos ha quasi cem annos.
Morreu a lavoura nas mãos do inimigo.
Maior do que a guerra nos montes por entre as
trincheiras de pedra é o phantasma da fome
que ronda os mocambos !



Chegou o momento
do grande castigo !
E eu prefiro morrer porque a morte
é uma noite sem cruz !
Apaguemos aquellas
cinco gottas de luz
que devem ser cinco bátegas
do suor que vertemos
na plantação dos canaviaes ;
que devem ser cinco lagrimas
de tantas lagrimas que chorámos
sob o latego infame
dos capitães do mato ;
que devem ser cinco pingos do leite
que as nossas mães pretas verteram
amamentando as primeiras creanças
por amor do Senhor.
O' grande cruz, não brilhes mais : fecha os braços
de luz,
desfazendo as estrellas no céu descruzadas
que nem cruz que tombasse partida
em pedaços de luz !"



Faiscavam-lhe os olhos no escuro do rosto.
Moldava-lhe a voz qualquer cousa de nobre e prophetic.
Radiava-lhe a fronte uma aureola de estranho
terror transitorio e pathetico.

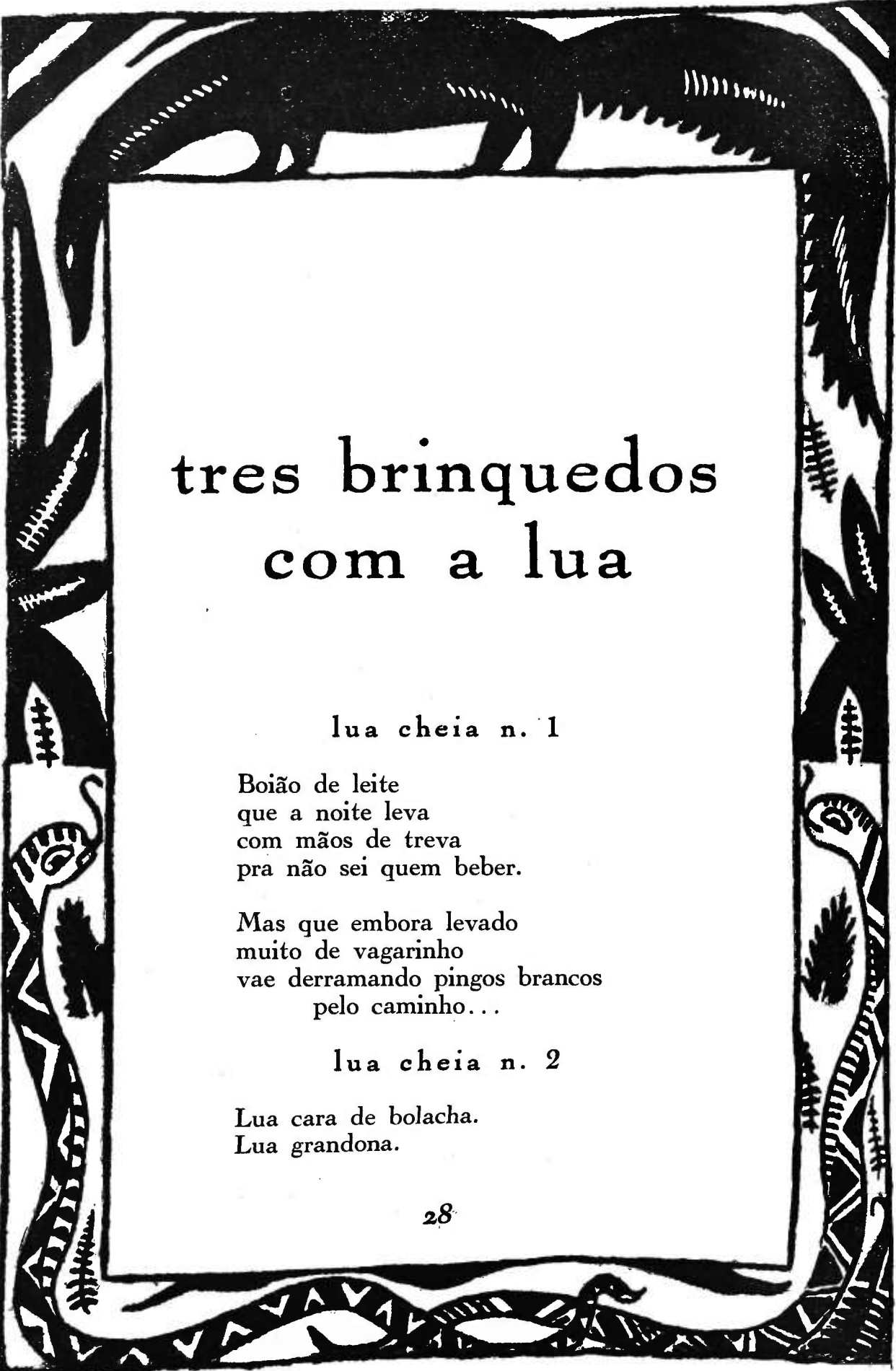


Os negros, tocados de estranha magia, beberam-
lhe a voz coruscante.

Foi quando, maior do que nunca,
na sua renuncia de barbaro
o heróe negro atirou-se de cima do morro
na garganta do abysmo
rolando e cahindo lá em baixo,
de bruços, com os braços abertos,
como simples carvão de uma cruz,
que se houvesse apagado.



Um negro quimbundo
está contando ás creanças
que não houve tragedia mais triste no
mundo !



tres brinquedos com a lua

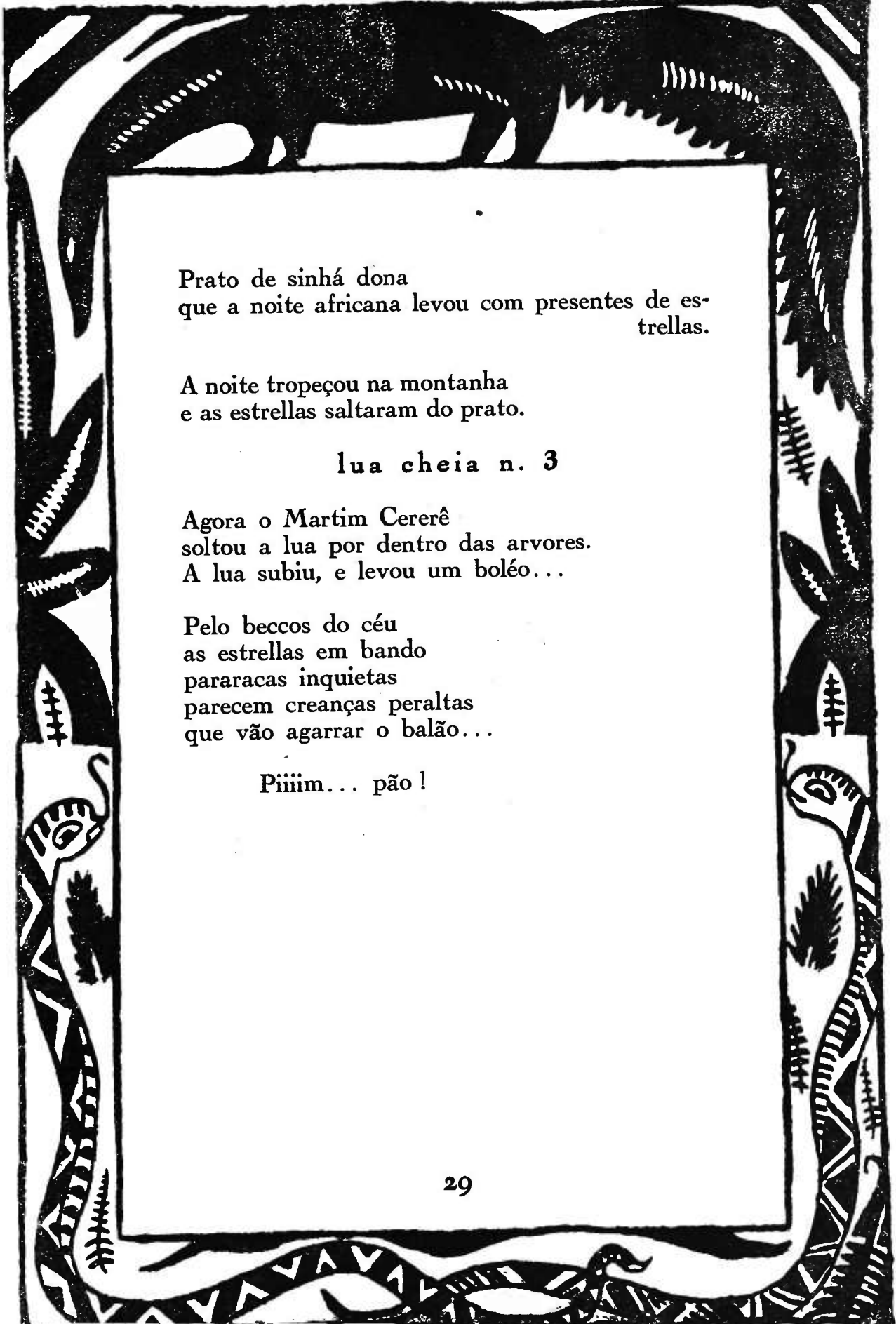
lua cheia n. 1

Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.

Mas que embora levado
muito de vagarinho
vae derramando pingos brancos
pelo caminho...

lua cheia n. 2

Lua cara de bolacha.
Lua grandona.



Prato de sinhá dona
que a noite africana levou com presentes de es-
trellas.

A noite tropeçou na montanha
e as estrellas saltaram do prato.

lua cheia n. 3

Agora o Martim Cererê
soltou a lua por dentro das arvores.
A lua subiu, e levou um boléo...

Pelo beccos do céu
as estrellas em bando
pararacas inquietas
parecem creanças peraltas
que vão agarrar o balão...

Piiiiim... pão!



a onça preta

O' minha noite selvagem
de pêlo barbaro e macio.

O' minha onça preta
que vaes pelo vão de ramagem
beber a agua do rio caassununga
onde o vento resmunga...

O' minha onça preta
toda mosqueada de pyrilampos !

Quando appareces pelo mato
para beber a agua do rio
todas as arvores tremem de mêdo...
todos os homens tremem de frio.



O' minha noite selvagem
toda mosqueada de pyrilampos !



**a noite veio...
então nasceram
os gigantes,
heróis das
tres côres.**



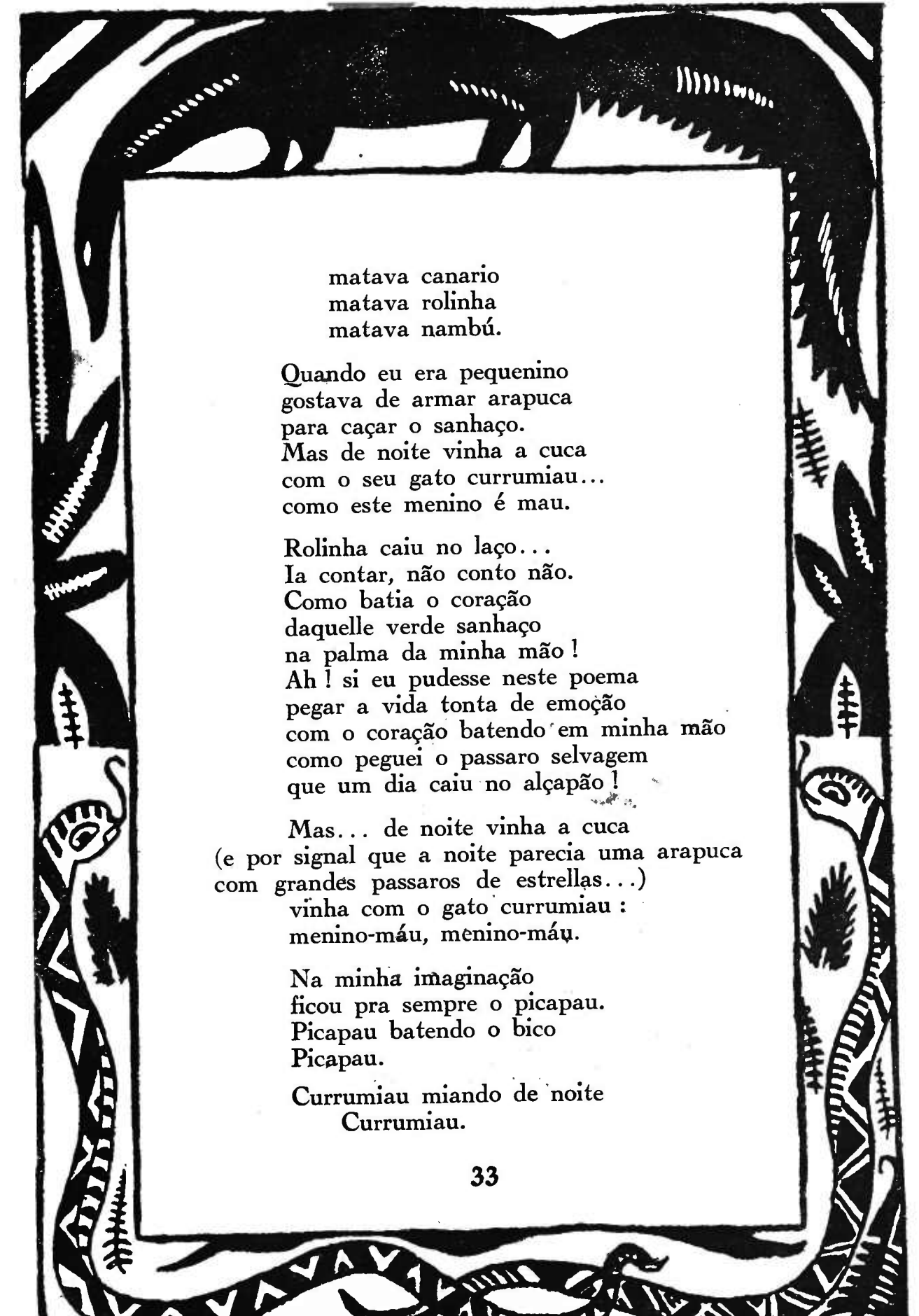


meus oito annos

(a Oswald de Andrade)

No tempo de pequenino
eu tinha medo da cuca
velhinha de óculos pretos
que morava atrás da porta.
Um gato a dizer currumiau
de noite na casa escura...
Picapau batendo o bico
picapau, pau, pau.

Quando eu era pequenino
fazia bolótas de barro
punha no sol pra seccar.
Cada bolóta daquella
dura, redonda, amarella,
jogada com o meu certoiro
botoque de guatambú,



matava canario
matava rolinha
matava nambú.

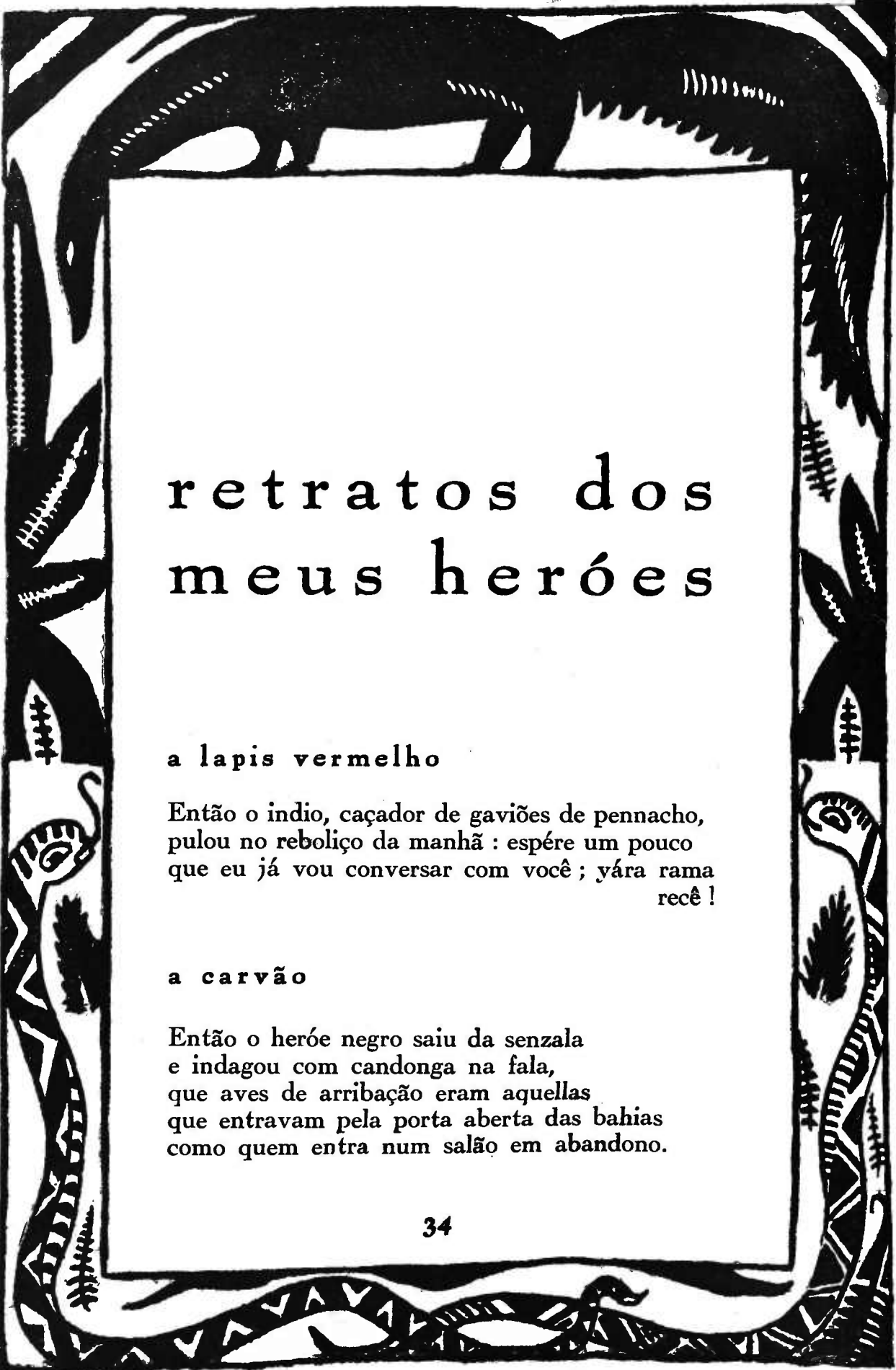
Quando eu era pequenino
gostava de armar arapuca
para caçar o sanhaço.
Mas de noite vinha a cuca
com o seu gato currumiau...
como este menino é mau.

Rolinha caiu no laço...
Ia contar, não conto não.
Como batia o coração
daquelle verde sanhaço
na palma da minha mão!
Ah! si eu pudesse neste poema
pegar a vida tonta de emoção
com o coração batendo em minha mão
como peguei o passaro selvagem
que um dia caiu no alçapão!

Mas... de noite vinha a cuca
(e por signal que a noite parecia uma arapuca
com grandes passaros de estrellas...)
vinha com o gato currumiau:
menino-máu, menino-máu.

Na minha imaginação
ficou pra sempre o picapau.
Picapau batendo o bico
Picapau.

Currumiau miando de noite
Currumiau.



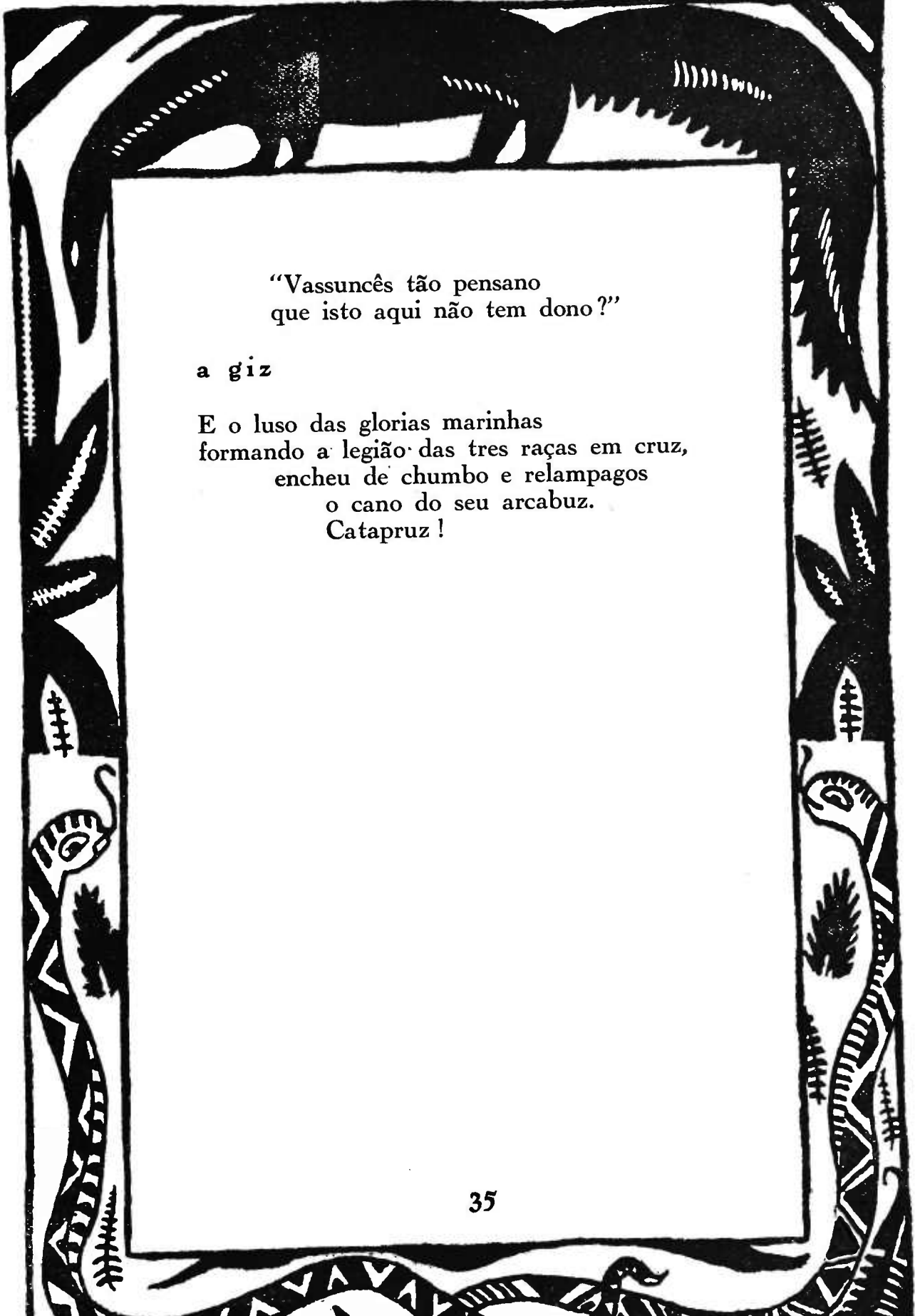
retratos dos meus heróes

a lapis vermelho

Então o indio, caçador de gaviões de pennacho,
pulou no reboiço da manhã : espére um pouco
que eu já vou conversar com você ; yára rama
recê !

a carvão

Então o heróe negro saiu da senzala
e indagou com candonga na fala,
que aves de arribação eram aquellas
que entravam pela porta aberta das bahias
como quem entra num salão em abandono.



“Vassuncês tão pensano
que isto aqui não tem dono?”

a giz

E o luso das glorias marinhas
formando a legião das tres raças em cruz,
encheu de chumbo e relampagos
o cano do seu arcabuz.
Catapruz!



r a ç a n o v a

A terra de tanga
casou-se com o dia marítimo.

Então nasceram os gigantes,
heróis das tres cores :
os caçadores de esmeraldas,
os ladrões de diamantes,
os violadores do sertão ;
uns que nasceram da saudade,
outros nascidos da ambição.

E o primeiro tropel das bandeiras
bateu á porta do sertão.



tropel de gigantes

Os gigantes calçaram as botas de couro
e bateram á porta do sertão :

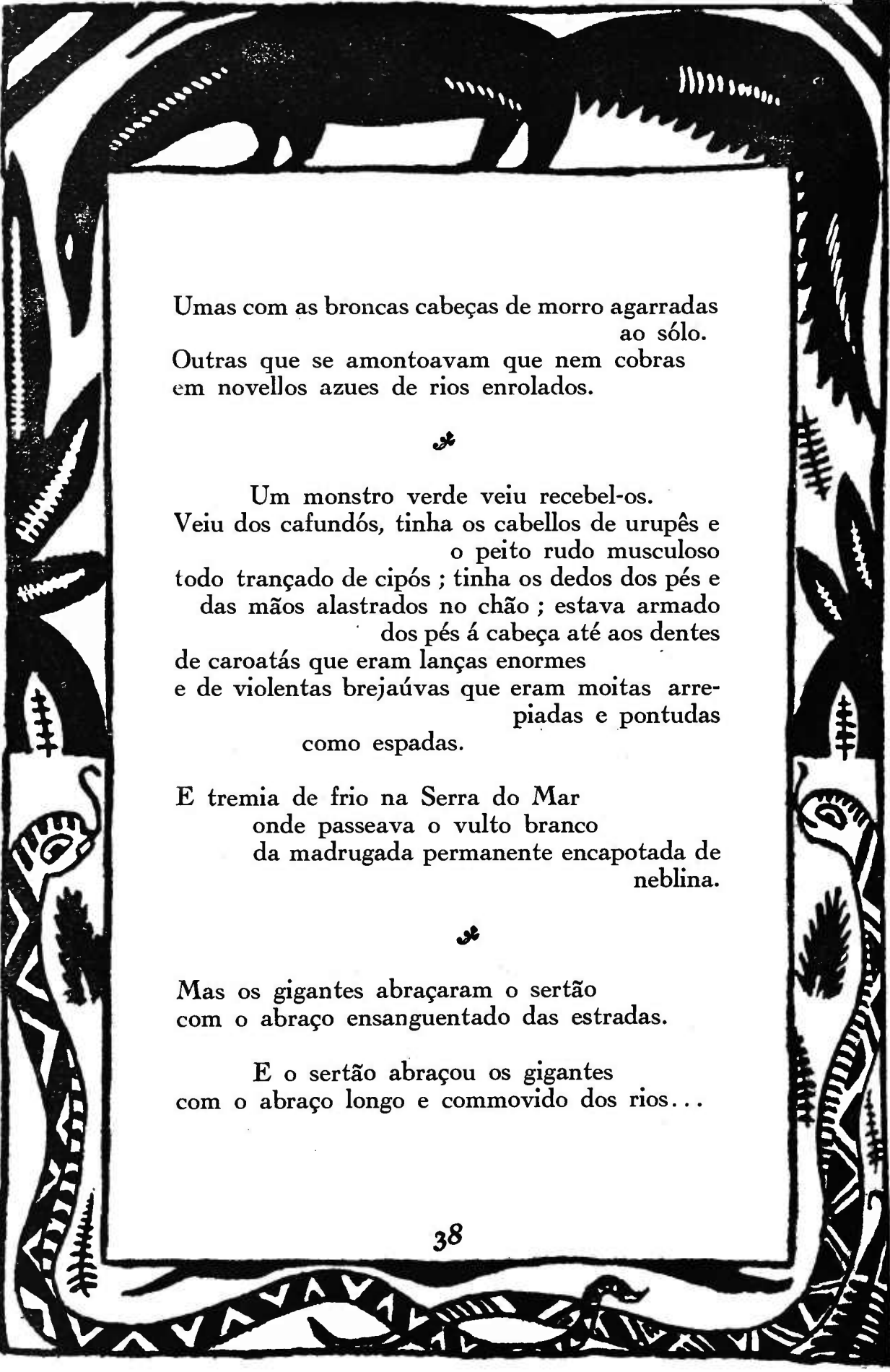
Lá se foi Botafogo ;
lá se foi Manuel Preto ;
lá se foi Cunha Gago ;
lá se foi Anhanguéra.

Gato e Raposo também foram.
com as suas bandeiras de assalto.

Partia a procissão... tocava um sino no planalto.
Nossos avós choravam de emoção...

Isto foi ao começo das cousas ao tempo das onças
com cara de gato malhadas de preto.
Não se ouvia outra cousa sinão o rumor de um
Brasil barulhento escondido no mato.

Ahi dentro dormiam
quasi nove milhões de kilometros quadrados.
Amontoavam-se leguas no escuro das grotas :



Umas com as broncas cabeças de morro agarradas
ao sólo.
Outras que se amontoavam que nem cobras
em novellos azues de rios enrolados.



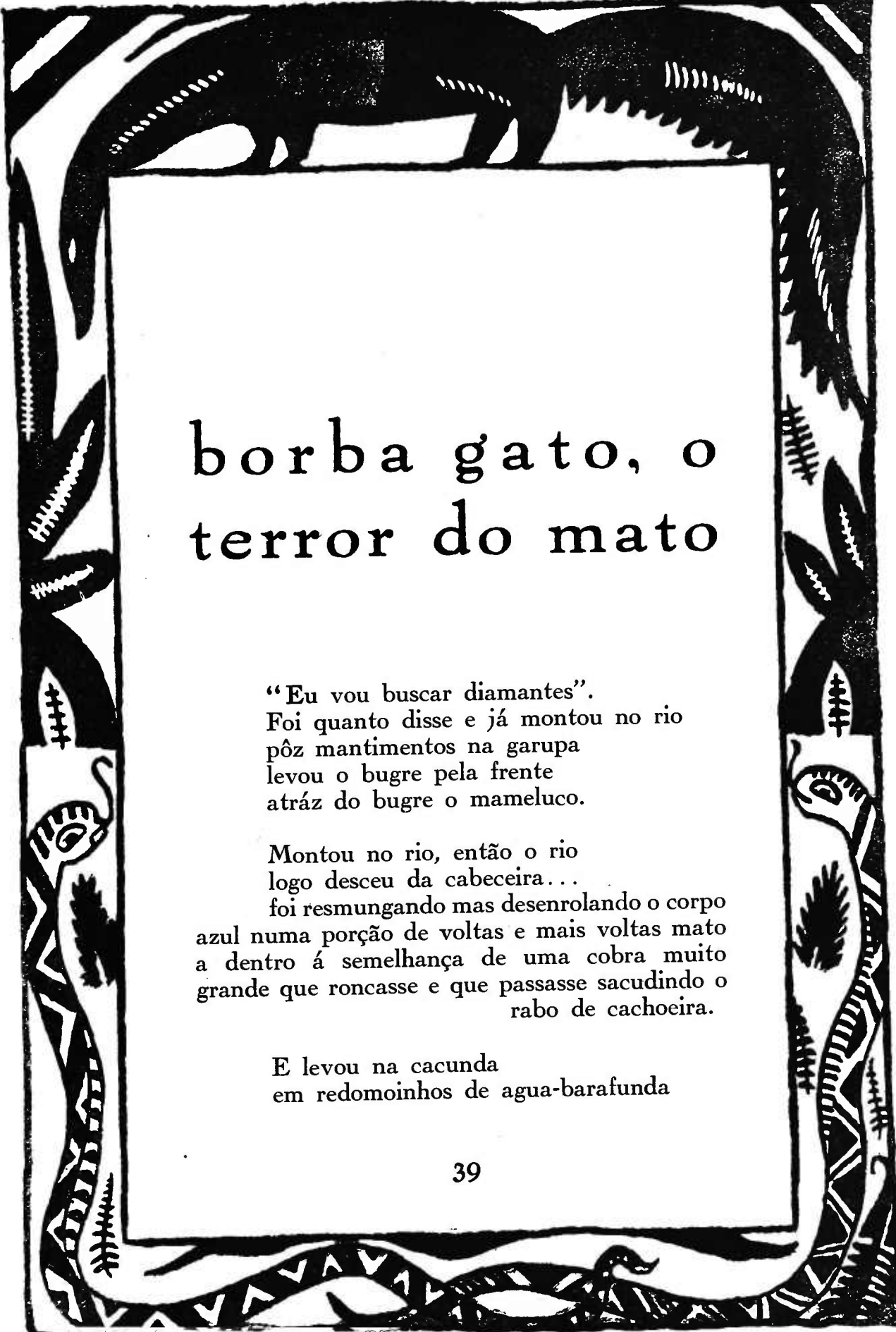
Um monstro verde veiu recebel-os.
Veiu dos cafundós, tinha os cabellos de urupês e
o peito rudo musculoso
todo trançado de cipós ; tinha os dedos dos pés e
das mãos alastrados no chão ; estava armado
dos pés á cabeça até aos dentes
de carcoatás que eram lanças enormes
e de violentas brejaúvas que eram moitas arre-
piadas e pontudas
como espadas.

E tremia de frio na Serra do Mar
onde passeava o vulto branco
da madrugada permanente encapotada de
neblina.



Mas os gigantes abraçaram o sertão
com o abraço ensanguentado das estradas.

E o sertão abraçou os gigantes
com o abraço longo e commovido dos rios...

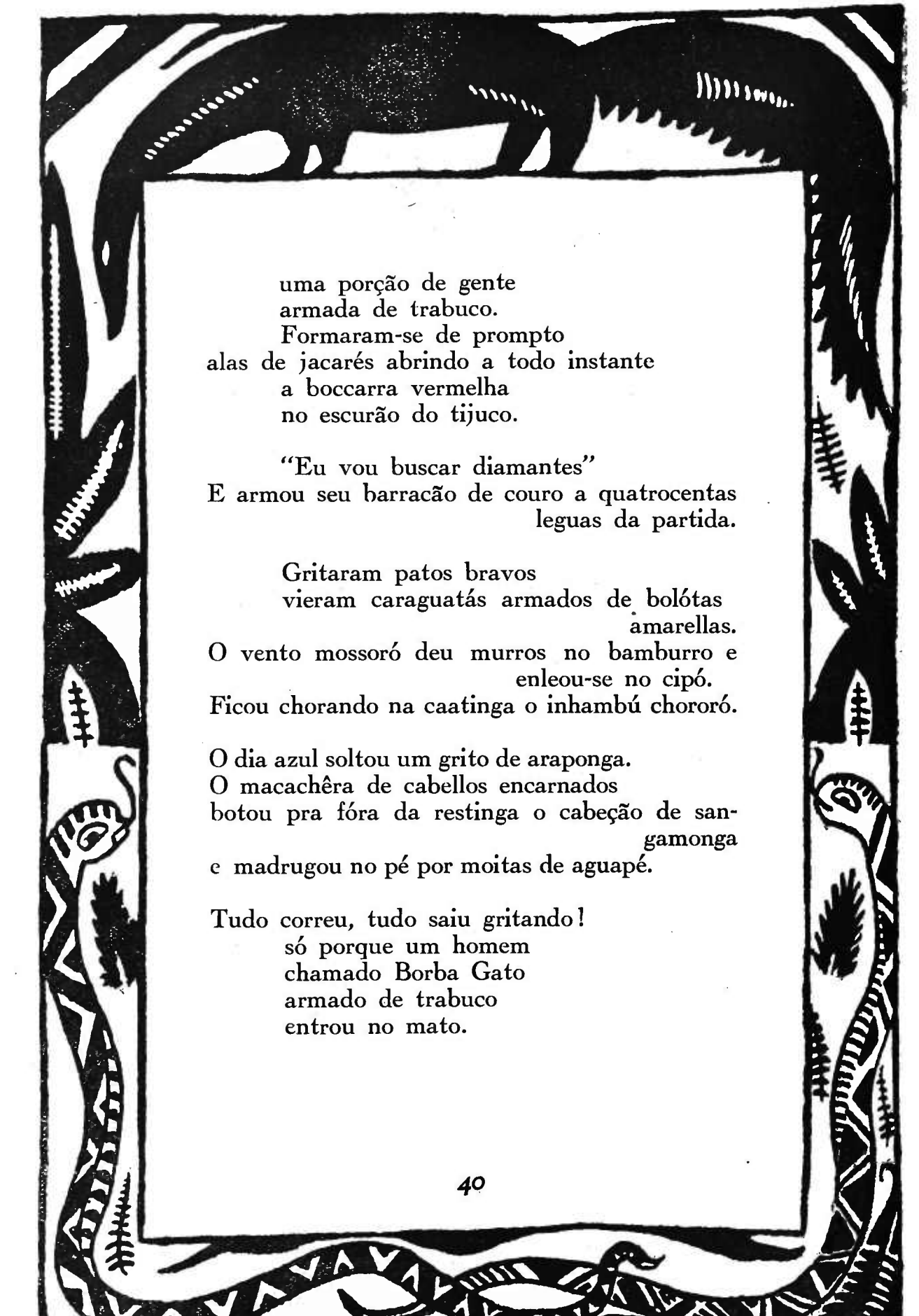


borba gato, o terror do mato

“Eu vou buscar diamantes”.
Foi quanto disse e já montou no rio
pôz mantimentos na garupa
levou o bugre pela frente
atrás do bugre o mameluco.

Montou no rio, então o rio
logo desceu da cabeceira...
foi resmungando mas desenrolando o corpo
azul numa porção de voltas e mais voltas mato
a dentro á semelhança de uma cobra muito
grande que roncasse e que passasse sacudindo o
rabo de cachoeira.

E levou na cacunda
em redomoinhos de agua-barafunda



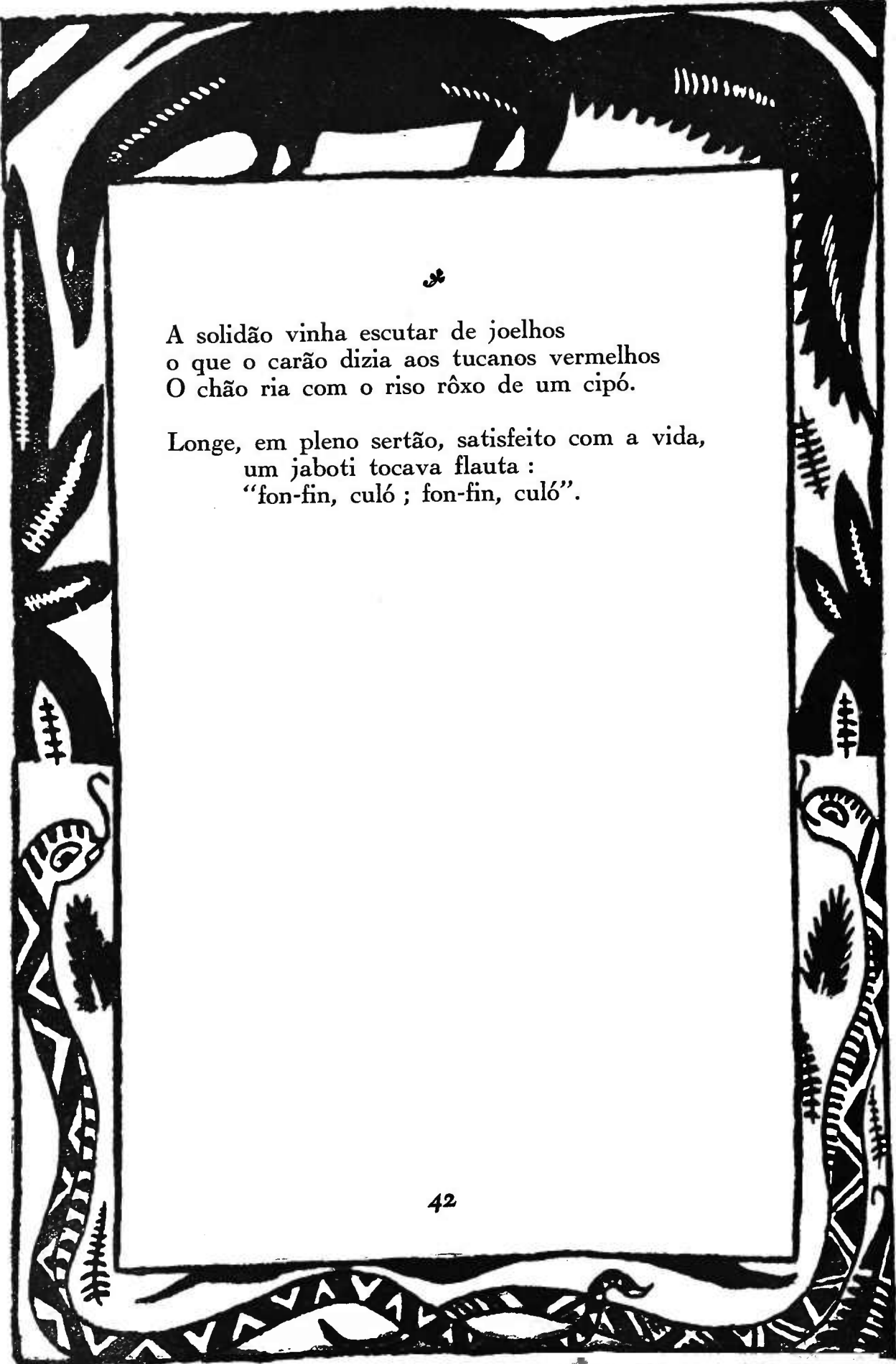
uma porção de gente
armada de trabuco.
Formaram-se de prompto
alas de jacarés abrindo a todo instante
a bocarra vermelha
no escurão do tijuco.

“Eu vou buscar diamantes”
E armou seu barracão de couro a quatrocentas
leguas da partida.

Gritaram patos bravos
vieram caragatás armados de bolótas
amarellas.
O vento mossoró deu murros no bamburro e
enleou-se no cipó.
Ficou chorando na caatinga o inhambú chororó.

O dia azul soltou um grito de araponga.
O macachêra de cabellos encarnados
botou pra fóra da restinga o cabeção de san-
gamonga
e madrugou no pé por moitas de aguapé.

Tudo correu, tudo saiu gritando!
só porque um homem
chamado Borba Gato
armado de trabuco
entrou no mato.



A solidão vinha escutar de joelhos
o que o carão dizia aos tucanos vermelhos
O chão ria com o riso rôxo de um cipó.

Longe, em pleno sertão, satisfeito com a vida,
um jaboti tocava flauta :
“fon-fin, culó ; fon-fin, culó”.



a s e n t r a d a s

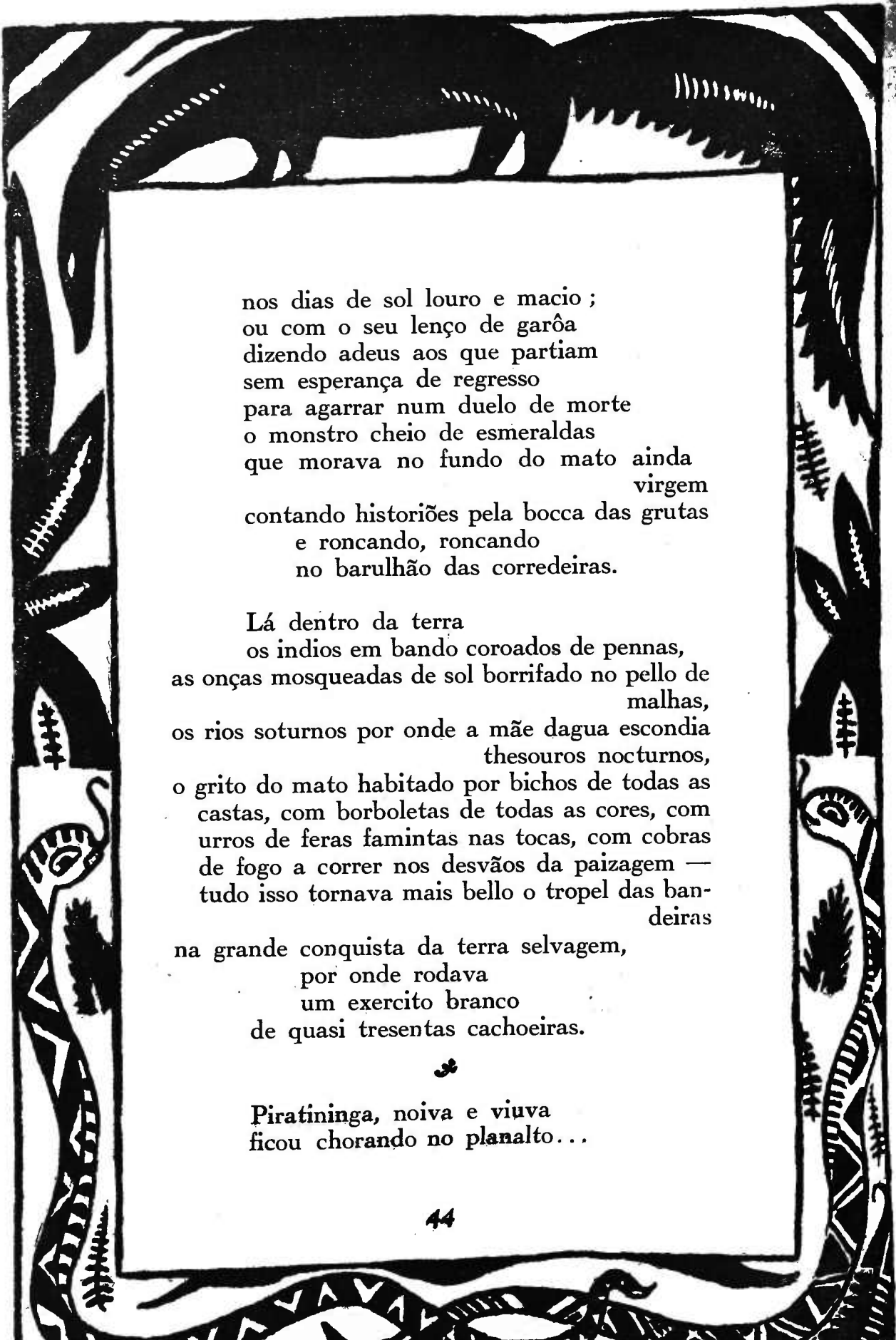
Cada bandeira
entrou no mato como um rio de tres cores.

E o rasto de cada gigante
era uma estrada que se abria
como um listão de sangue matinal no verde abso-
luto do sertão bruto.

Um furou os grotões de Itacambira :
outro sururucou por um vão matutino de serra !
Outro varou de ponta a ponta o continente ame-
ricano !

E lá se foi todo um tropel guerreiro
de mamelucos e de carijós para as geraes para o
sertão goyano
que era o adeus do nunca-mais !

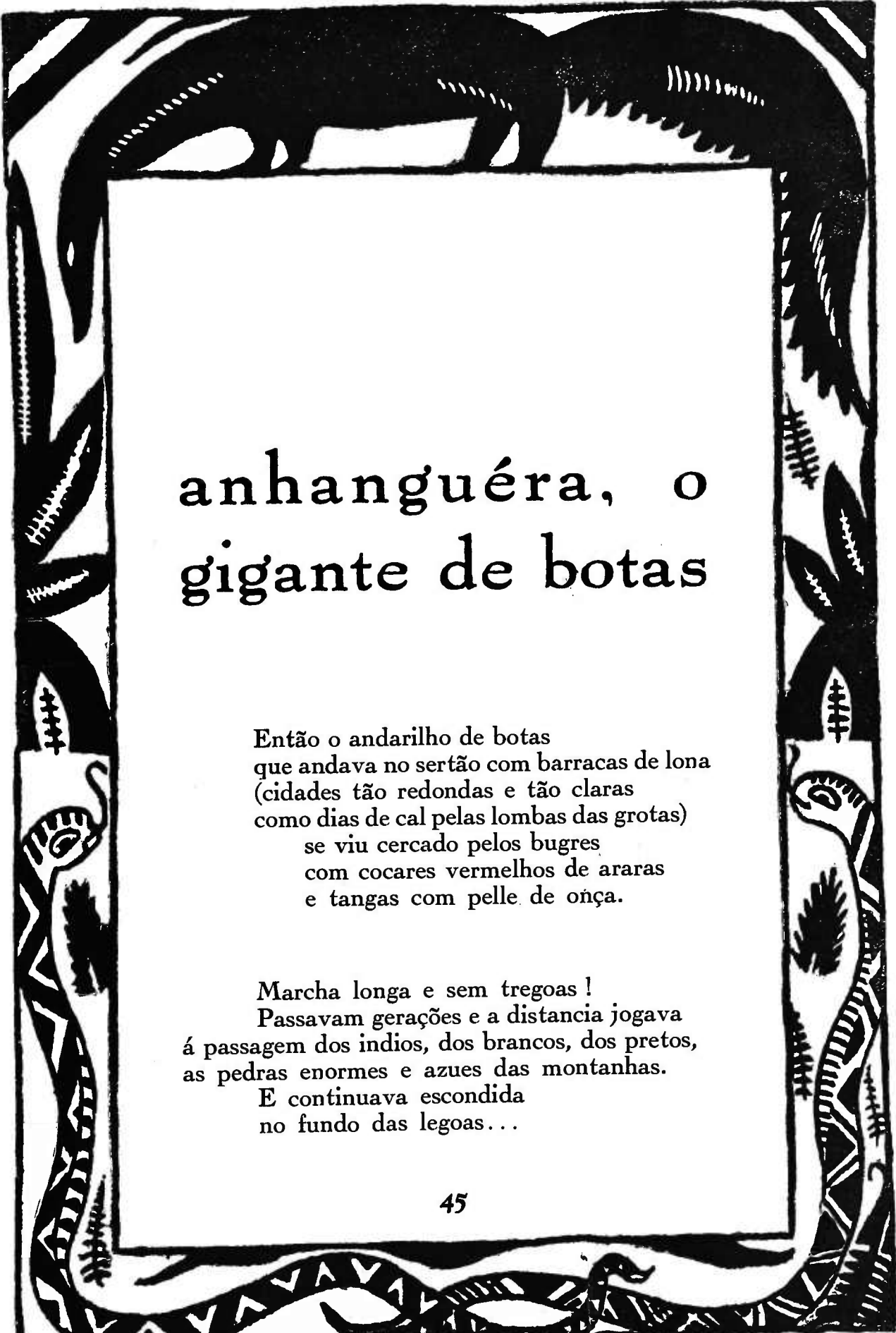
Piratininga com as suas mulheres
ficou chorando no planalto



nos dias de sol louro e macio ;
ou com o seu lenço de garôa
dizendo adeus aos que partiam
sem esperança de regresso
para agarrar num duelo de morte
o monstro cheio de esmeraldas
que morava no fundo do mato ainda
virgem
contando historiões pela bocca das grutas
e roncando, roncando
no barulhão das corredeiras.

Lá dentro da terra
os indios em bando coroados de pennas,
as onças mosqueadas de sol borrifado no pello de
malhas,
os rios soturnos por onde a mãe dagua escondia
thesouros nocturnos,
o grito do mato habitado por bichos de todas as
castas, com borboletas de todas as cores, com
urros de feras famintas nas tocas, com cobras
de fogo a correr nos desvãos da paizagem —
tudo isso tornava mais bello o tropel das ban-
deiras
na grande conquista da terra selvagem,
por onde rodava
um exercito branco
de quasi tresentas cachoeiras.

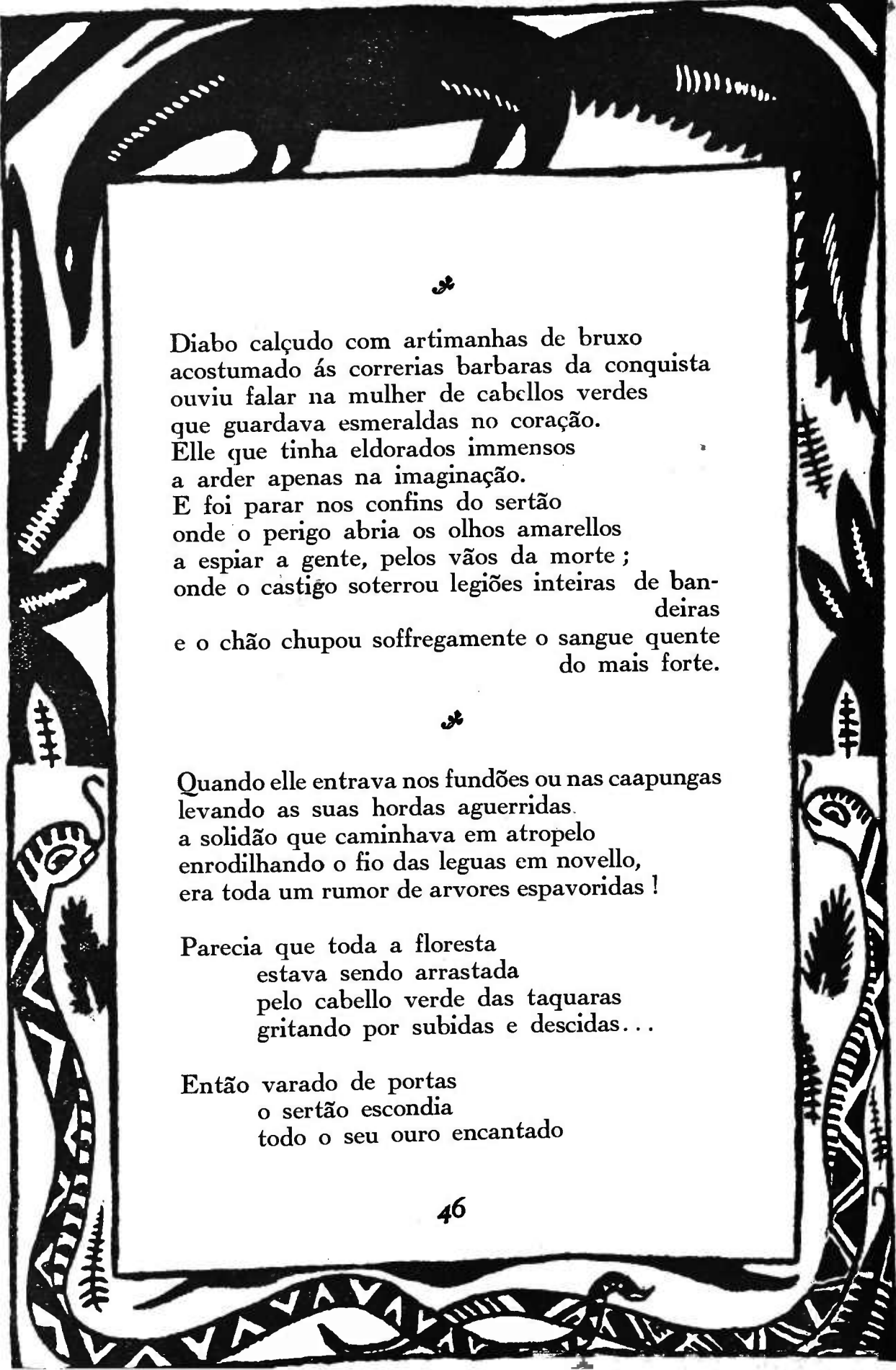
Piratininga, noiva e viuva
ficou chorando no planalto...



anhanguéra, o gigante de botas

Então o andarilho de botas
que andava no sertão com barracas de lona
(cidades tão redondas e tão claras
como dias de cal pelas lombas das grotas)
se viu cercado pelos bugres
com cocares vermelhos de araras
e tangas com pelle de onça.

Marcha longa e sem tregos !
Passavam gerações e a distancia jogava
á passagem dos indios, dos brancos, dos pretos,
as pedras enormes e azues das montanhas.
E continuava escondida
no fundo das legoas...



✻

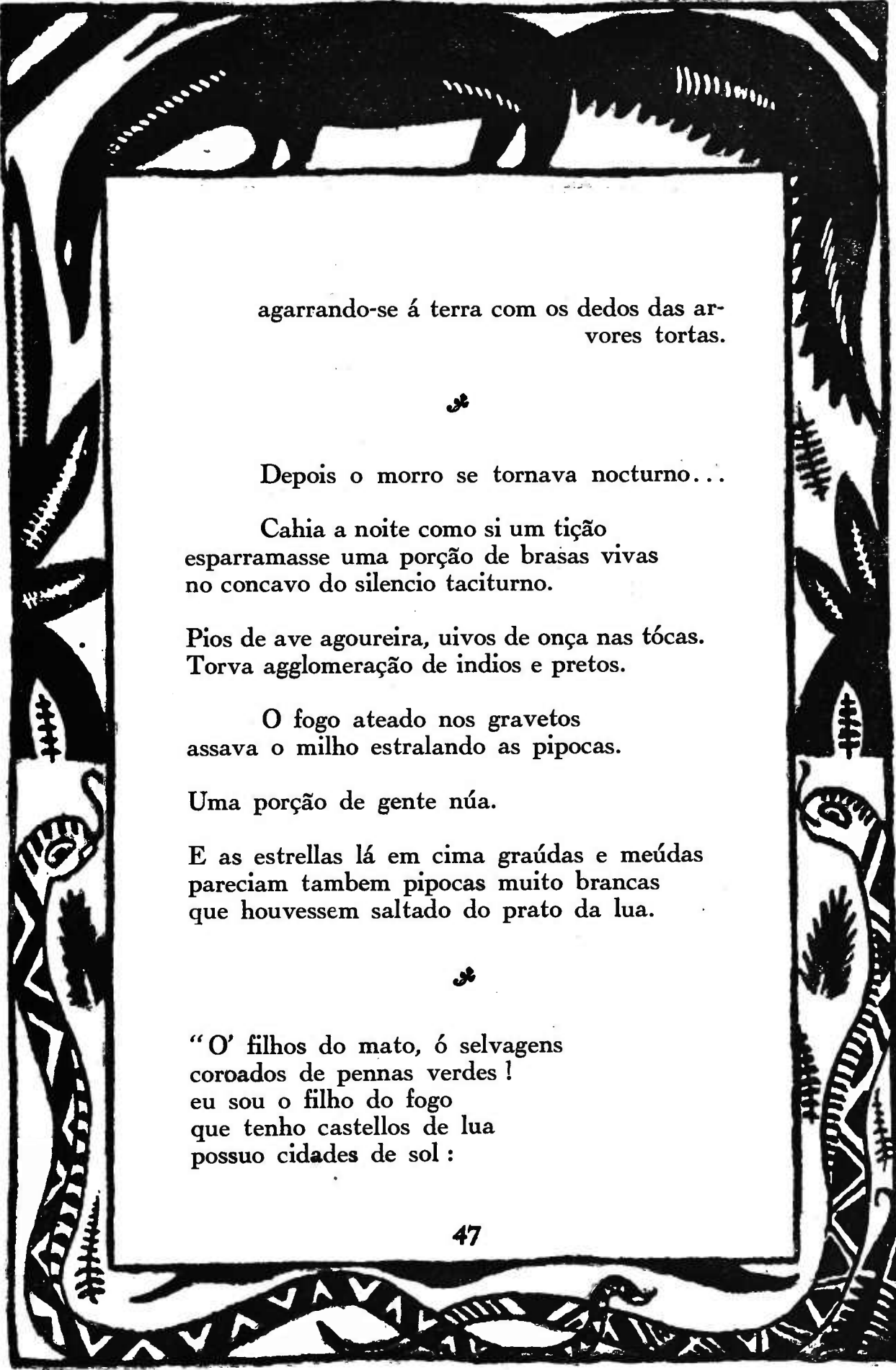
Diabo calçudo com artimanhas de bruxo
acostumado ás correrias barbaras da conquista
ouviu falar na mulher de cabellos verdes
que guardava esmeraldas no coração.
Elle que tinha eldorados immensos
a arder apenas na imaginação.
E foi parar nos confins do sertão
onde o perigo abria os olhos amarellos
a espiar a gente, pelos vãos da morte ;
onde o castigo soterrou legiões inteiras de ban-
deiras
e o chão chupou soffregamente o sangue quente
do mais forte.

✻

Quando elle entrava nos fundões ou nas caapungas
levando as suas hordas aguerridas.
a solidão que caminhava em atropelo
enrodilhando o fio das leguas em novello,
era toda um rumor de arvores espavoridas !

Parecia que toda a floresta
estava sendo arrastada
pelo cabelo verde das taquaras
gritando por subidas e descidas...

Então varado de portas
o sertão escondia
todo o seu ouro encantado



agarrando-se á terra com os dedos das ar-
vores tortas.



Depois o morro se tornava nocturno...

Cahia a noite como si um tição
esparramasse uma porção de brasas vivas
no concavo do silencio taciturno.

Pios de ave agoureira, uivos de onça nas tócas.
Torva aglomeração de indios e pretos.

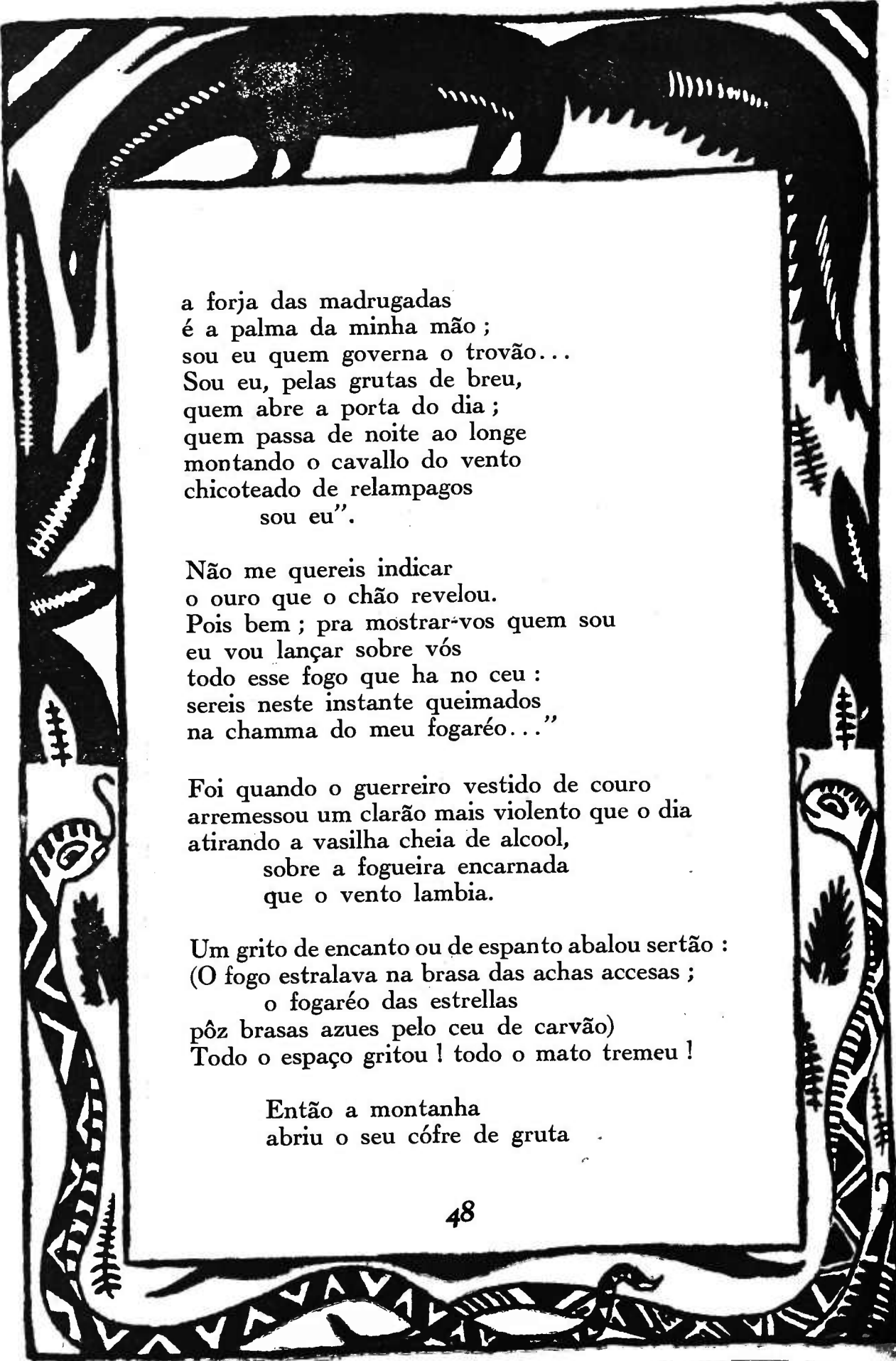
O fogo atado nos gravetos
assava o milho estralando as pipocas.

Uma porção de gente núa.

E as estrellas lá em cima graúdas e meúdas
pareciam tambem pipocas muito brancas
que houvessem saltado do prato da lua.



“O’ filhos do mato, ó selvagens
coroados de pennas verdes !
eu sou o filho do fogo
que tenho castellos de lua
posso cidades de sol :



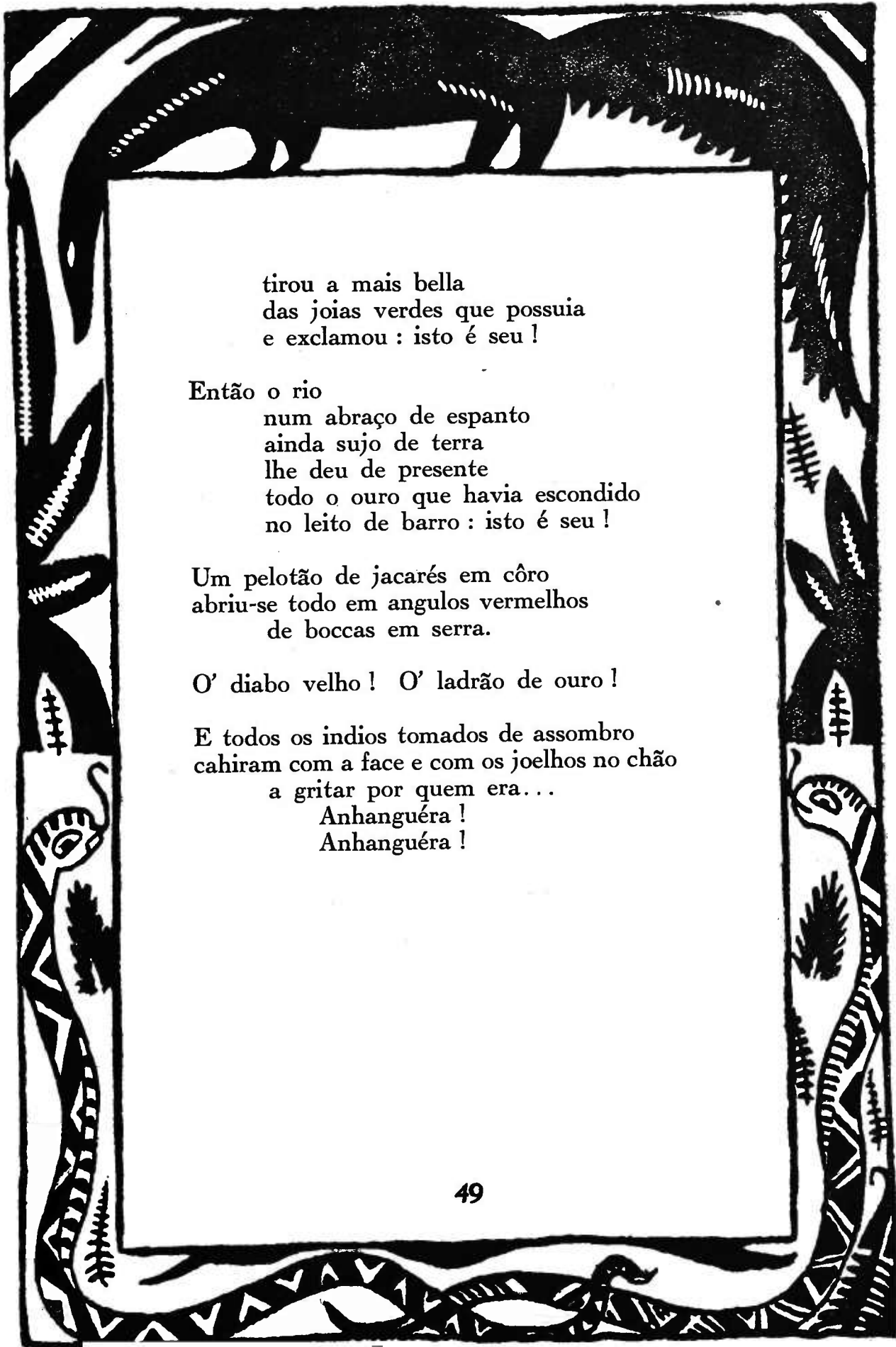
a forja das madrugadas
é a palma da minha mão ;
sou eu quem governa o trovão...
Sou eu, pelas grutas de breu,
quem abre a porta do dia ;
quem passa de noite ao longe
montando o cavallo do vento
chicoteado de relampagos
sou eu”.

Não me quereis indicar
o ouro que o chão revelou.
Pois bem ; pra mostrar-vos quem sou
eu vou lançar sobre vós
todo esse fogo que ha no ceu :
sereis neste instante queimados
na chamma do meu fogaréo...”

Foi quando o guerreiro vestido de couro
arremessou um clarão mais violento que o dia
atirando a vasilha cheia de alcool,
sobre a fogueira encarnada
que o vento lambia.

Um grito de encanto ou de espanto abalou sertão :
(O fogo estralava na brasa das achas accesas ;
o fogaréo das estrellas
pôz brasas azues pelo ceu de carvão)
Todo o espaço gritou ! todo o mato tremeu !

Então a montanha
abriu o seu cófre de gruta



tirou a mais bella
das joias verdes que possuia
e exclamou : isto é seu !

Então o rio
num abraço de espanto
ainda sujo de terra
lhe deu de presente
todo o ouro que havia escondido
no leito de barro : isto é seu !

Um pelotão de jacarés em côro
abriu-se todo em angulos vermelhos
de boccas em serra.

O' diabo velho ! O' ladrão de ouro !

E todos os indios tomados de assombro
cahiram com a face e com os joelhos no chão
a gritar por quem era...
Anhanguéra !
Anhanguéra !



o canto do uirapurú

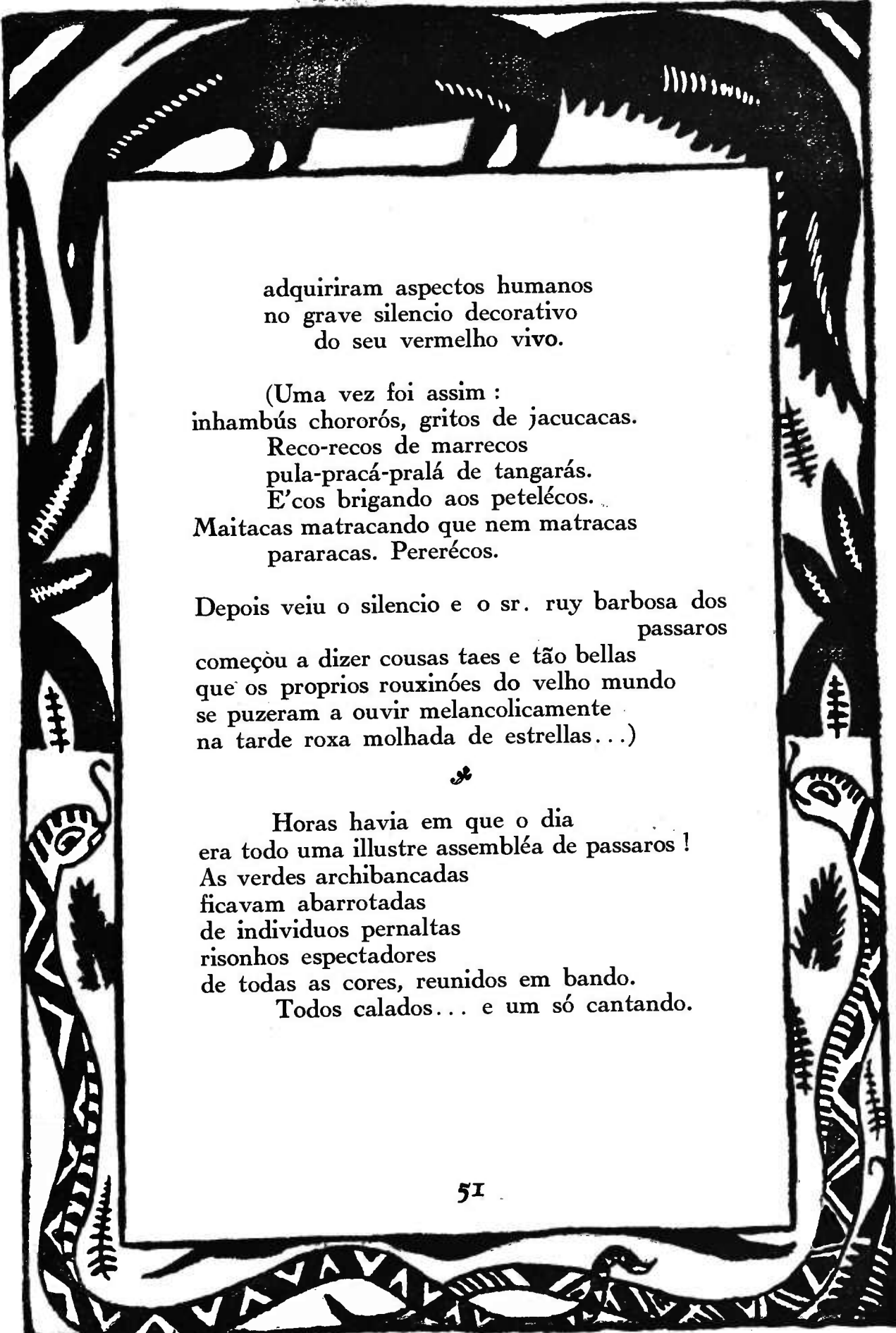
— O uirapurú é quem vae cantar !
Tenha a palavra o uirapurú !

Multidão calculada em dois mil palradores.
O mato uma só admiração carregada num cesto
de flores !

As bananeiras commovidas
numa grande revoada
de folhas languidas e calmas
como si fossem mãos compridas
erguidas no ar, bateram palmas !

E o uirapurú, ruy-barbosa dos passaros,
subiu á tribuna e falou : meus senhores !

Então cessou o pereréco
dos japós amarellos.
As acauans de papo rubro
pararam de caçar serpentes ; e os tucanos



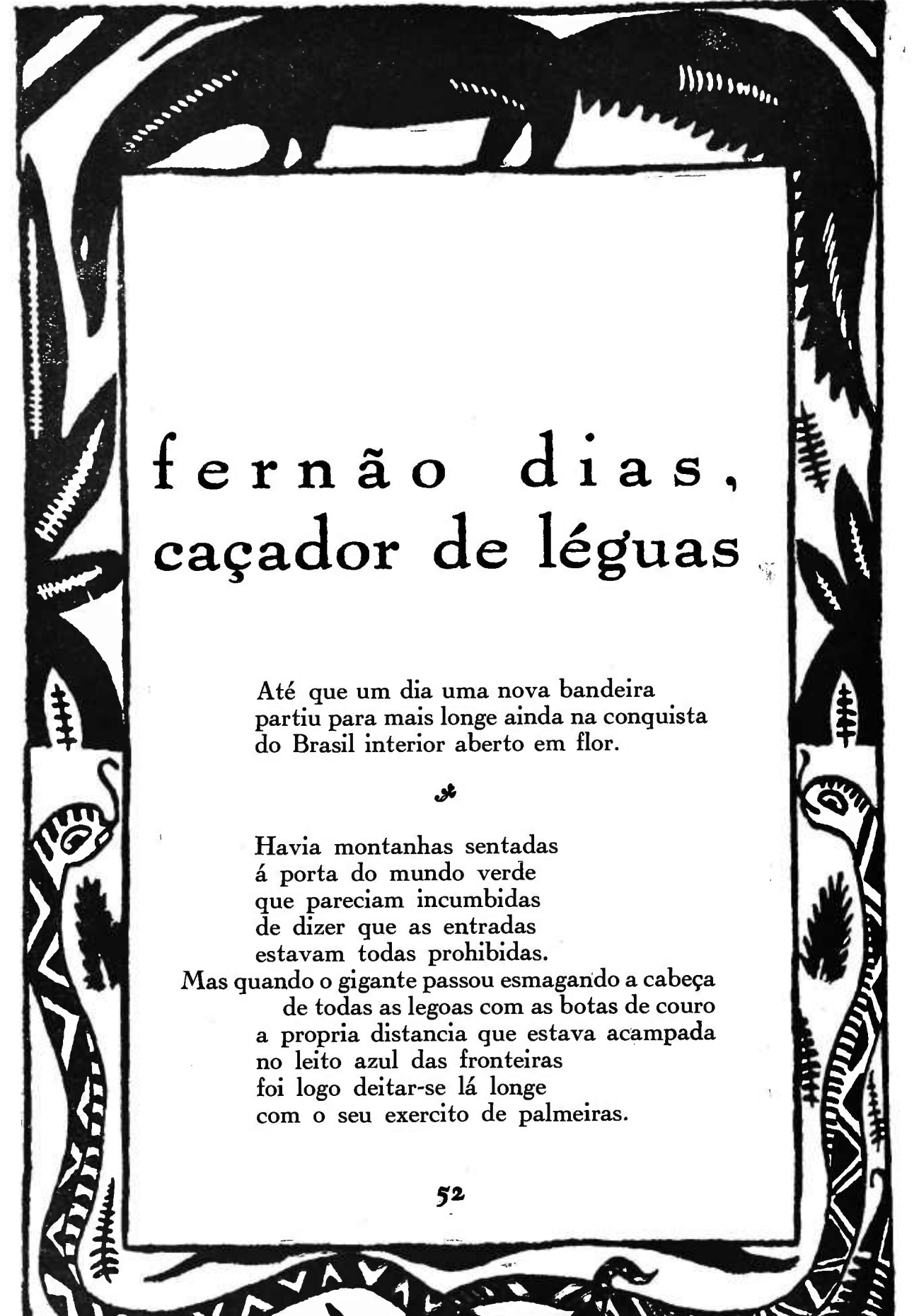
adquiriram aspectos humanos
no grave silencio decorativo
do seu vermelho vivo.

(Uma vez foi assim :
inhambús chororós, gritos de jacucacas.
Reco-recos de marrecos
pula-pracá-pralá de tangarás.
E'cos brigando aos petelécos.
Maitacas matracando que nem matracas
pararacas. Pererécos.

Depois veio o silencio e o sr. ruy barbosa dos
passaros
começou a dizer cousas taes e tão bellas
que os proprios rouxinões do velho mundo
se puzeram a ouvir melancolicamente
na tarde roxa molhada de estrellas...)



Horas havia em que o dia
era todo uma illustre assembléa de passaros !
As verdes archibancadas
ficavam abarrotadas
de individuos pernaltas
risonhos espectadores
de todas as cores, reunidos em bando.
Todos calados... e um só cantando.



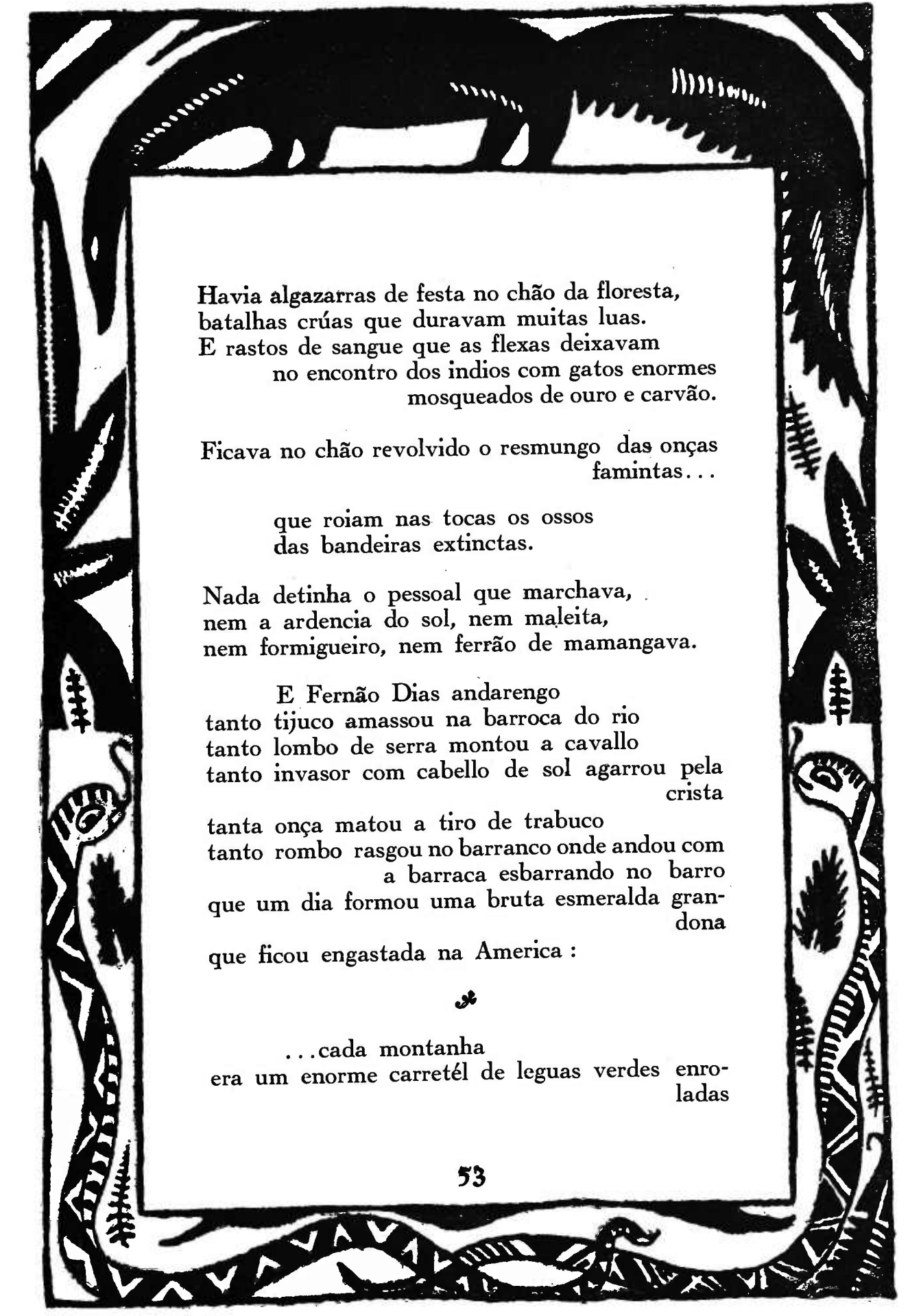
fernão dias, caçador de léguas

Até que um dia uma nova bandeira
partiu para mais longe ainda na conquista
do Brasil interior aberto em flor.



Havia montanhas sentadas
á porta do mundo verde
que pareciam incumbidas
de dizer que as entradas
estavam todas proibidas.

Mas quando o gigante passou esmagando a cabeça
de todas as legoas com as botas de couro
a propria distancia que estava acampada
no leito azul das fronteiras
foi logo deitar-se lá longe
com o seu exercito de palmeiras.



Havia algazarras de festa no chão da floresta,
batalhas crúas que duravam muitas luas.
E rastos de sangue que as flexas deixavam
no encontro dos índios com gatos enormes
mosqueados de ouro e carvão.

Ficava no chão revolvido o resmungo das onças
famintas...

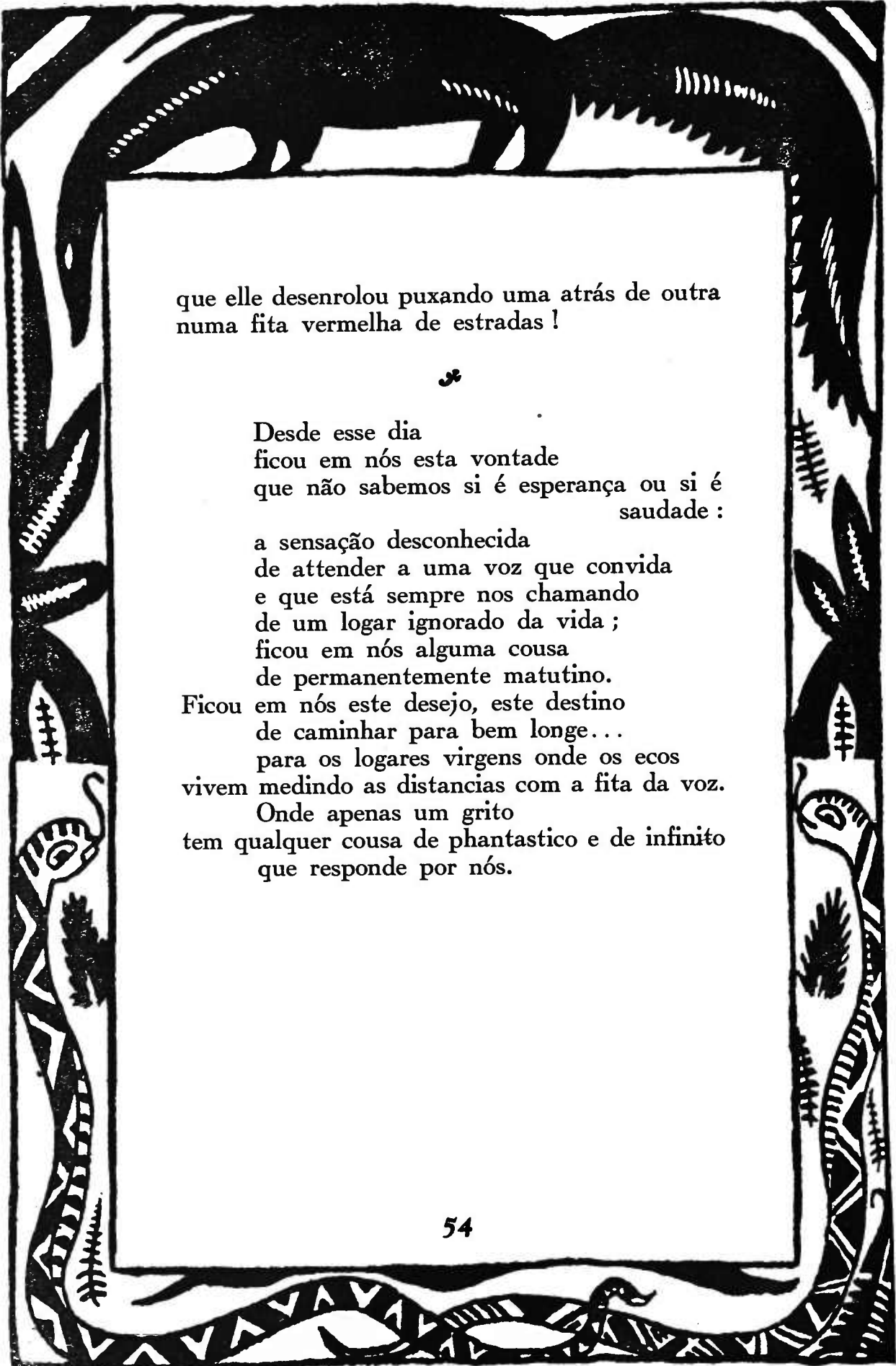
que roíam nas tocas os ossos
das bandeiras extinctas.

Nada detinha o pessoal que marchava,
nem a ardência do sol, nem maleita,
nem formigueiro, nem ferrão de mamangava.

E Fernão Dias andarengo
tanto tijuco amassou na barroca do rio
tanto lombo de serra montou a cavallo
tanto invasor com cabelo de sol agarrou pela
crista
tanta onça matou a tiro de trabuco
tanto rombo rasgou no barranco onde andou com
a barraca esbarrando no barro
que um dia formou uma bruta esmeralda grandona
que ficou engastada na America :



...cada montanha
era um enorme carretél de leguas verdes enro-
ladas

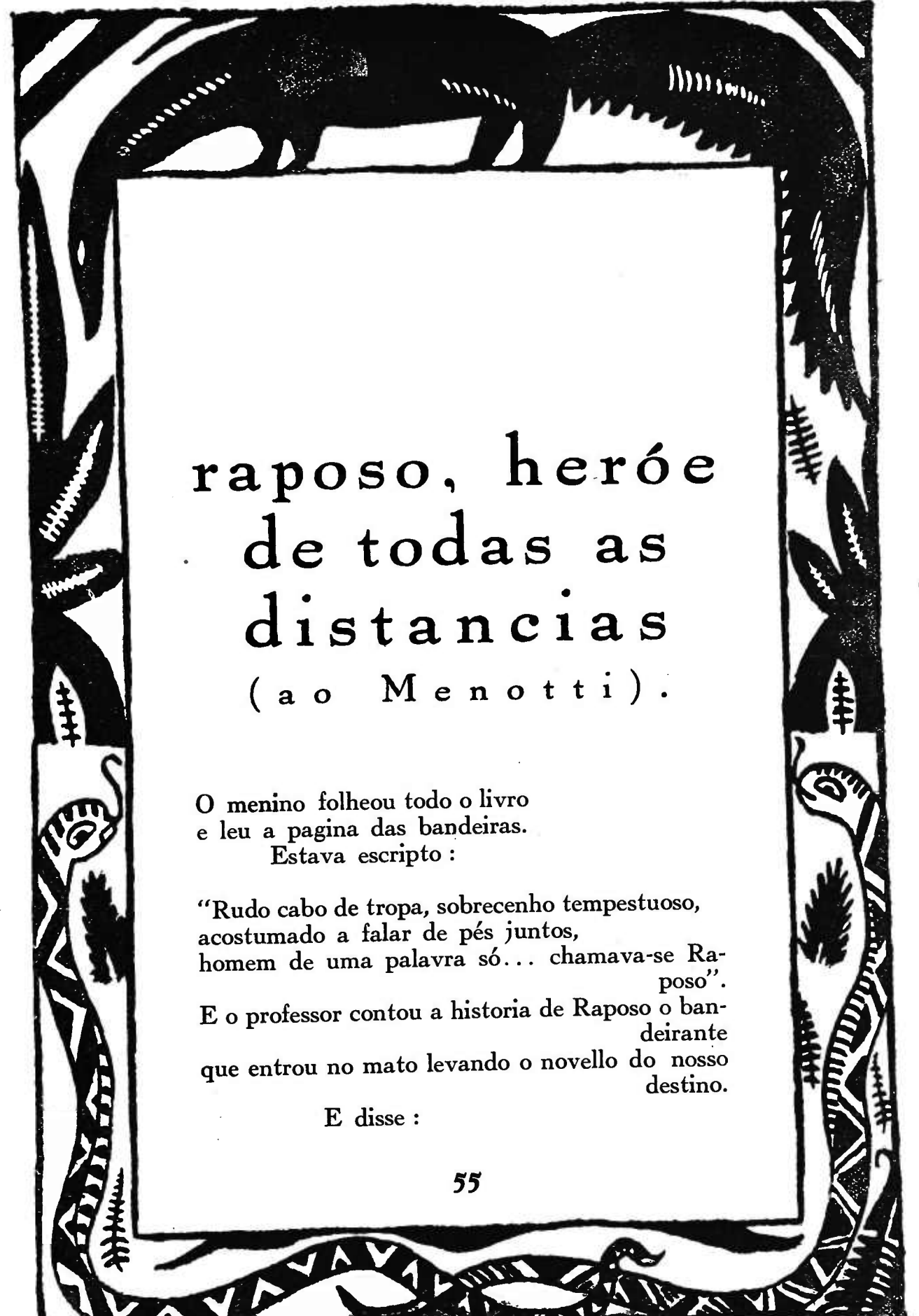


que elle desenrolou puxando uma atrás de outra
numa fita vermelha de estradas !



Desde esse dia
ficou em nós esta vontade
que não sabemos si é esperança ou si é
saudade :

a sensação desconhecida
de attender a uma voz que convida
e que está sempre nos chamando
de um logar ignorado da vida ;
ficou em nós alguma cousa
de permanentemente matutino.
Ficou em nós este desejo, este destino
de caminhar para bem longe...
para os logares virgens onde os ecos
vivem medindo as distancias com a fita da voz.
Onde apenas um grito
tem qualquer cousa de phantastico e de infinito
que responde por nós.

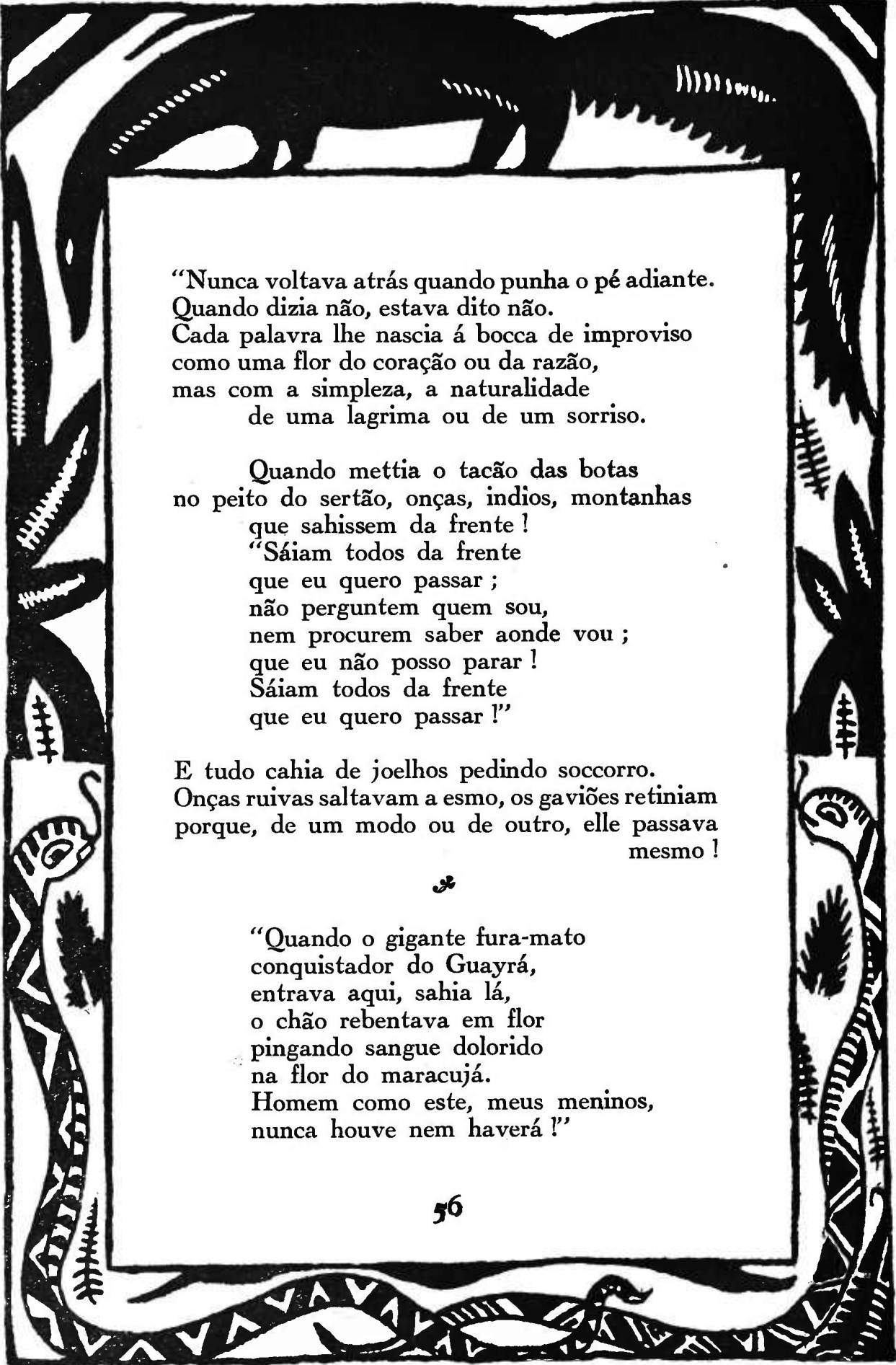


raposo, heróe
de todas as
distancias
(a o M e n o t t i).

O menino folheou todo o livro
e leu a pagina das bandeiras.
Estava escripto :

“Rudo cabo de tropa, sobrecenho tempestuoso,
acostumado a falar de pés juntos,
homem de uma palavra só... chamava-se Ra-
poso”.
E o professor contou a historia de Raposo o ban-
deirante
que entrou no mato levando o novello do nosso
destino.

E disse :



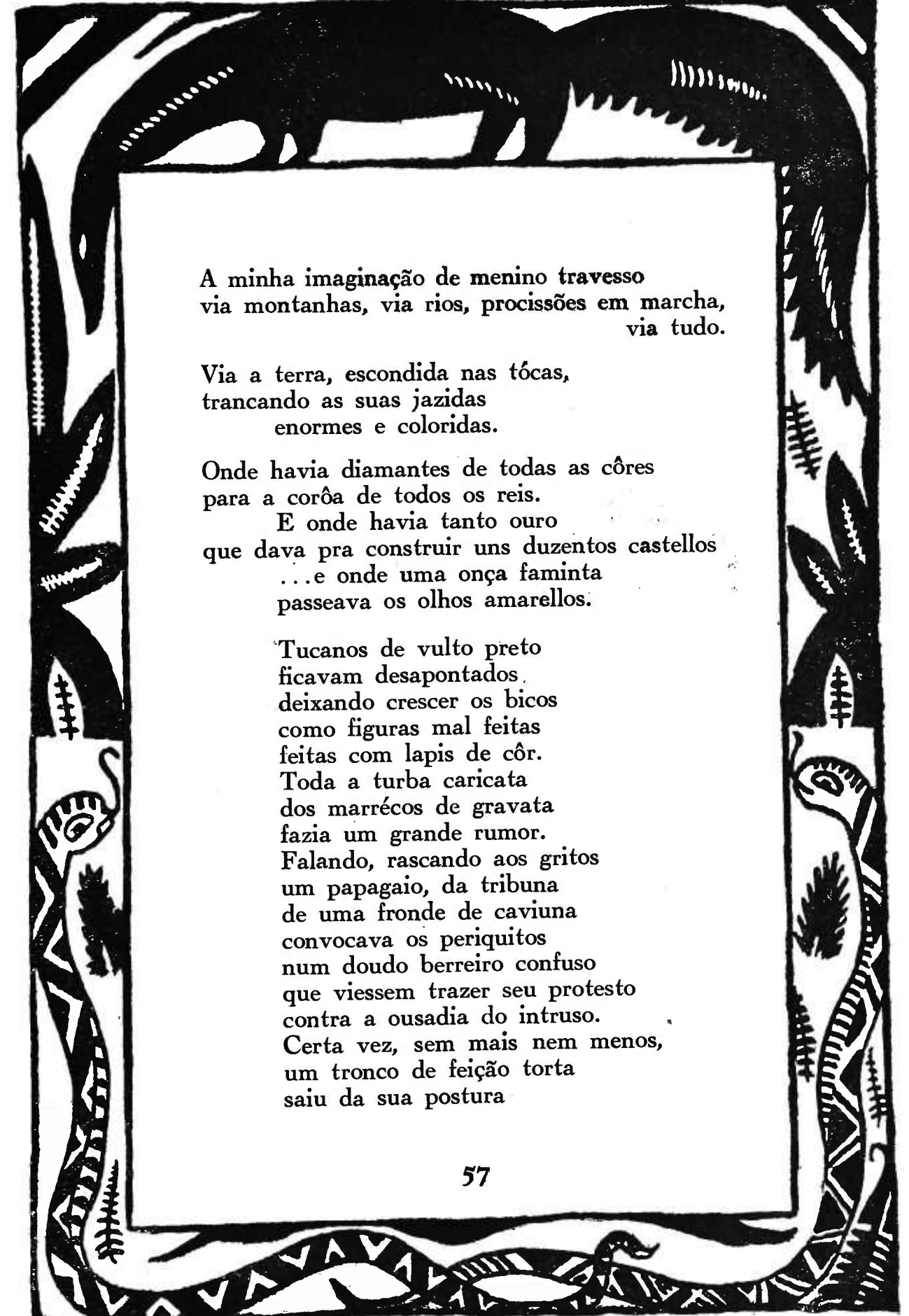
“Nunca voltava atrás quando punha o pé adiante.
Quando dizia não, estava dito não.
Cada palavra lhe nascia á bocca de improviso
como uma flor do coração ou da razão,
mas com a simpleza, a naturalidade
de uma lagrima ou de um sorriso.

Quando mettia o tacão das botas
no peito do sertão, onças, indios, montanhas
que sahissem da frente !
“Sáiam todos da frente
que eu quero passar ;
não perguntem quem sou,
nem procurem saber aonde vou ;
que eu não posso parar !
Sáiam todos da frente
que eu quero passar !”

E tudo cahia de joelhos pedindo soccorro.
Onças ruivas saltavam a esmo, os gaviões retiniam
porque, de um modo ou de outro, elle passava
mesmo !



“Quando o gigante fura-mato
conquistador do Guayrá,
entrava aqui, sahia lá,
o chão rebentava em flor
pingando sangue dolorido
na flor do maracujá.
Homem como este, meus meninos,
nunca houve nem haverá !”



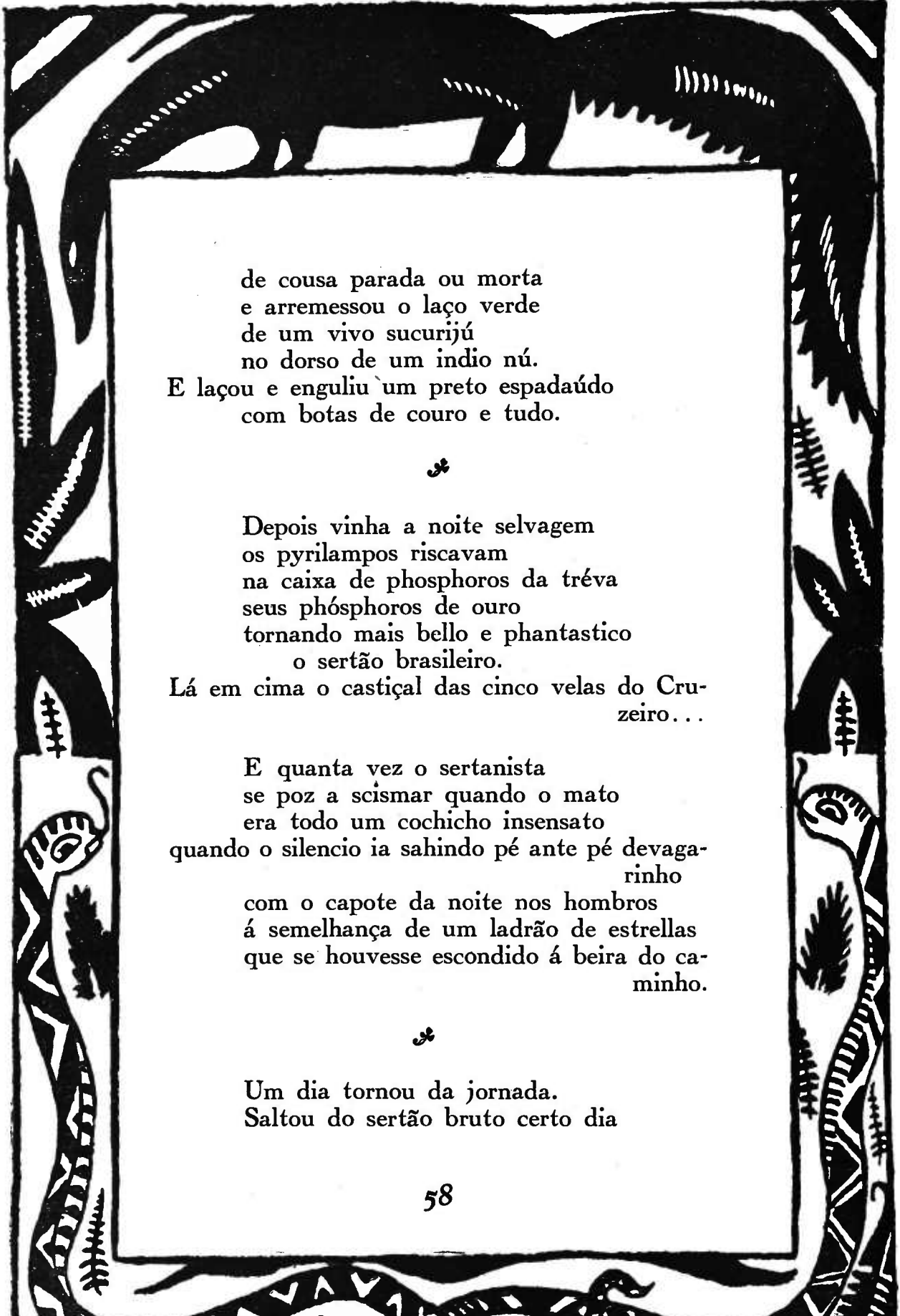
A minha imaginação de menino travesso
via montanhas, via rios, procissões em marcha,
via tudo.

Via a terra, escondida nas tócas,
trancando as suas jazidas
enormes e coloridas.

Onde havia diamantes de todas as côres
para a corôa de todos os reis.

E onde havia tanto ouro
que dava pra construir uns duzentos castellos
...e onde uma onça faminta
passeava os olhos amarellos.

Tucanos de vulto preto
ficavam desapontados,
deixando crescer os bicos
como figuras mal feitas
feitas com lapis de côr.
Toda a turba caricata
dos marrécos de gravata
fazia um grande rumor.
Falando, rascando aos gritos
um papagaio, da tribuna
de uma fronde de caviuna
convocava os periquitos
num doudo berreiro confuso
que viessem trazer seu protesto
contra a ousadia do intruso.
Certa vez, sem mais nem menos,
um tronco de feição torta
saiu da sua postura



de cousa parada ou morta
e arremessou o laço verde
de um vivo sucurijú
no dorso de um índio nú.
E laçou e enguliu um preto espadaúdo
com botas de couro e tudo.

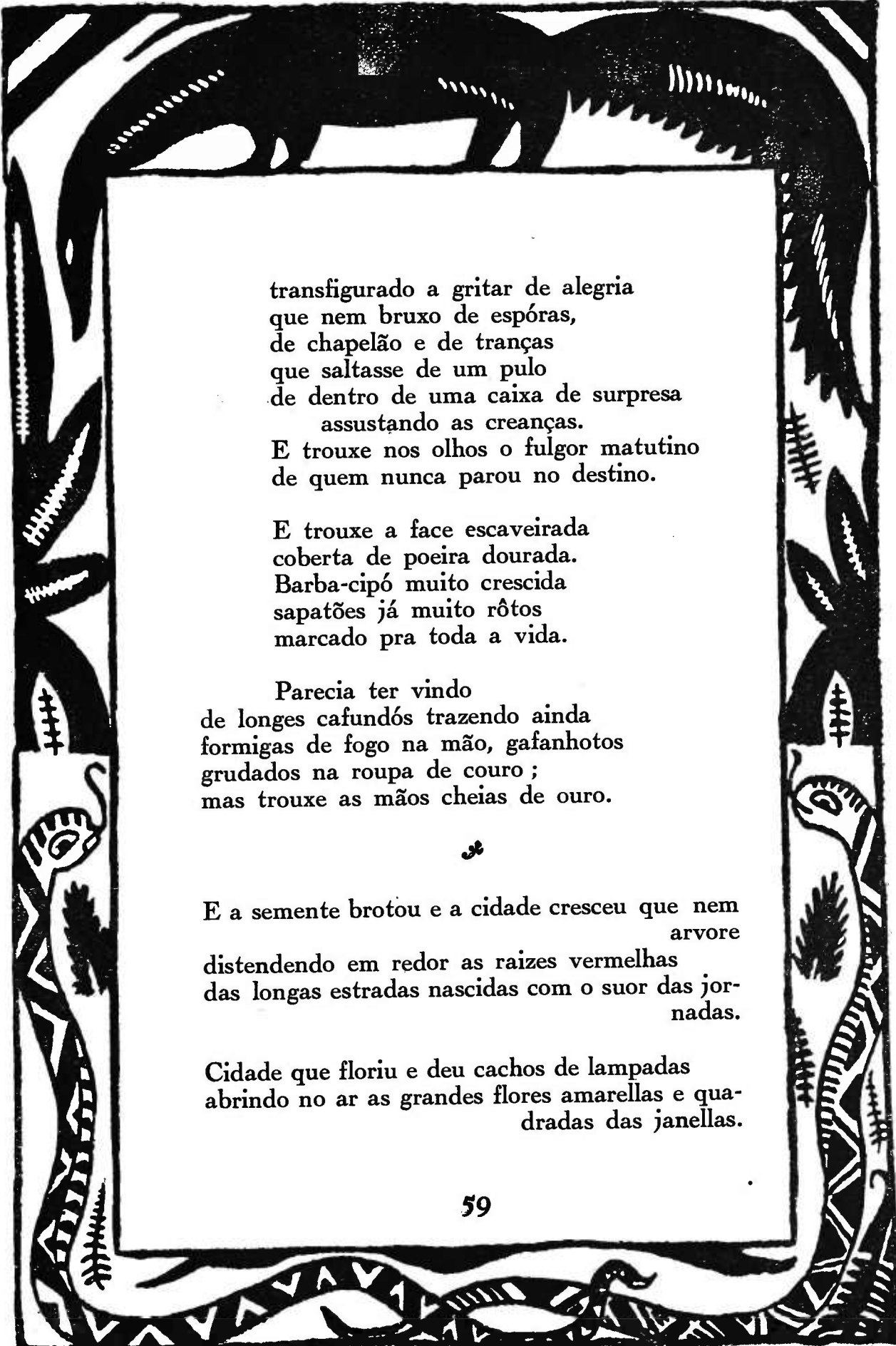


Depois vinha a noite selvagem
os pyrilampos riscavam
na caixa de phosphoros da tréva
seus phósphoros de ouro
tornando mais bello e phantastico
o sertão brasileiro.
Lá em cima o castiçal das cinco velas do Cru-
zeiro...

E quanta vez o sertanista
se poz a scismar quando o mato
era todo um cochicho insensato
quando o silencio ia sahindo pé ante pé devaga-
rinho
com o capote da noite nos hombros
á semelhança de um ladrão de estrellas
que se houvesse escondido á beira do ca-
minho.



Um dia tornou da jornada.
Saltou do sertão bruto certo dia



transfigurado a gritar de alegria
que nem bruxo de espóras,
de chapelão e de tranças
que saltasse de um pulo
de dentro de uma caixa de surpresa
assustando as creanças.
E trouxe nos olhos o fulgor matutino
de quem nunca parou no destino.

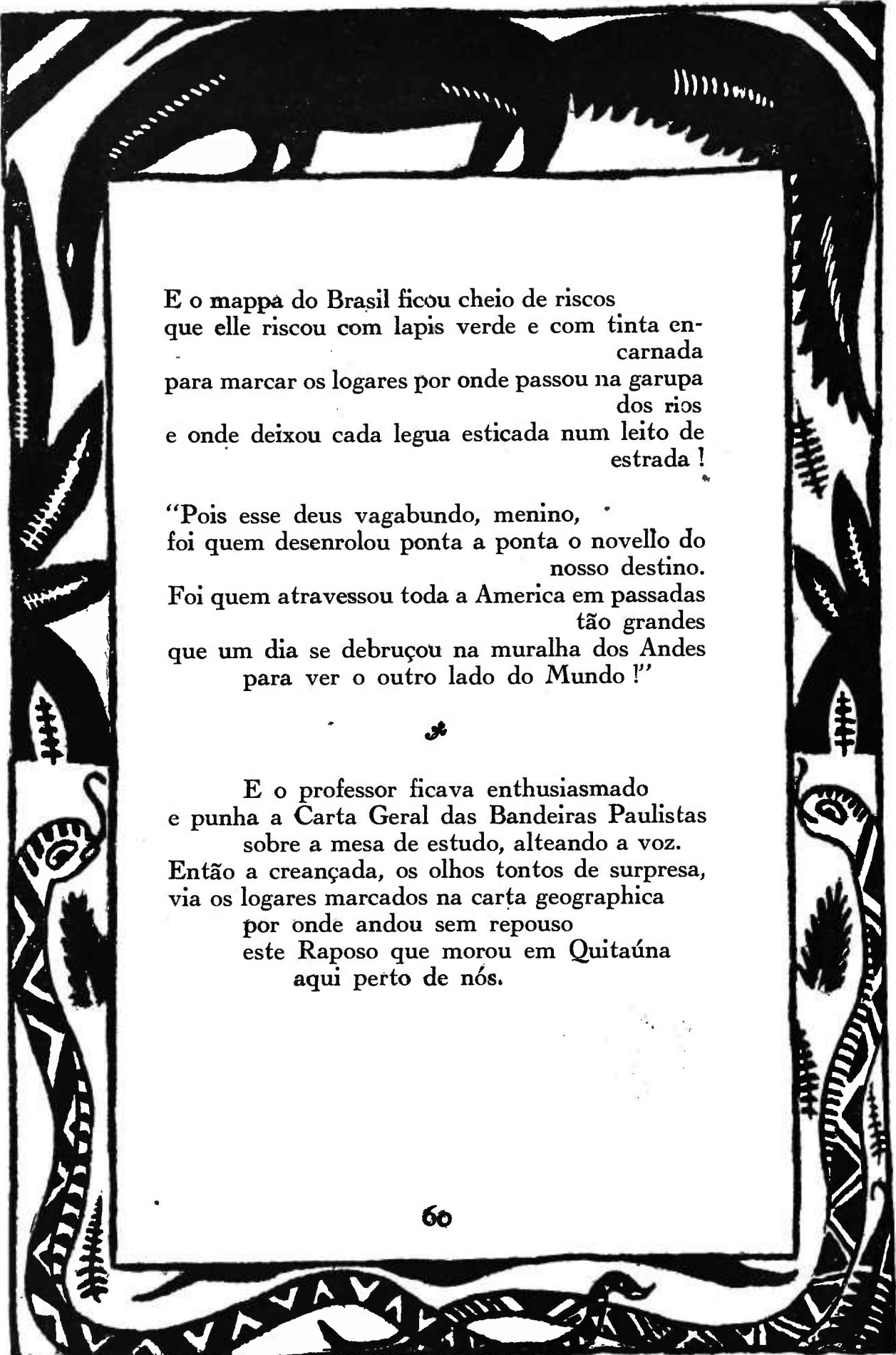
E trouxe a face escaveirada
coberta de poeira dourada.
Barba-cipó muito crescida
sapatões já muito rôtos
marcado pra toda a vida.

Parecia ter vindo
de longes cafundós trazendo ainda
formigas de fogo na mão, gafanhotos
grudados na roupa de couro ;
mas trouxe as mãos cheias de ouro.



E a semente brotou e a cidade cresceu que nem
arvore
distendendo em redor as raizes vermelhas
das longas estradas nascidas com o suor das jor-
nadas.

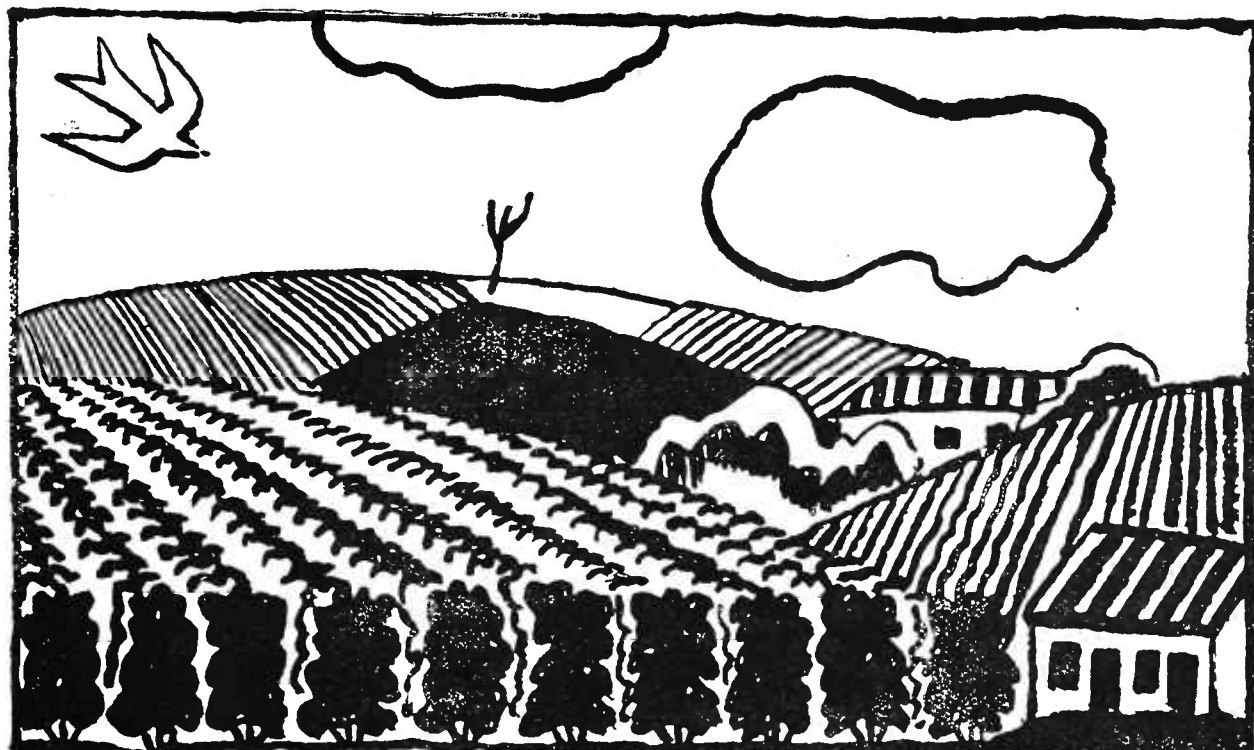
Cidade que floriu e deu cachos de lampadas
abrindo no ar as grandes flores amarellas e qua-
dradas das janellas.



E o mappa do Brasil ficou cheio de riscos
que elle riscou com lapis verde e com tinta en-
carnada
para marcar os logares por onde passou na garupa
dos rios
e onde deixou cada legua esticada num leito de
estrada !

“Pois esse deus vagabundo, menino,
foi quem desenrolou ponta a ponta o novello do
nosso destino.
Foi quem atravessou toda a America em passadas
tão grandes
que um dia se debruçou na muralha dos Andes
para ver o outro lado do Mundo !”

E o professor ficava entusiasmado
e punha a Carta Geral das Bandeiras Paulistas
sobre a mesa de estudo, alteando a voz.
Então a creançada, os olhos tontos de surpresa,
via os logares marcados na carta geographica
por onde andou sem repouso
este Raposo que morou em Quitauína
aqui perto de nós.



**a marcha dos
soldados verdes.**



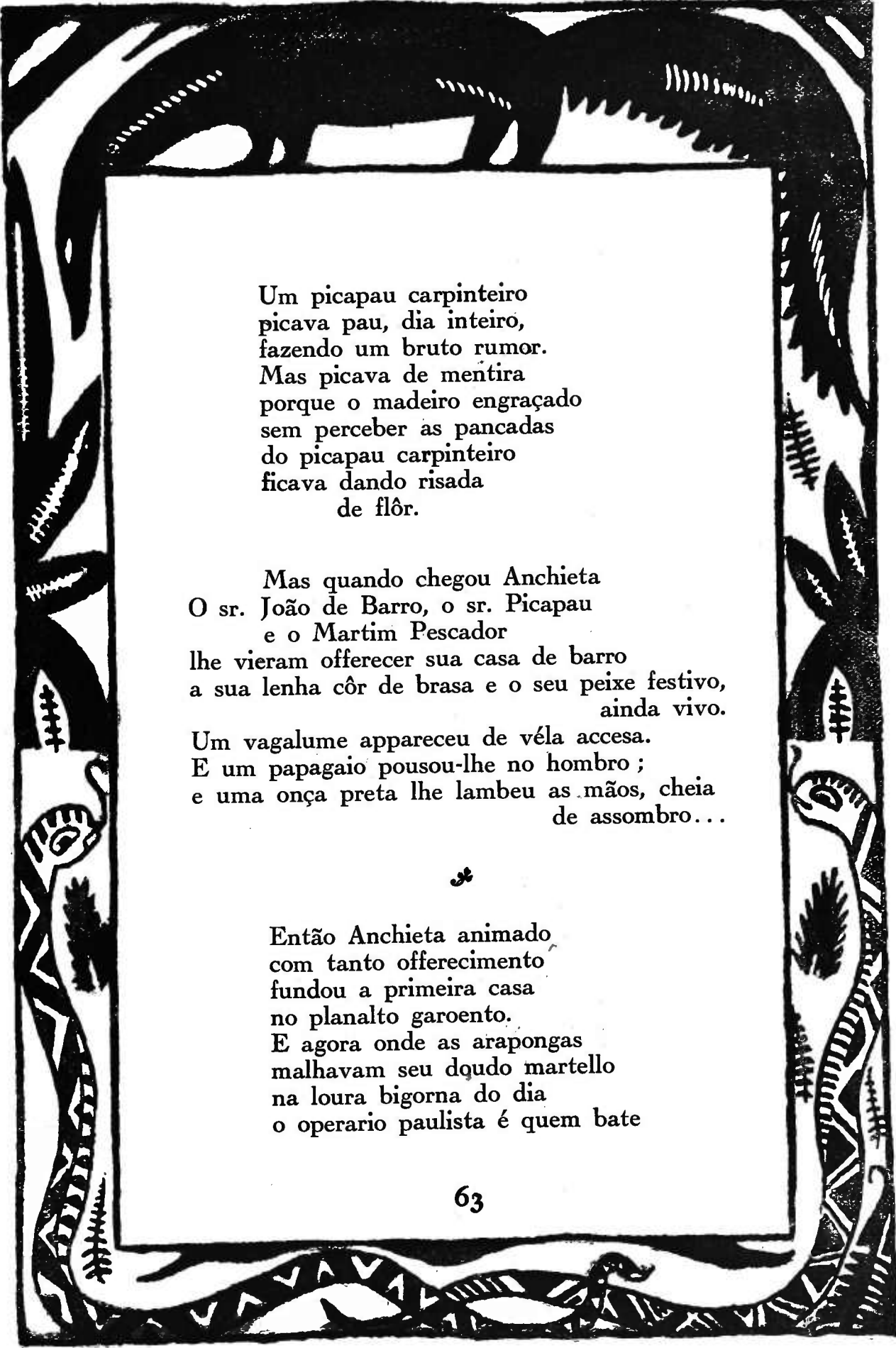
piratininga!

(ao Honorio de Sylos).

Por aqui tudo era mato.
Havia gato mas era
grandão e de pingos pretos
que-nem um gatão bonito
e gaiato.

Veiu um dia um homem santo
de rosario na cintura
chamado Joséph Anchieta :
subiu a escada da serra
feito onça que sobe na arvore.
(Ah ! esse homem soffreu tanto...)

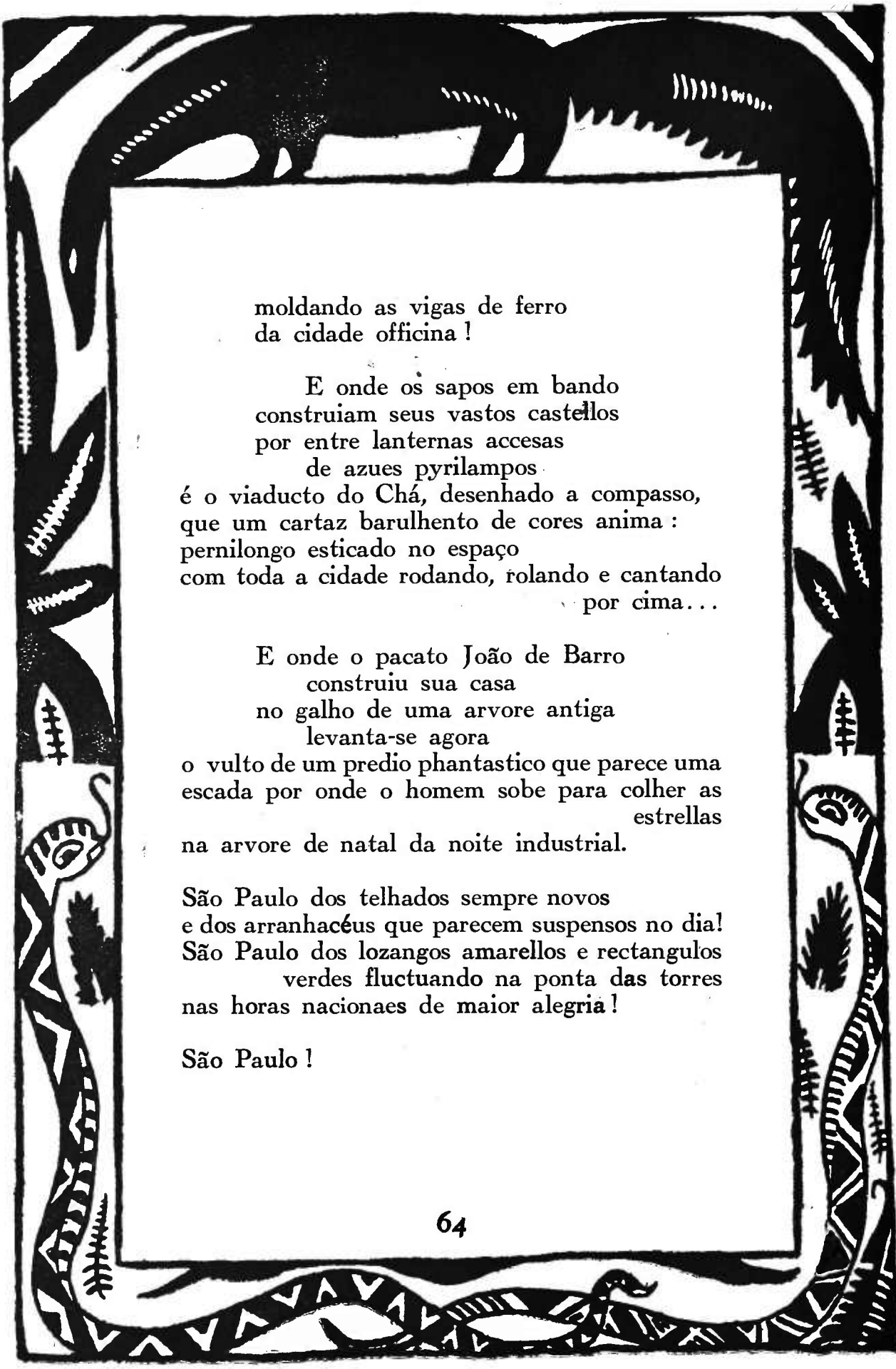
A unica casa que havia
era bonita, amarella,
mas só tinha uma janella.
Era o sr. João de Barro
que morava dentro della.



Um picapau carpinteiro
picava pau, dia inteiro,
fazendo um bruto rumor.
Mas picava de mentira
porque o madeiro engraçado
sem perceber as pancadas
do picapau carpinteiro
ficava dando risada
de flôr.

Mas quando chegou Anchieta
O sr. João de Barro, o sr. Picapau
e o Martim Pescador
lhe vieram offerecer sua casa de barro
a sua lenha côr de brasa e o seu peixe festivo,
ainda vivo.
Um vagalume appareceu de véla acesa.
E um papagaio pousou-lhe no hombro ;
e uma onça preta lhe lambeu as mãos, cheia
de assombro...

Então Anchieta animado
com tanto offercimento
fundou a primeira casa
no planalto garoento.
E agora onde as arapongas
malhavam seu doudo martello
na loura bigorna do dia
o operario paulista é quem bate



moldando as vigas de ferro
da cidade officina !

E onde os sapos em bando
construam seus vastos castellos
por entre lanternas accesas
de azues pyrilampos .
é o viaducto do Chá, desenhado a compasso,
que um cartaz barulhento de cores anima :
pernilongo esticado no espaço
com toda a cidade rodando, rolando e cantando
por cima . . .

E onde o pacato João de Barro
construiu sua casa
no galho de uma arvore antiga
levanta-se agora
o vulto de um predio phantastico que parece uma
escada por onde o homem sobe para colher as
estrellas
na arvore de natal da noite industrial.

São Paulo dos telhados sempre novos
e dos arranhacéus que parecem suspensos no dia!
São Paulo dos lozangos amarells e rectangulos
verdes fluctuando na ponta das torres
nas horas nacionaes de maior alegria !

São Paulo !



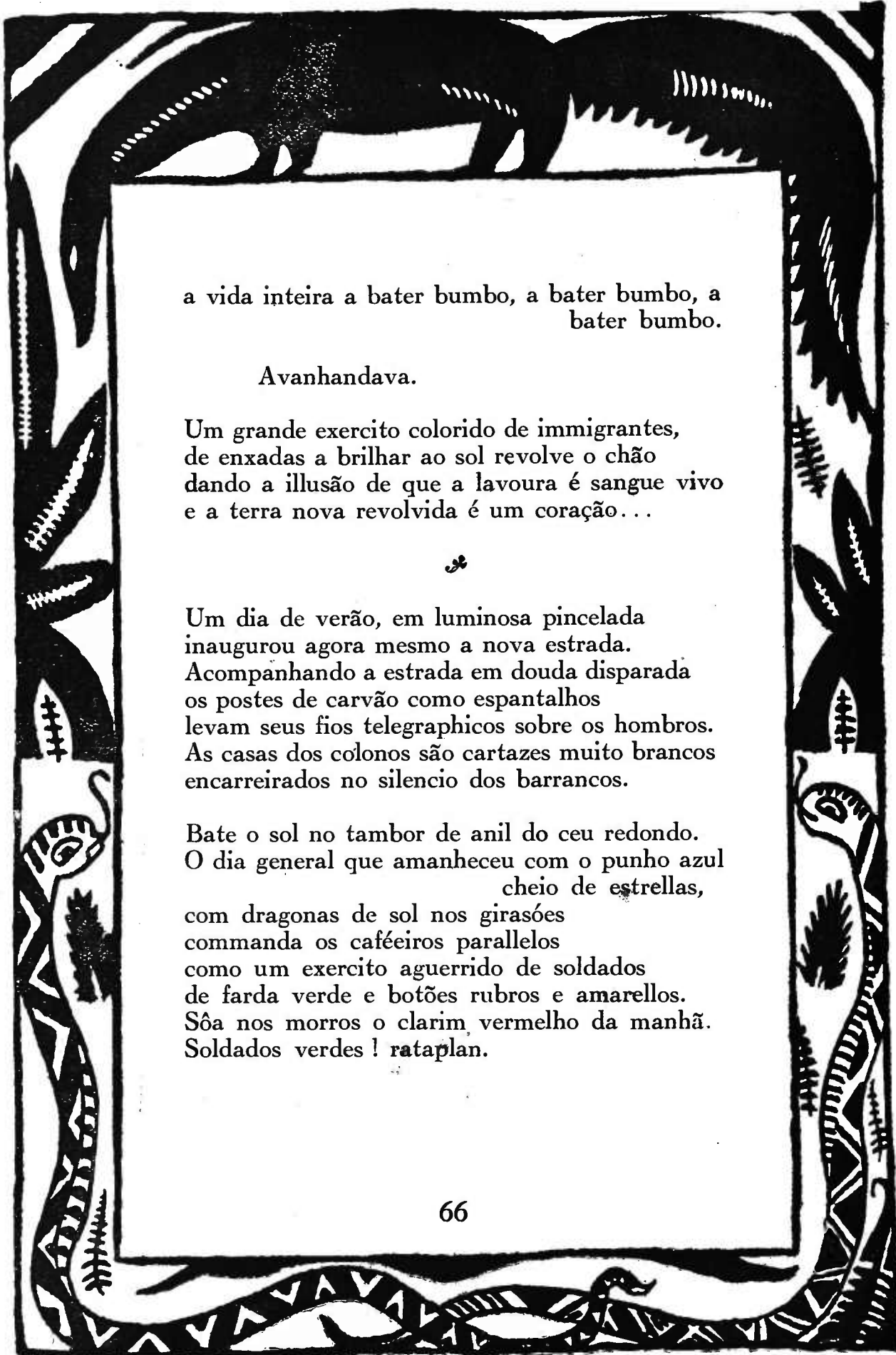
soldados verdes

O cafézal é a soldadesca verde
que salta morros na distancia illuminada
um dois, um dois, de batalhão em batalhão,
na sua arremettida acelerada
contra o sertão.

Manhã de terra roxa,
Manhã de estampa ou chromo onde a fumaça
de um trem que passa risca o ceu de fogaréo.

Parece que ha, nos clarins da alvorada,
alguma cousa de marcial. Longas palmeiras
lembram lanças fincadas na paizagem
como si andasse galopando em plena serrania
uma legião alvorotada de bandeiras.

Como um zum-zum de mamangava ouve-se o
estrondo da cachoeira



a vida inteira a bater bumbo, a bater bumbo, a
bater bumbo.

Avanhandava.

Um grande exercito colorido de immigrantes,
de enxadas a brilhar ao sol revolve o chão
dando a illusão de que a lavoura é sangue vivo
e a terra nova revolvida é um coração...



Um dia de verão, em luminosa pincelada
inaugurou agora mesmo a nova estrada.
Acompanhando a estrada em douda disparada
os postes de carvão como espantalhos
levam seus fios telegraphicos sobre os hombros.
As casas dos colonos são cartazes muito brancos
encarreirados no silencio dos barrancos.

Bate o sol no tambor de anil do ceu redondo.
O dia general que amanheceu com o punho azul
cheio de estrellas,
com dragonas de sol nos girasóes
commanda os caféiros parallellos
como um exercito aguerrido de soldados
de farda verde e botões rubros e amarelllos.
Sôa nos morros o clarim vermelho da manhã.
Soldados verdes ! rataplan.

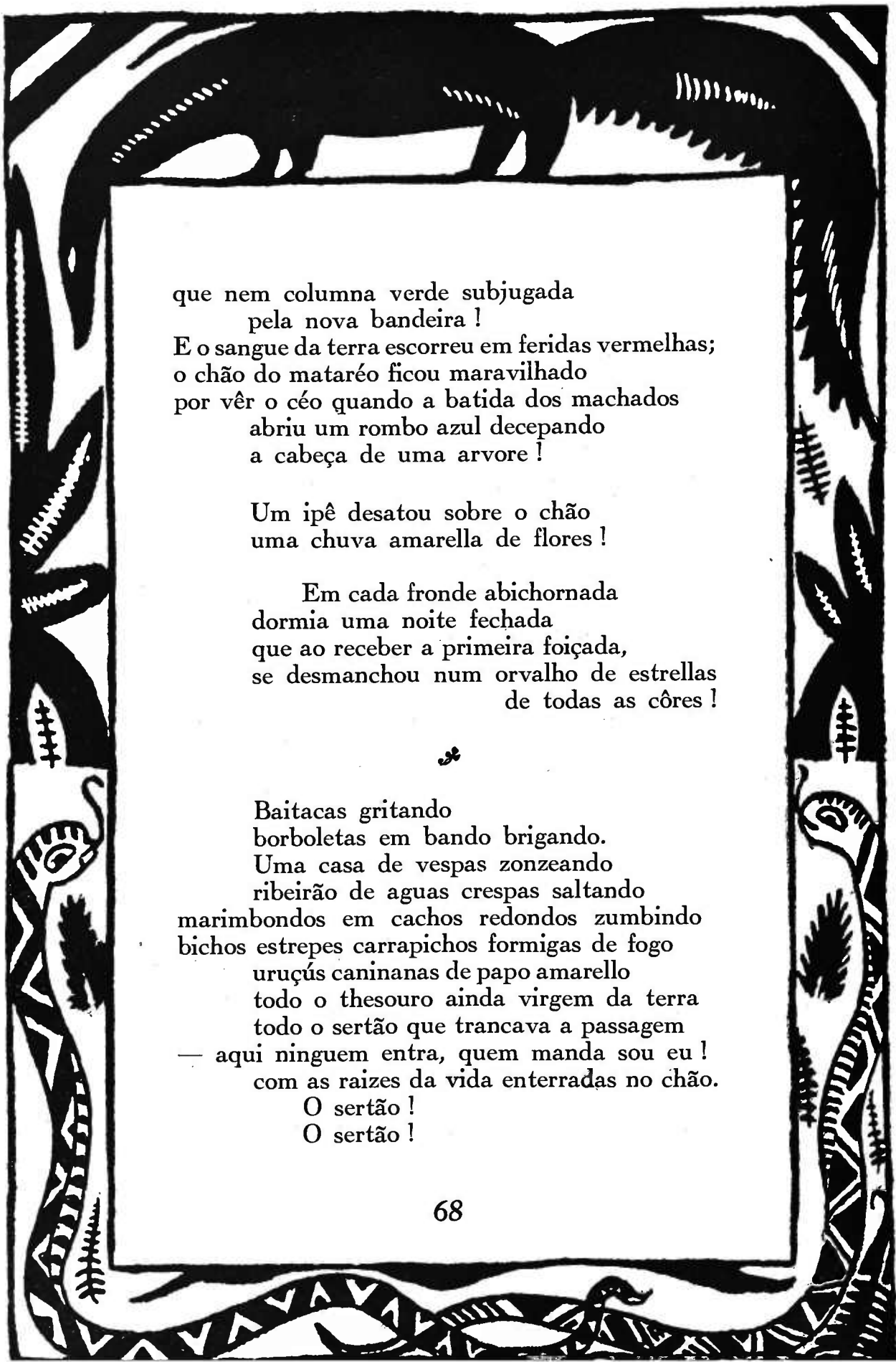


a derrubada

Mysterio selvagem!
Ramagem enxadrezada de arvores fo-
lhudas
umas abraçadas com as outras nas horas
de panico.
Rumor nocturno de frondes que marulha-
vam lá em cima
como si o vento fosse um quebrar de
onda verde a gemer no mar largo...

Onda solta e revôlta
num permanente sussurro
através da folhagem guaiando... reboando
Gavião de pennacho a ferir a garganta da serra
com o seu grito tympanico!
Mysterio selvagem...

Já no outro dia
toda a floresta cahia em rasgões de alvorada,



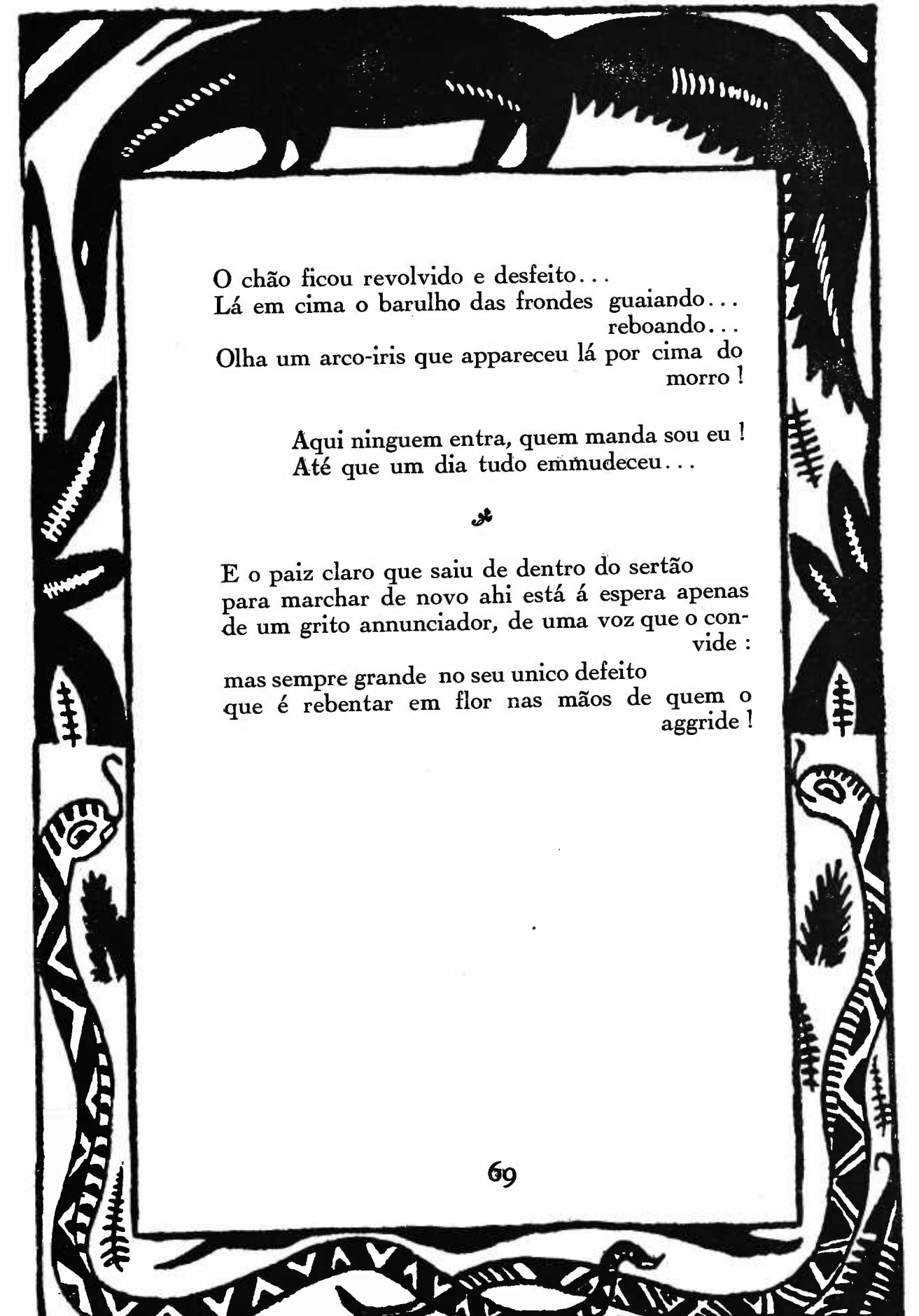
que nem columna verde subjugada
pela nova bandeira !
E o sangue da terra escorreu em feridas vermelhas;
o chão do mataréu ficou maravilhado
por vêr o céo quando a batida dos machados
abriu um rombo azul decepando
a cabeça de uma arvore !

Um ipê desatou sobre o chão
uma chuva amarella de flores !

Em cada fronde abichornada
dormia uma noite fechada
que ao receber a primeira foiçada,
se desmanchou num orvalho de estrellas
de todas as côres !



Baitacas gritando
borboletas em bando brigando.
Uma casa de vespas zonzendo
ribeirão de aguas crespas saltando
marimbondos em cachos redondos zumbindo
bichos estrepes carrapichos formigas de fogo
uruçús caninanas de papo amarello
todo o thesouro ainda virgem da terra
todo o sertão que trancava a passagem
— aqui ninguem entra, quem manda sou eu !
com as raizes da vida enterradas no chão.
O sertão !
O sertão !



O chão ficou revolvido e desfeito...
Lá em cima o barulho das frondes guaiando...
reboando...
Olha um arco-iris que apareceu lá por cima do
morro !

Aqui ninguém entra, quem manda sou eu !
Até que um dia tudo emmudeceu...



E o paiz claro que saiu de dentro do sertão
para marchar de novo ahi está á espera apenas
de um grito anunciador, de uma voz que o con-
vide :
mas sempre grande no seu unico defeito
que é rebentar em flor nas mãos de quem o
aggride !

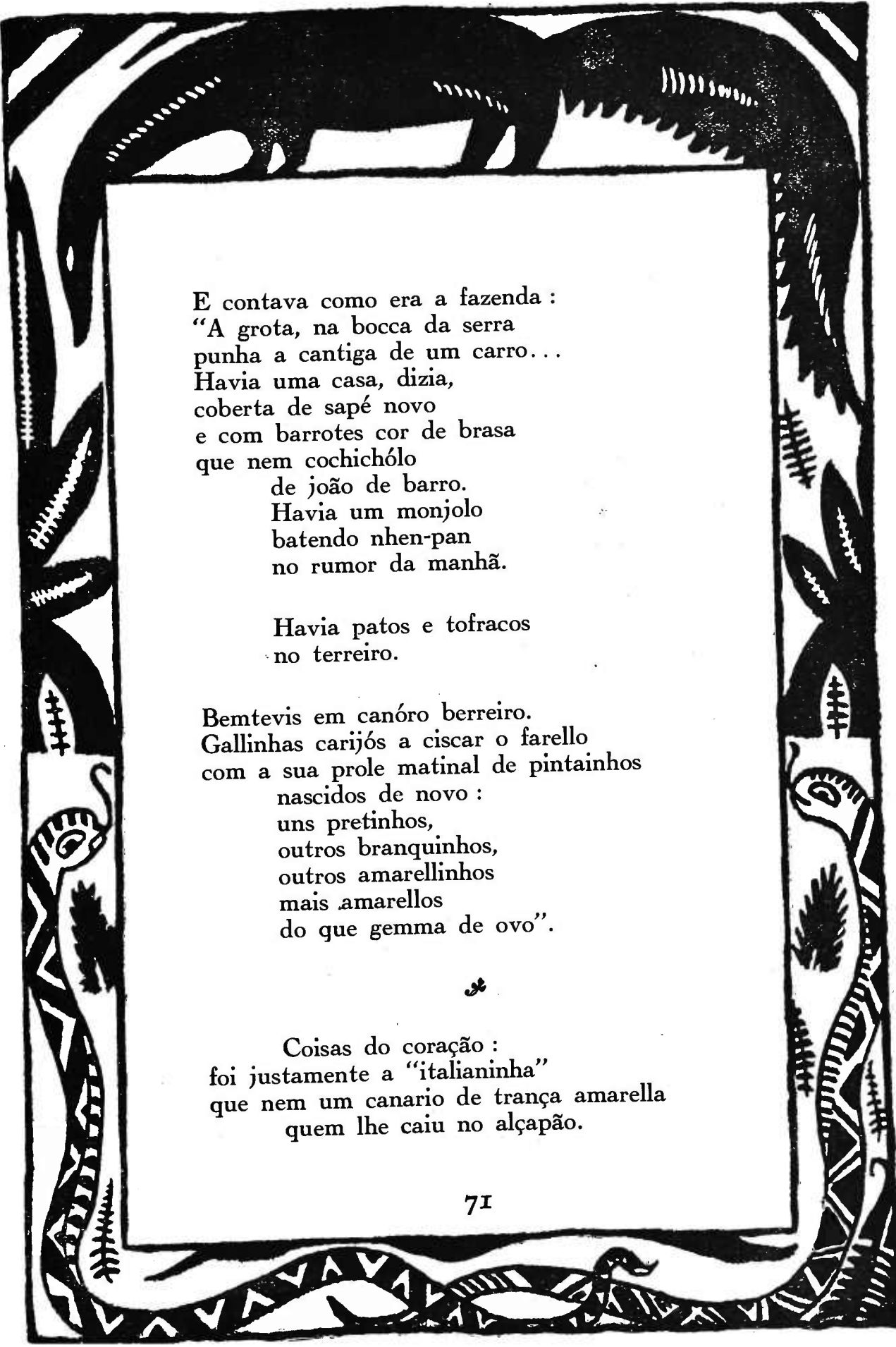


o manduca e
a giuseppina
(a o Brito Broca)

Todas as guapas morenas
vestidas de chita
ficaram pasmadas
quando souberam que o Manduca se casára
com a italianinha bonita.



Quanta vez, de chapéu de palha
quando ia caçar sabiá-poca
á sombra das laranjeiras
o seu Manduca não as convidára
pra morar na fazenda.

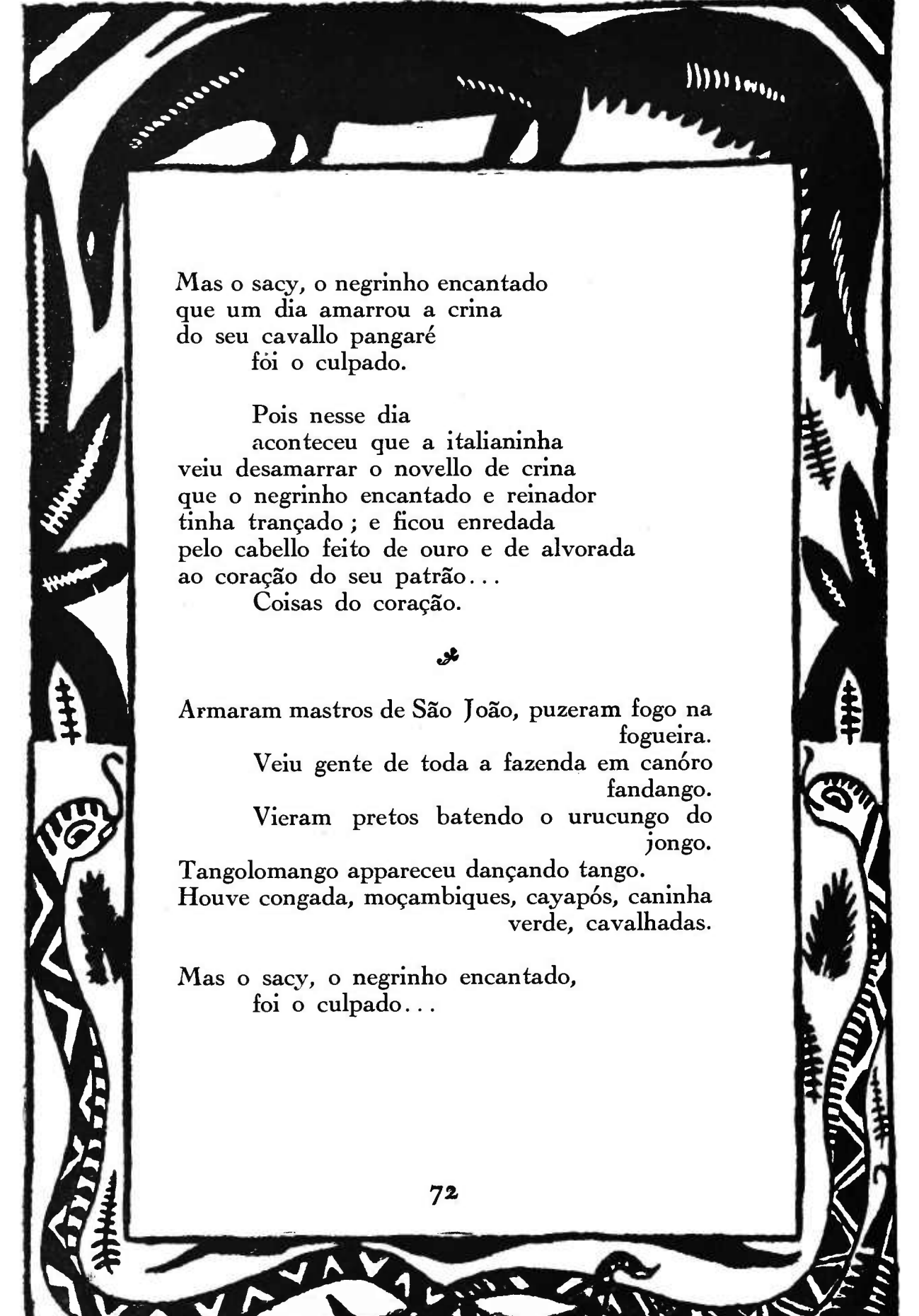


E contava como era a fazenda :
“A grotta, na bocca da serra
punha a cantiga de um carro...
Havia uma casa, dizia,
coberta de sapé novo
e com barrotes cor de brasa
que nem cochichólo
de João de barro.
Havia um monjolo
batendo nhen-pan
no rumor da manhã.

Havia patos e tofracos
no terreiro.

Bemtevis em canóro berreiro.
Gallinhas carijós a ciscar o farello
com a sua prole matinal de pintainhos
nascidos de novo :
uns pretinhos,
outros branquinhos,
outros amarellinhos
mais amarellos
do que gemma de ovo”.

Coisas do coração :
foi justamente a “italianinha”
que nem um canario de trança amarella
quem lhe caiu no alçapão.



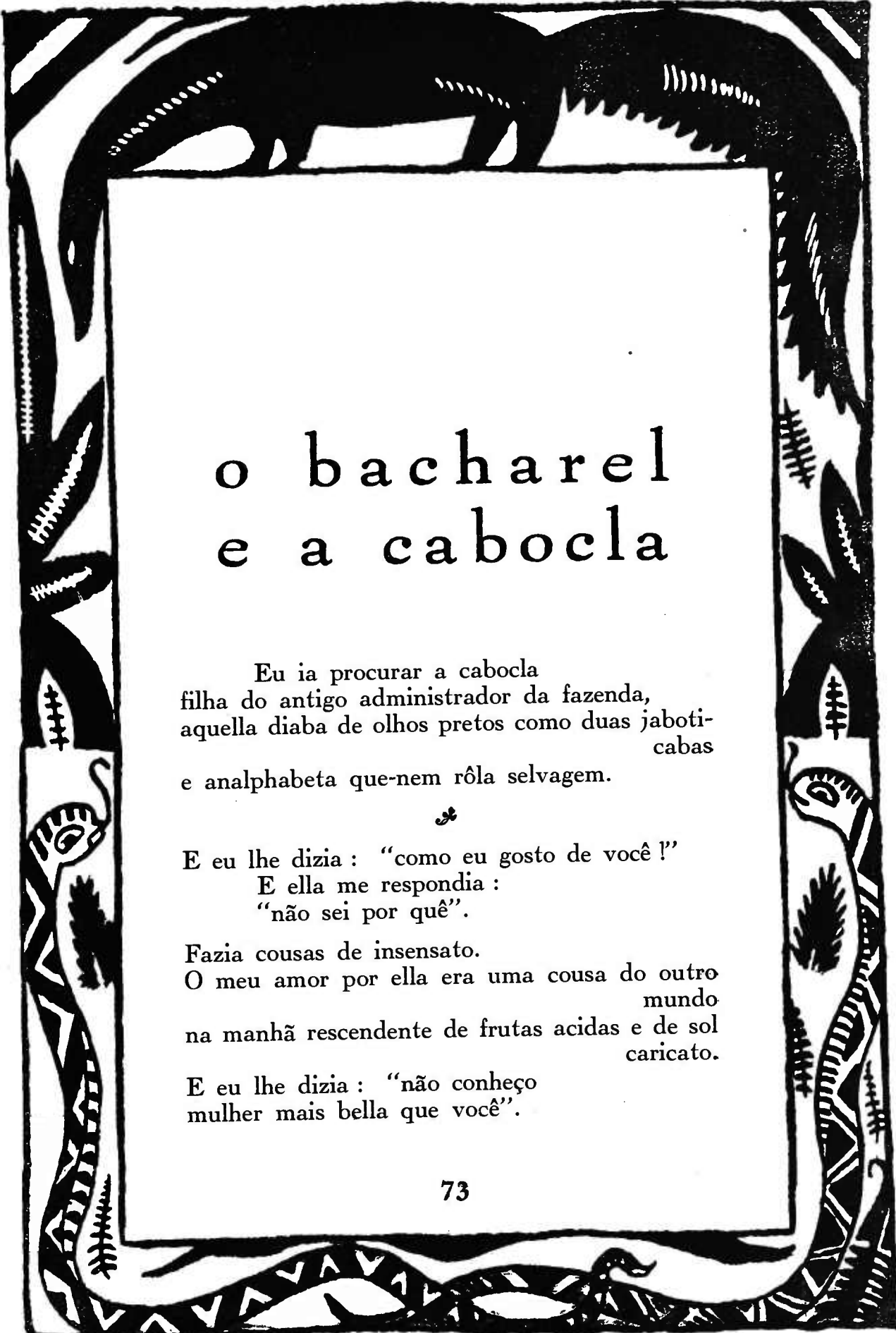
Mas o sacy, o negrinho encantado
que um dia amarrou a crina
do seu cavallo pangaré
foi o culpado.

Pois nesse dia
aconteceu que a italianinha
veiu desamarrar o novello de crina
que o negrinho encantado e reinador
tinha trançado ; e ficou enredada
pelo cabelo feito de ouro e de alvorada
ao coração do seu patrão...
Coisas do coração.



Armaram mastros de São João, puzeram fogo na
fogueira.
Veiu gente de toda a fazenda em canóro
fandango.
Vieram pretos batendo o urucungo do
jongo.
Tangolomango apareceu dançando tango.
Houve congada, moçambiques, cayapós, caninha
verde, cavalhadas.

Mas o sacy, o negrinho encantado,
foi o culpado...



o bacharel e a cabocla


Eu ia procurar a cabocla
filha do antigo administrador da fazenda,
aquella diaba de olhos pretos como duas jaboti-
cabas
e analphabeta que-nem rôla selvagem.



E eu lhe dizia : “como eu gosto de você !”
E ella me respondia :
“não sei por quê”.

Fazia cousas de insensato.
O meu amor por ella era uma cousa do outro
mundo
na manhã rescendente de frutas acidas e de sol
caricato.

E eu lhe dizia : “não conheço
mulher mais bella que você”.



Ella me respondia :
“não sei por quê”.

Mas houve um dia
em que eu (como era lindo aquelle dia ;
um sol louro e gaiato
parecia saltar e cantar de alegria)
me declarei disposto a tudo :
“sou capaz de morrer por você !”
Ella me respondeu :
“não sei por quê”.



Diante dessa mania
desse não-sei-porque de todo dia
resolvi abandonar a fazenda
com os seus frutos de sol e de mel,
para ser... bacharel.

E entre outras aventuras
andei gostando de uma turca
de sobancelhas tão escuras
que pareciam riscos de carvão.
Andei depois quasi perdido
por uma artista de cinema
por quem mais tarde o coronel Fidencio
deu um tiro no ouvido. Sensação.



Mas... ó cabocla de olhos pretos !
NÃO SEI POR QUÊ
nunca mais me esqueci de você !



cafésal em flôr

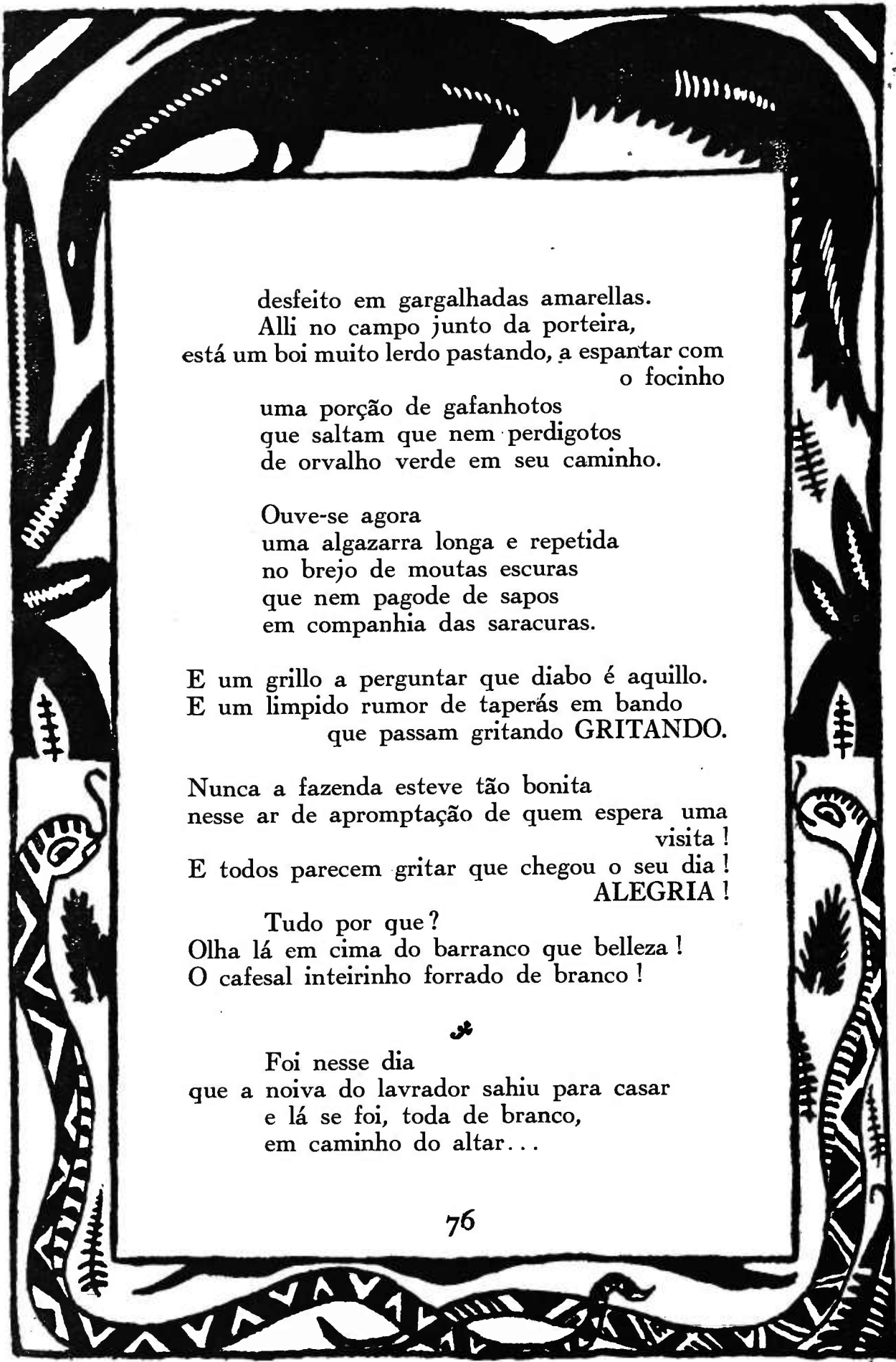
(a o Correia Junior).

Um dia os caféiros
se vestiram de branco... que alegria!

Rebentou a florada
como si toda uma alvorada cor de leite
houvesse borrhado o cafésal.
O' matinal promessa de riqueza!
O' surpresa deste anno! tudo branco!
Olha lá em cima do barranco que belleza!
Tudo branco!



Dia rasgado, gritante
em que o sol escancára as janellas
como um grande espectáculo de alegria,
que entra nas casas sem pedir licença



desfeito em gargalhadas amarellas.
Alli no campo junto da porteira,
está um boi muito lerdo pastando, a espantar com
o focinho
uma porção de gafanhotos
que saltam que nem perdigotos
de orvalho verde em seu caminho.

Ouve-se agora
uma algazarra longa e repetida
no brejo de moutas escuras
que nem pagode de sapos
em companhia das saracuras.

E um grillo a perguntar que diabo é aquillo.
E um limpido rumor de taperás em bando
que passam gritando GRITANDO.

Nunca a fazenda esteve tão bonita
nesse ar de apromptação de quem espera uma
visita!
E todos parecem gritar que chegou o seu dia!
ALEGRIA!

Tudo por que?
Olha lá em cima do barranco que belleza!
O cafesal inteirinho forrado de branco!

Foi nesse dia
que a noiva do lavrador sahiu para casar
e lá se foi, toda de branco,
em caminho do altar...



m a t u t o

Disseram pra elle
que beijo de mulher era fruto escondido.
Elle andou muito tempo pensando
que beijo de mulher fazia mal...
não fez não.

Lhe disseram tambem que quando a gente mór-
de a uvaia é doce mas depois é amarga,
não é não.

Lhe disseram tambem que todo amor é tempe-
rado com veneno e mel pra refrescar o
coração mas que depois...
depois a gente
diz-que perde a razão.
Não perde não.



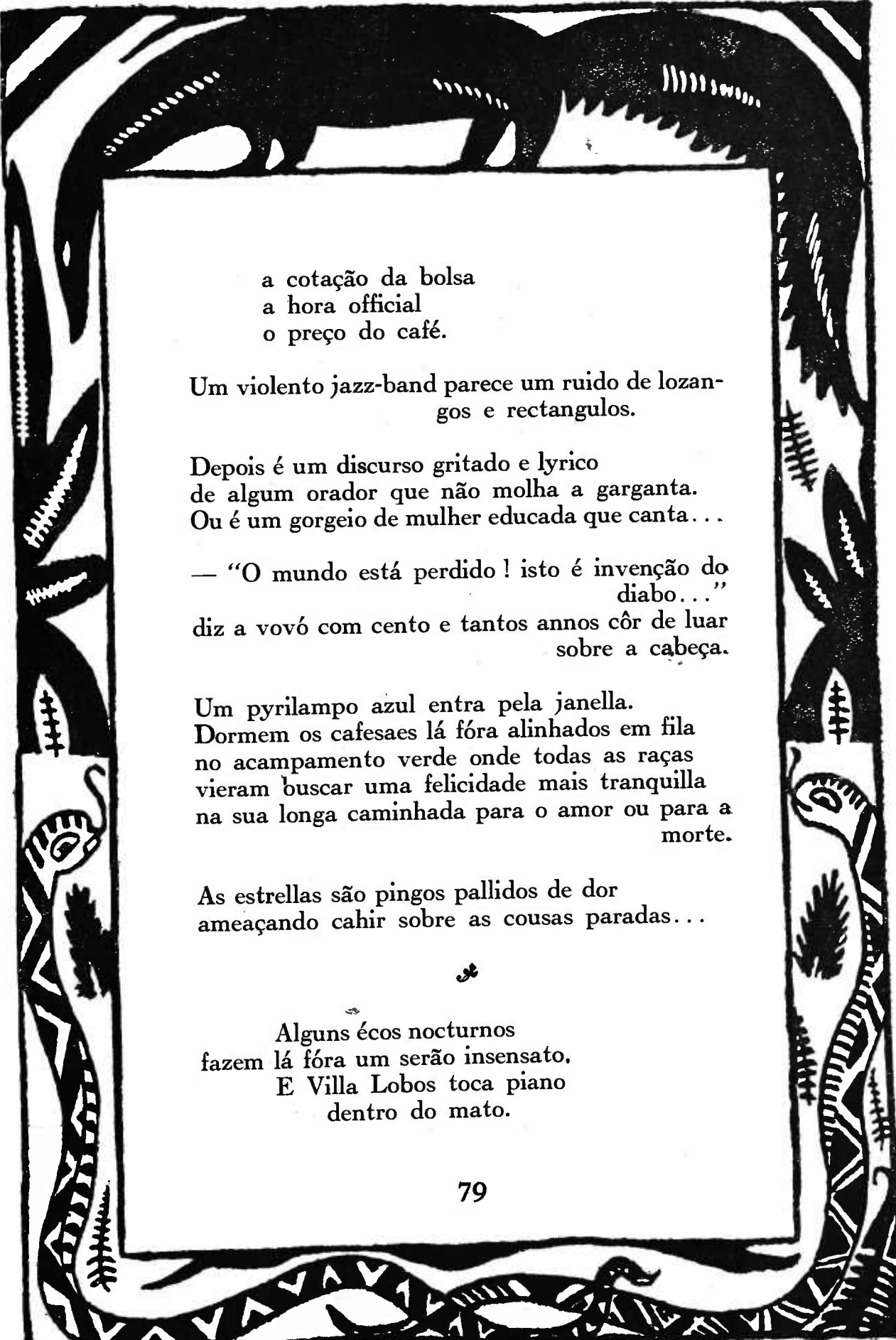
radiotelephonia na fazenda

Durante o dia da colheita os cafésaes borrarifam
sangue nos balaios dos colonos.
A civilização tomou de assalto o caminho da
Onça.

A' noite o coronel reúne as filhas
que são quatro caboclas-maravilhas
maravilhadas de surpresa.

E todas ouvem o passaro preto
que está cantando sobre a mesa.

E que lhes conta
com voz de gente



a cotação da bolsa
a hora official
o preço do café.

Um violento jazz-band parece um ruído de lozangos e rectangulos.

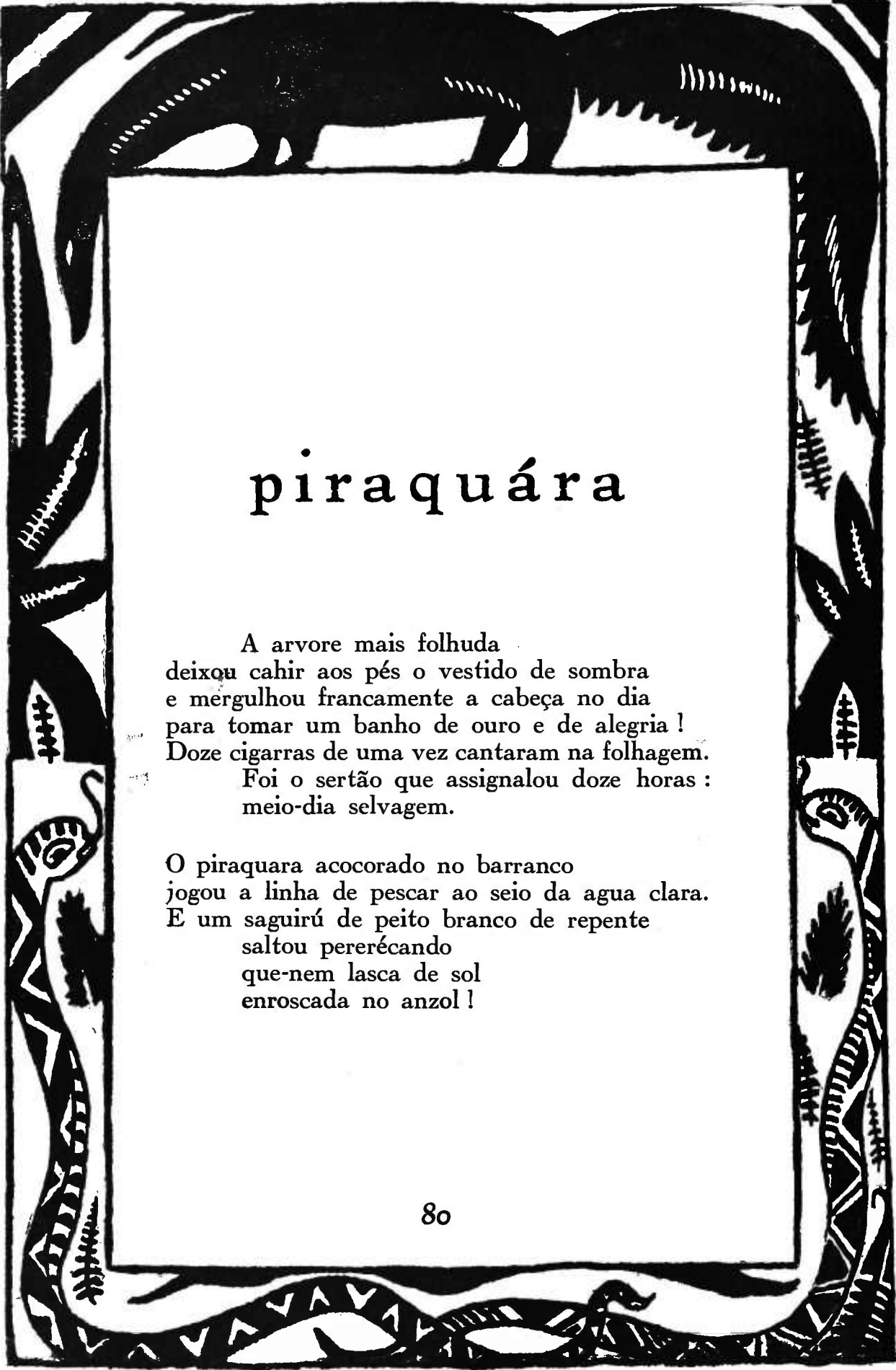
Depois é um discurso gritado e lyrico
de algum orador que não molha a garganta.
Ou é um gorgueio de mulher educada que canta...

— “O mundo está perdido ! isto é invenção do
diabo...”
diz a vovó com cento e tantos annos côr de luar
sobre a cabeça.

Um pyrilampo azul entra pela janella.
Dormem os cafesaes lá fóra alinhados em fila
no acampamento verde onde todas as raças
vieram buscar uma felicidade mais tranquilla
na sua longa caminhada para o amor ou para a
morte.

As estrellas são pingos pallidos de dor
ameaçando cahir sobre as cousas paradas...

Alguns écos nocturnos
fazem lá fóra um serão insensato.
E Villa Lobos toca piano
dentro do mato.

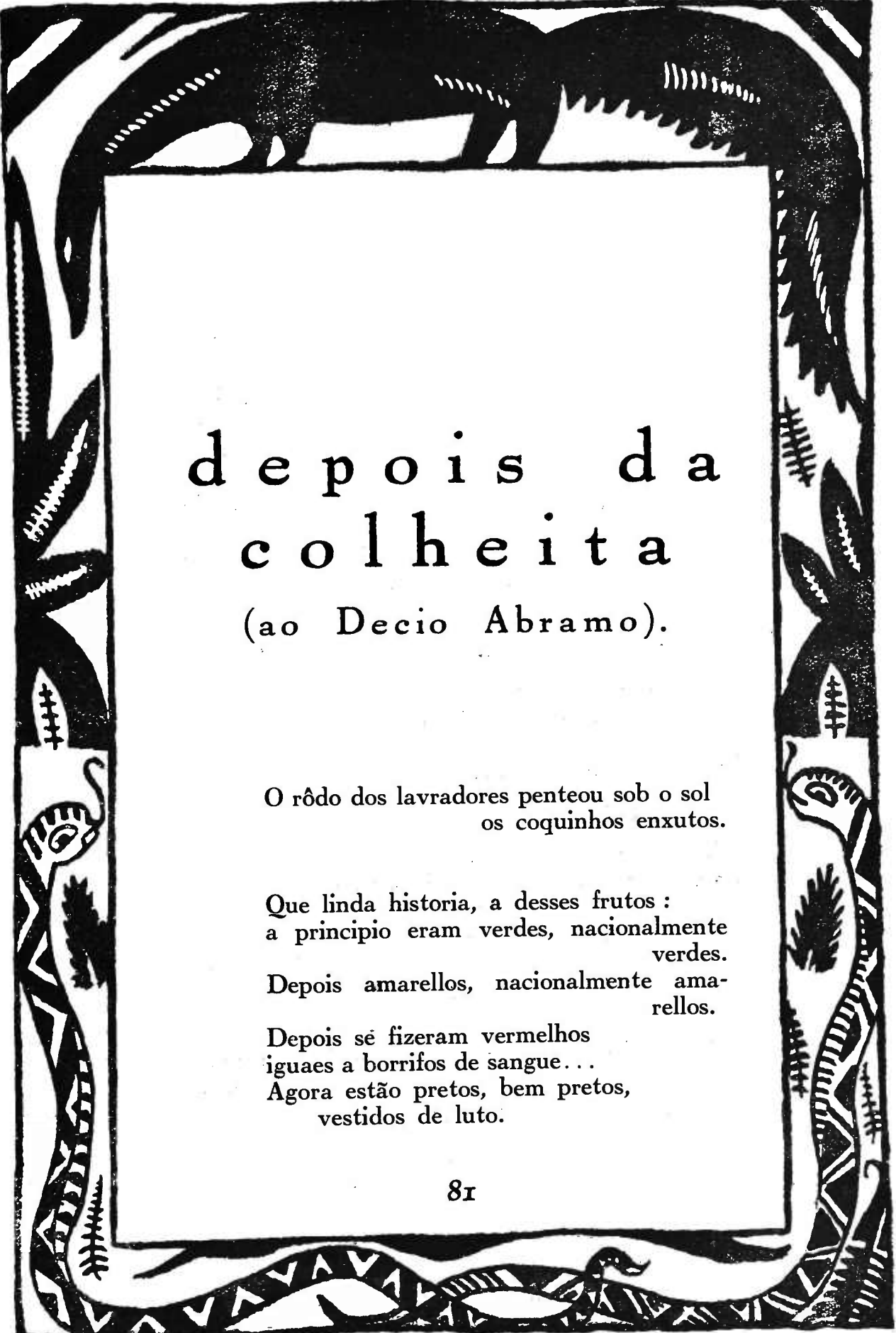


piraquára

A árvore mais folhuda
deixou cair aos pés o vestido de sombra
e mergulhou francamente a cabeça no dia
para tomar um banho de ouro e de alegria !
Doze cigarras de uma vez cantaram na folhagem.

Foi o sertão que sinalizou doze horas :
meio-dia selvagem.

O piraquara acorrido no barranco
jogou a linha de pescar ao seio da água clara.
E um saguirú de peito branco de repente
saltou pererécando
que-nem lasca de sol
enroscada no anzol !



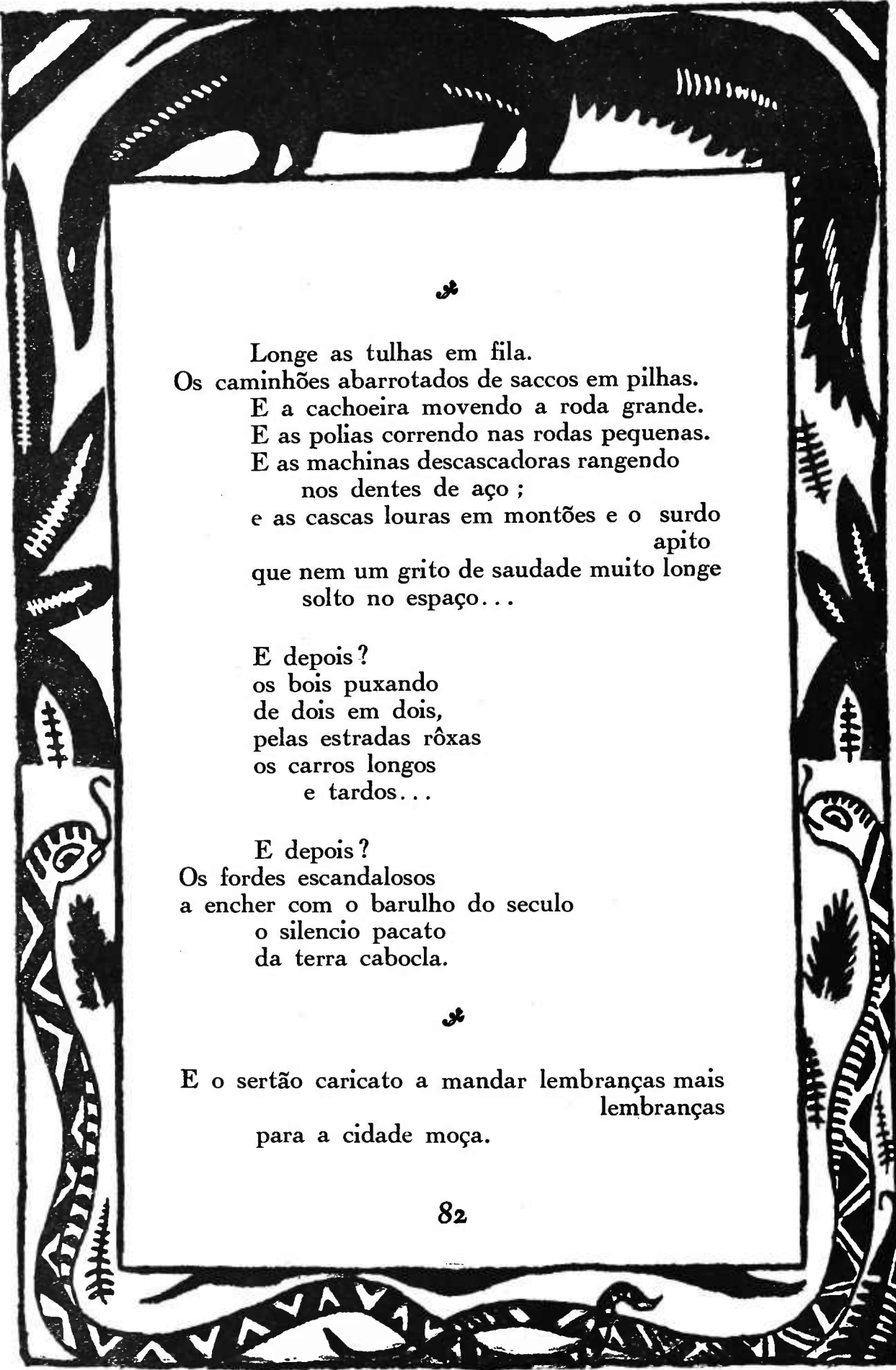
d e p o i s d a
c o l h e i t a

(a o D e c i o A b r a m o).

O rôdo dos lavradores penteou sob o sol
os coquinhos enxutos.

Que linda historia, a desses frutos :
a principio eram verdes, nacionalmente
verdes.
Depois amarellos, nacionalmente ama-
rellos.

Depois sé fizeram vermelhos
iguaes a borrifos de sangue...
Agora estão pretos, bem pretos,
vestidos de luto.

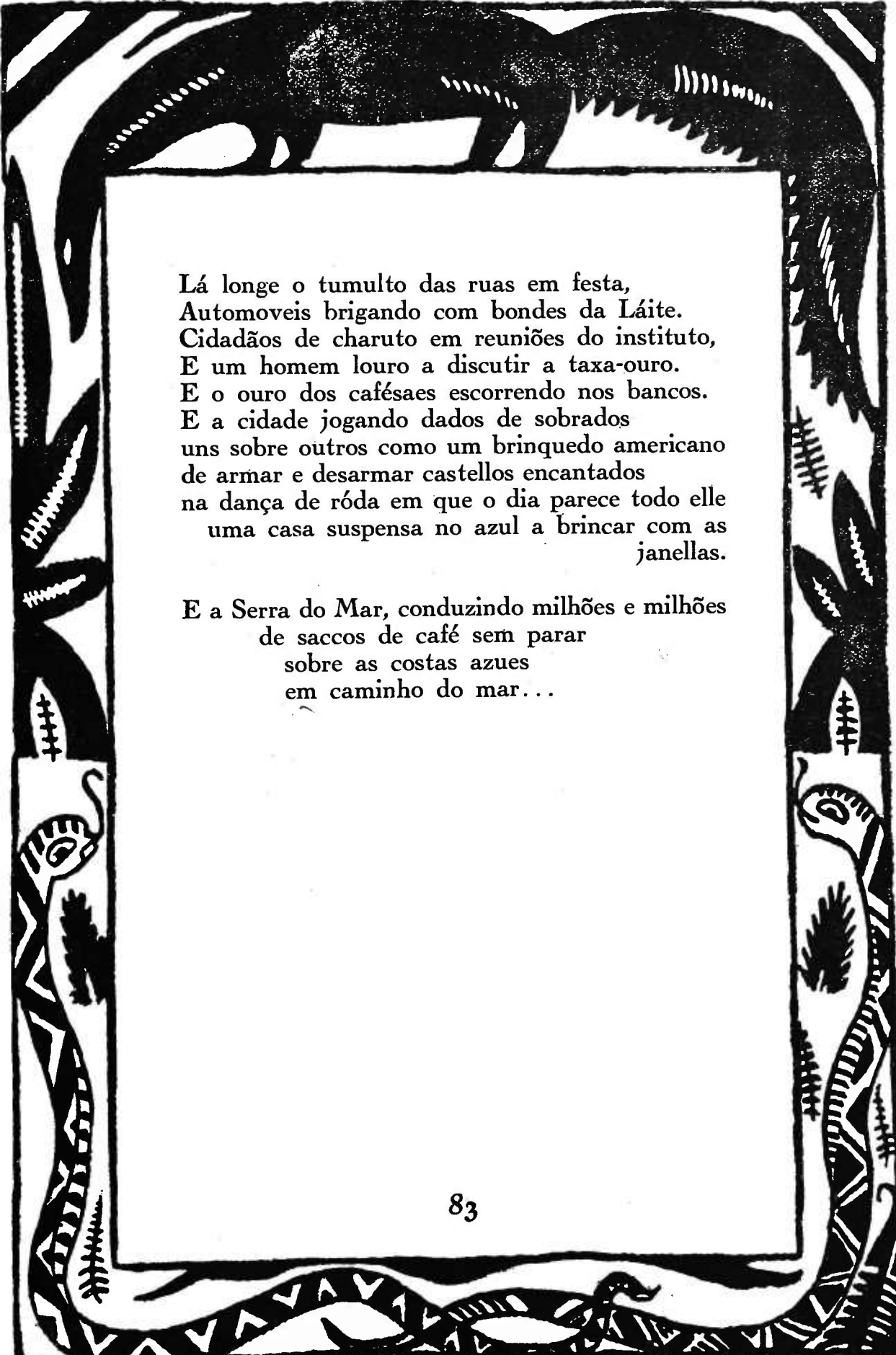


Longe as tulhas em fila.
Os caminhões abarrotados de saccos em pilhas.
E a cachoeira movendo a roda grande.
E as polias correndo nas rodas pequenas.
E as machinas descascadoras rangendo
nos dentes de aço ;
e as cascas louras em montões e o surdo
apito
que nem um grito de saudade muito longe
solto no espaço...

E depois?
os bois puxando
de dois em dois,
pelas estradas rôxas
os carros longos
e tardos...

E depois?
Os fordes escandalosos
a encher com o barulho do seculo
o silencio pacato
da terra cabocla.

E o sertão caricato a mandar lembranças mais
lembranças
para a cidade moça.



Lá longe o tumulto das ruas em festa,
Automoveis brigando com bondes da Láite.
Cidadãos de charuto em reuniões do instituto,
E um homem louro a discutir a taxa-ouro.
E o ouro dos cafésaes escorrendo nos bancos.
E a cidade jogando dados de sobrados
uns sobre outros como um brinquedo americano
de armar e desarmar castellos encantados
na dança de róda em que o dia parece todo elle
uma casa suspensa no azul a brincar com as
janellas.

E a Serra do Mar, conduzindo milhões e milhões
de saccoes de café sem parar
sobre as costas azues
em caminho do mar...

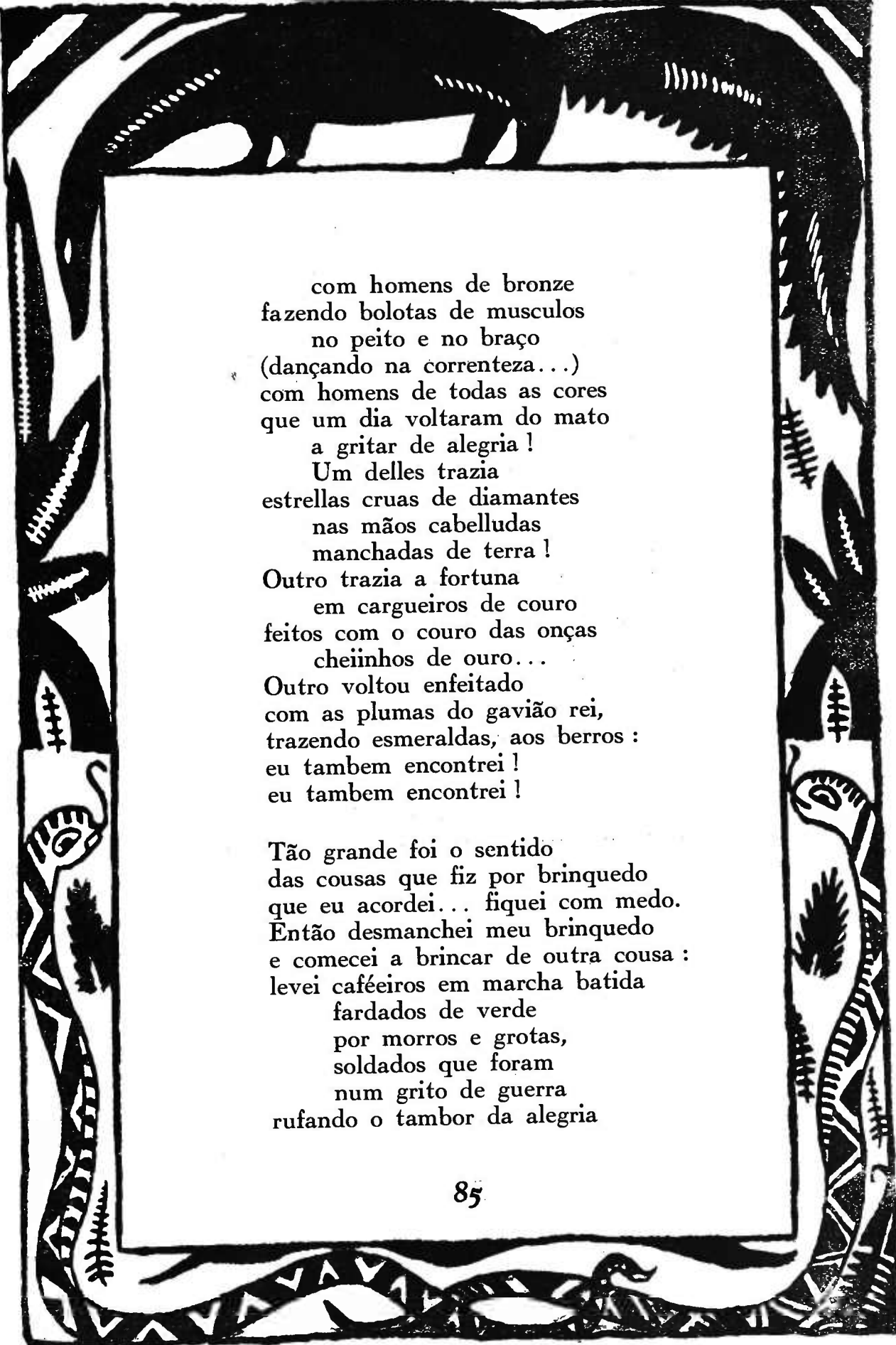


brinquedos
maravilhosos

(ao Paulo Arinos).

Lembro-me bem ainda tonto
desse rumor matutino,
comecei a correr mato
brincando com o meu destino.
Soltei na agua do Tietê
meus barquinhos de papel
ah! meu deus que boniteza
vel-os fugir, um atraz de outro,
dançando na correnteza.

E os barquinhos se foram...
(ah! meu deus que boniteza),
pirogas morenas




com homens de bronze
fazendo bolotas de musculos
no peito e no braço
(dançando na correnteza...)
com homens de todas as cores
que um dia voltaram do mato
a gritar de alegria!

Um delles trazia
estrellas cruas de diamantes
nas mãos cabelludas
manchadas de terra!

Outro trazia a fortuna
em cargueiros de couro
feitos com o couro das onças
cheinhos de ouro...

Outro voltou enfeitado
com as plumas do gavião rei,
trazendo esmeraldas, aos berros :
eu tambem encontrei !
eu tambem encontrei !

Tão grande foi o sentido
das cousas que fiz por brinquedo
que eu acordei... fiquei com medo.
Então desmanchei meu brinquedo
e comecei a brincar de outra cousa :
leveí caféeiros em marcha batida
fardados de verde
por morros e grotas,
soldados que foram
num grito de guerra
rufando o tambor da alegria



levar minha nova esperança
aos logares mais longes da terra!


Tudo brinquedo de creança.
Mas os soldados que fiz por brinquedo
viraram valentes
brigaram com o mato
avançaram sem medo
e feridos na luta
ficaram pingando
dos pés á cabeça
caroços de sangue...

Hoje estão muito longe
nem sei onde estão :
e cada vez mais atrevidos
marcham em todos os sentidos,
na sua batalha de morte
contra o sertão !

Mas eu confesso : estou com medo
do meu proprio brinquedo.



**a minha chicara
de café e o
meu jornal.**

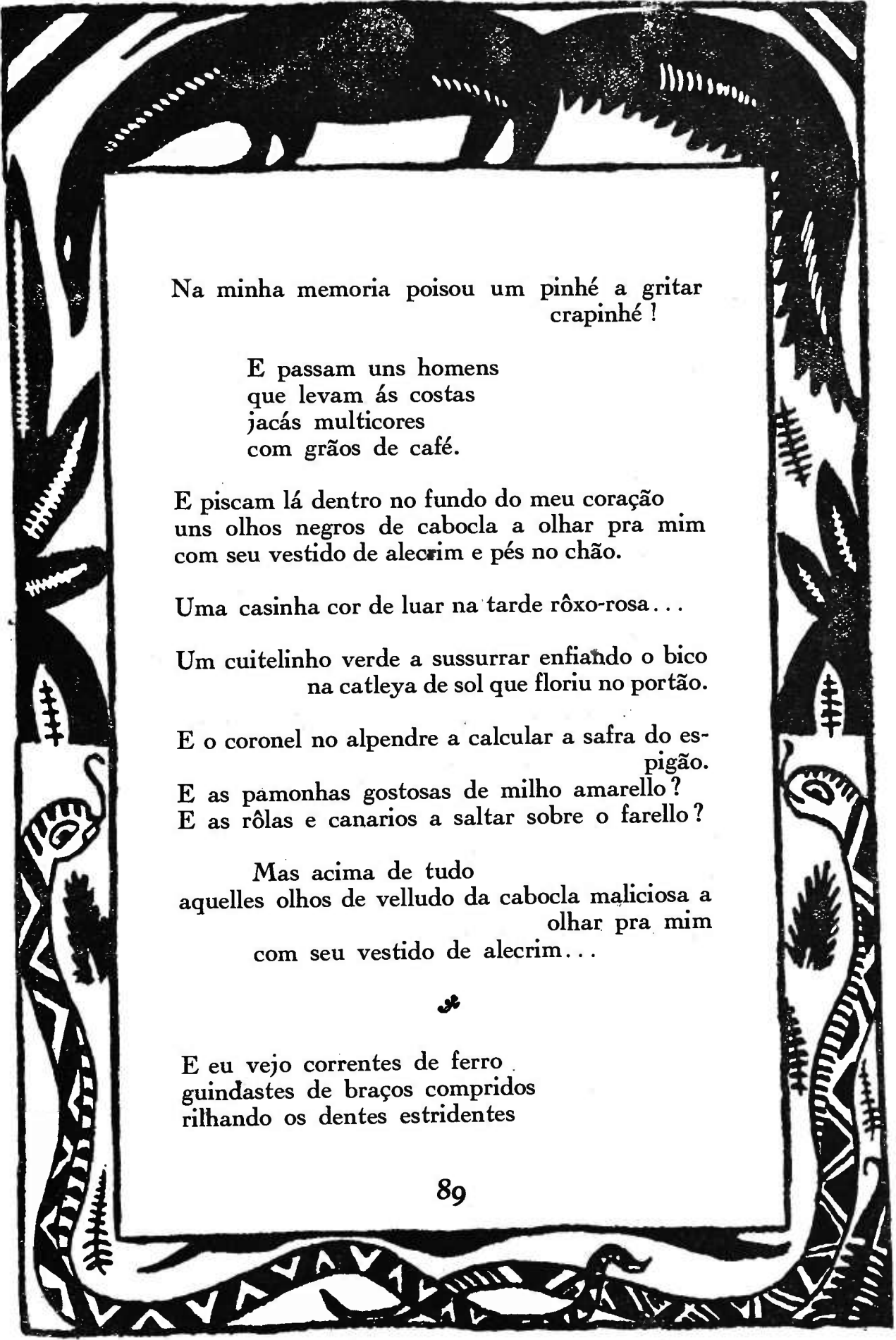


a minha chicara de café

A chicara é branca e pequena como uma casca
de ovo.
O garçon traz o bule e derrama o café forte e
novo
como si derramasse por encanto
uma pequena noite líquida e cheirosa
na casca de ovo.

A minha chicara de café
é o resumo de todas as cousas que vi na fazenda e
me vêm á memoria apagada.

Na minha memoria anda um carro de bois a bater
as porteiras da estrada. . .



Na minha memoria poisou um pinhé a gritar
crapinhé !

E passam uns homens
que levam ás costas
jacás multicores
com grãos de café.

E piscam lá dentro no fundo do meu coração
uns olhos negros de cabocla a olhar pra mim
com seu vestido de alecrim e pés no chão.

Uma casinha cor de luar na tarde rôxo-rosa . . .

Um cuitelinho verde a sussurrar enfiando o bico
na catleya de sol que floriu no portão.

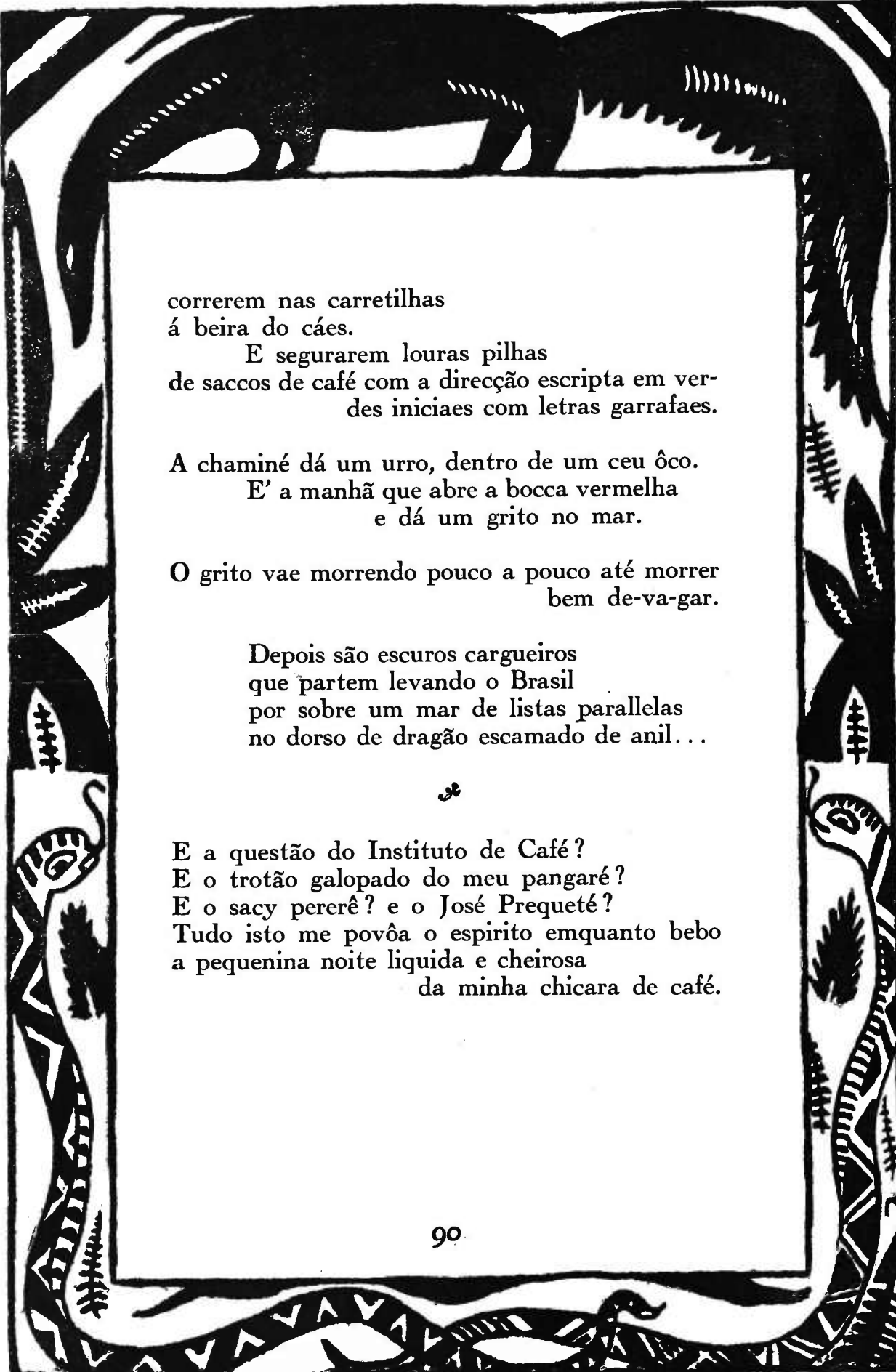
E o coronel no alpendre a calcular a safra do es-
pigão.

E as pamonhas gostosas de milho amarello?
E as rôlas e canarios a saltar sobre o farello?

Mas acima de tudo
aquelles olhos de velludo da cabocla maliciosa a
olhar pra mim
com seu vestido de alecrim . . .



E eu vejo correntes de ferro
guindastes de braços compridos
rilhando os dentes estridentes



correrem nas carretilhas
á beira do cáes.

E segurarem louras pilhas
de saccos de café com a direcção escripta em ver-
des iniciaes com letras garrafaes.

A chaminé dá um urro, dentro de um ceu ôco.
E' a manhã que abre a bocca vermelha
e dá um grito no mar.

O grito vae morrendo pouco a pouco até morrer
bem de-va-gar.

Depois são escuros cargueiros
que partem levando o Brasil
por sobre um mar de listas parallelas
no dorso de dragão escamado de anil...



E a questão do Instituto de Café?
E o trotão galopado do meu pangaré?
E o sacy pererê? e o José Prequeté?
Tudo isto me povôa o espirito emquanto bebo
a pequenina noite liquida e cheirosa
da minha chicara de café.

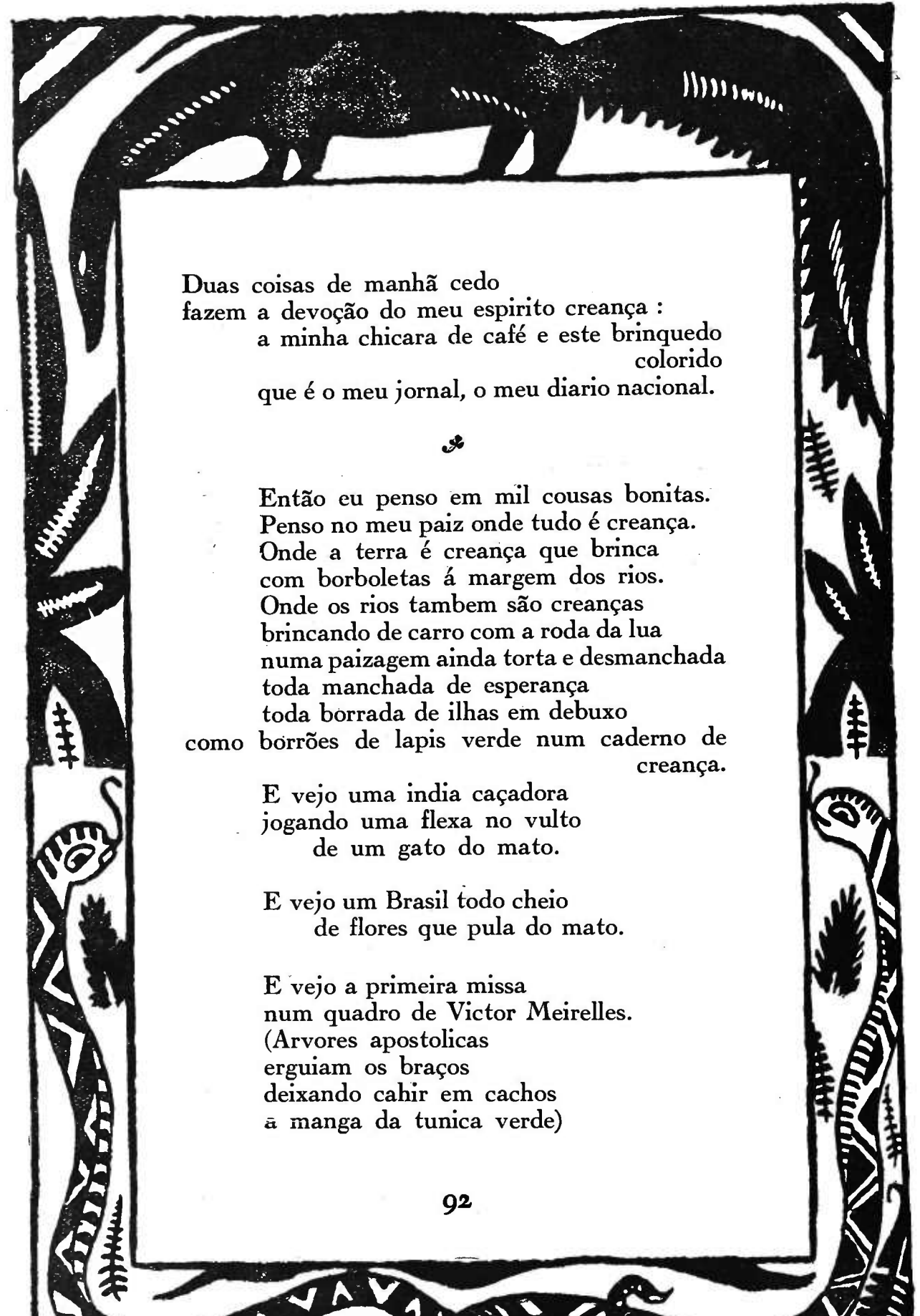


o jornal-mundo
(ao Genolino Amado).

O Correio! O Commercio!
O Diario! A Gazeta! A Platéa!
Toda manhã, toda tarde,
duas ou tres vezes por dia,
eu compro o mundo por duzentos réis.



Pego do meu jornal de manhã cedo
como quem pega de um brinquedo
e encontro dentro do jornal o mundo cheio
de chinezes que estão brigando sem parar ;
e uma porção de cidades que se encontraram no
mesmo dia pelo telegrapho,
num aperto de mão sobre o mar.



Duas coisas de manhã cedo
fazem a devoção do meu espirito creança :
a minha chicara de café e este brinquedo
colorido
que é o meu jornal, o meu diario nacional.

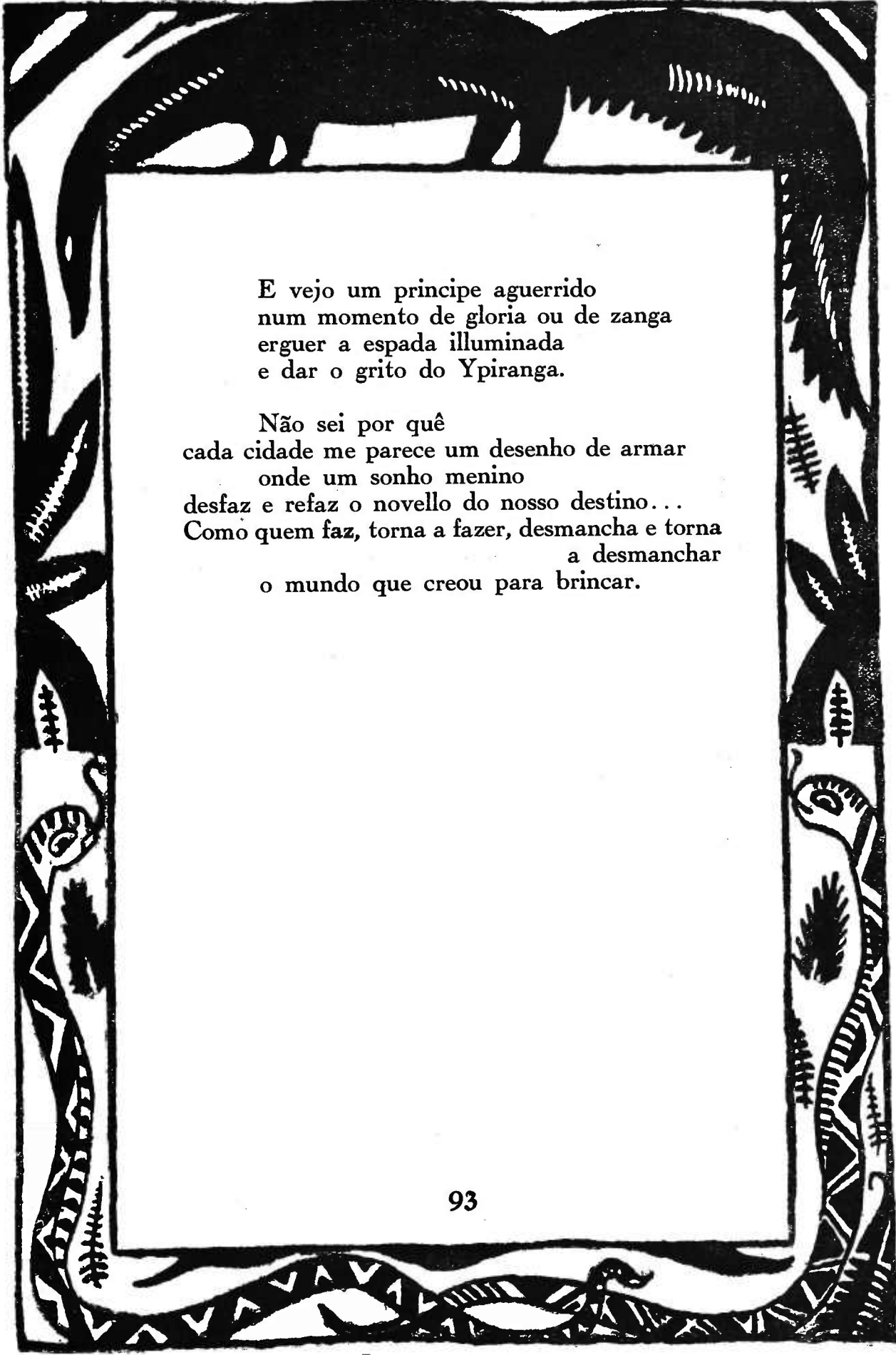


Então eu penso em mil cousas bonitas.
Penso no meu paiz onde tudo é creança.
Onde a terra é creança que brinca
com borboletas á margem dos rios.
Onde os rios tambem são creanças
brincando de carro com a roda da lua
numa paisagem ainda torta e desmanchada
toda manchada de esperança
toda borrada de ilhas em debuxo
como borrões de lapis verde num caderno de
creança.

E vejo uma india caçadora
jogando uma flexa no vulto
de um gato do mato.


E vejo um Brasil todo cheio
de flores que pula do mato.

E vejo a primeira missa
num quadro de Victor Meirelles.
(Arvores apostolicas
erguiam os braços
deixando cahir em cachos
ã manga da tunica verde)



E vejo um príncipe aguerrido
num momento de glória ou de zanga
erguer a espada iluminada
e dar o grito do Ypiranga.

Não sei por quê
cada cidade me parece um desenho de armar
onde um sonho menino
desfaz e refaz o novello do nosso destino...
Como quem faz, torna a fazer, desmancha e torna
a desmanchar
o mundo que creou para brincar.



a tribu que acampou na cidade

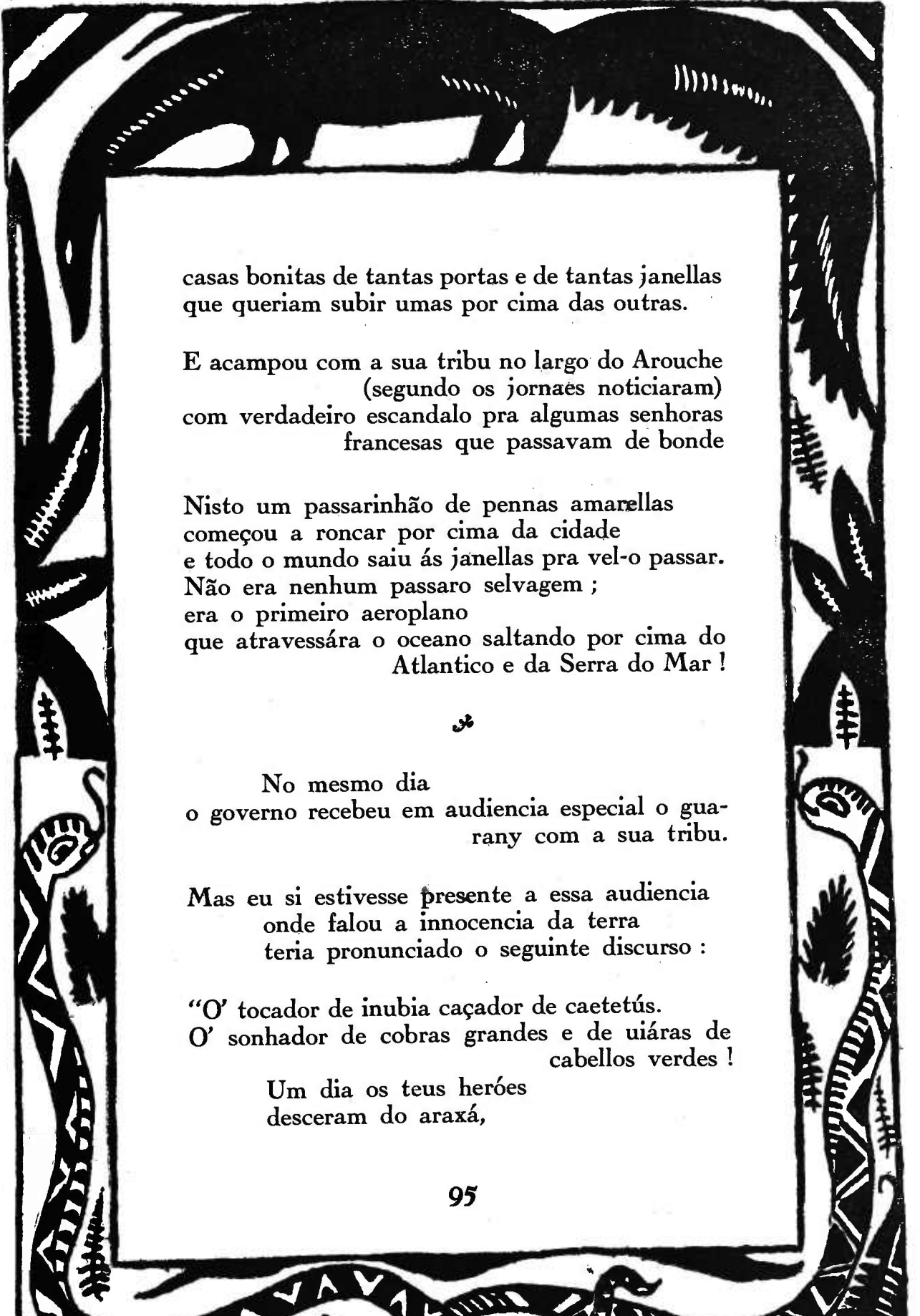
O trem de ferro entrou no mato e marcou com o
seus trilhos o lombo da serra.

Então um indio guarany tirou o cocar de pennas
verdes que trazia na fronte bronzeada e
veiu pra São Paulo.



Veuu com a sua tribu procurar o governo
que morava num baita palacio todo cheio de es-
cadas
com estrellas electricas de todas as cores.

Mas antes de ser recebido em palacio pelo governo
quiz vêr as ruas sem achar explicação pra aquellas



casas bonitas de tantas portas e de tantas janellas
que queriam subir umas por cima das outras.

E acampou com a sua tribu no largo do Arouche
(segundo os jornaes noticiaram)
com verdadeiro escandalo pra algumas senhoras
francesas que passavam de bonde

Nisto um passarinhão de pennas amarellas
começou a roncar por cima da cidade
e todo o mundo saiu ás janellas pra vel-o passar.
Não era nenhum passaro selvagem ;
era o primeiro aeroplano
que atravessára o oceano saltando por cima do
Atlantico e da Serra do Mar !

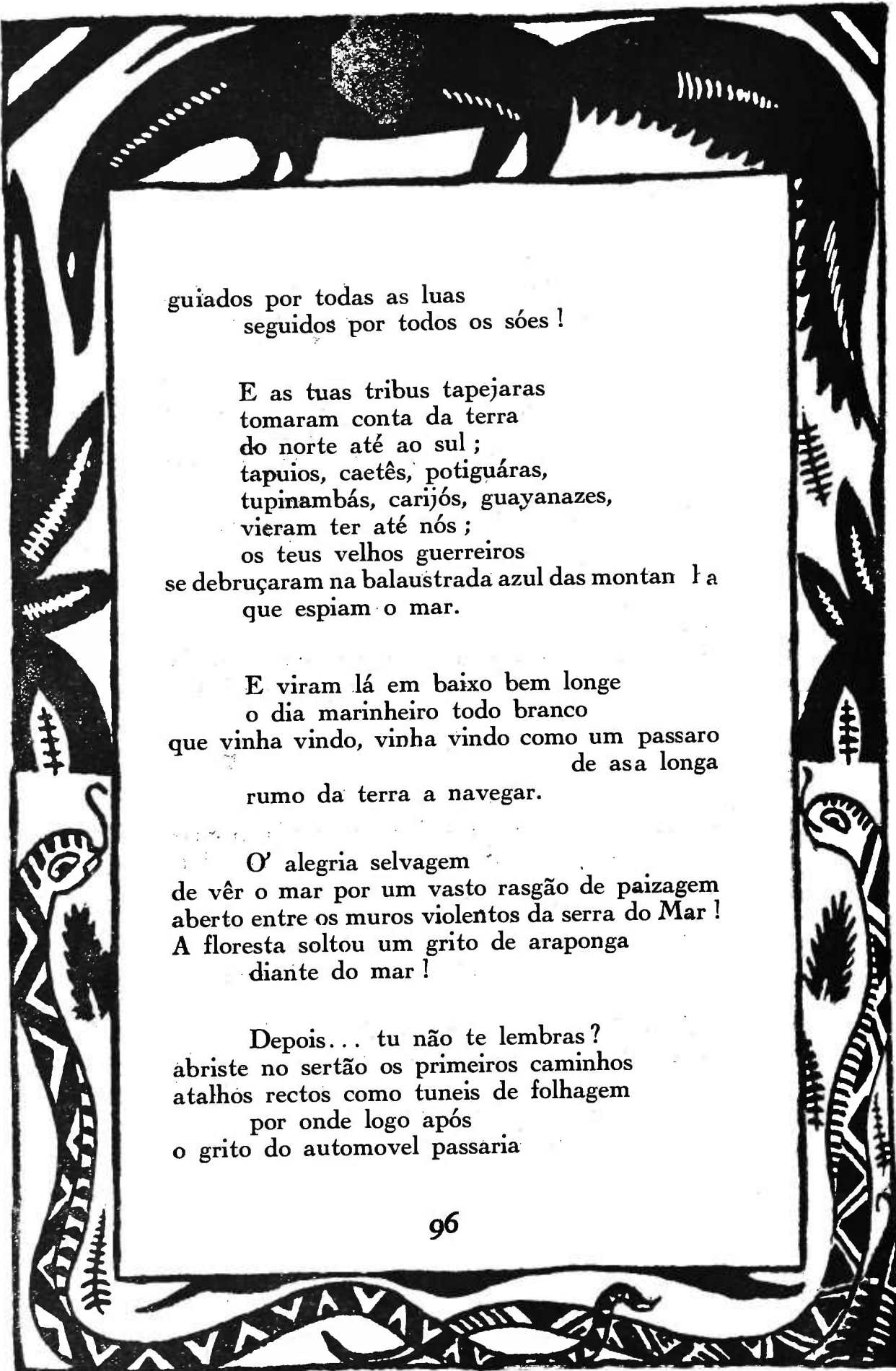


No mesmo dia
o governo recebeu em audiencia especial o gua-
rany com a sua tribu.

Mas eu si estivesse presente a essa audiencia
onde falou a innocencia da terra
teria pronunciado o seguinte discurso :

“O’ tocador de inubia caçador de caetetús.
O’ sonhador de cobras grandes e de uiáras de
cabellos verdes !

Um dia os teus heróes
desceram do araxá,



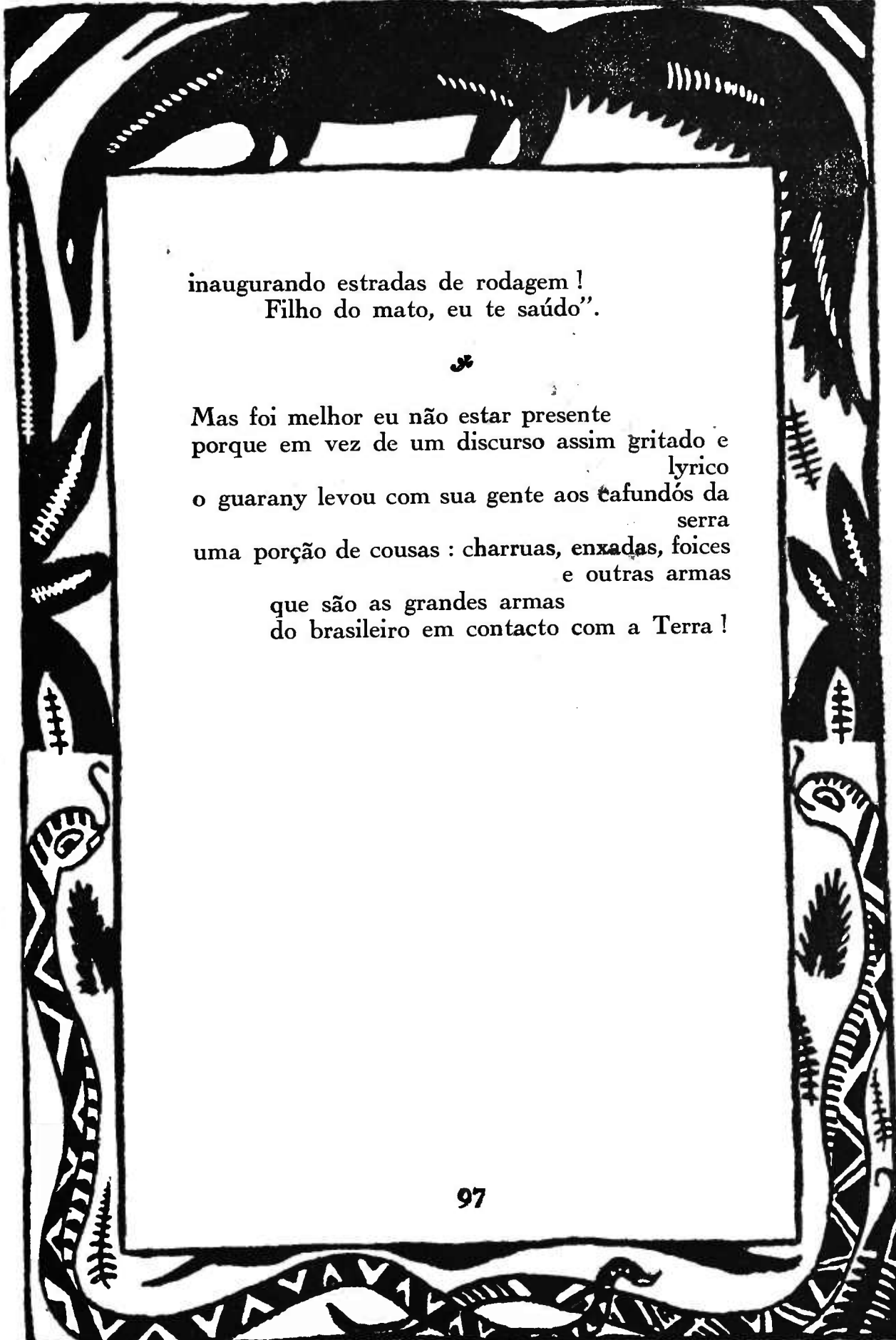
guiados por todas as luas
seguidos por todos os sóes !

E as tuas tribus tapejaras
tomaram conta da terra
do norte até ao sul ;
tapuios, caetés, potiguáras,
tupinambás, carijós, guayanazes,
vieram ter até nós ;
os teus velhos guerreiros
se debruçaram na balaustrada azul das montan ha
que espiam o mar.

E viram lá em baixo bem longe
o dia marinho todo branco
que vinha vindo, vinha vindo como um passaro
de asa longa
rumo da terra a navegar.

O' alegria selvagem
de vêr o mar por um vasto rasgão de paizagem
aberto entre os muros violentos da serra do Mar !
A floresta soltou um grito de araponga
diante do mar !

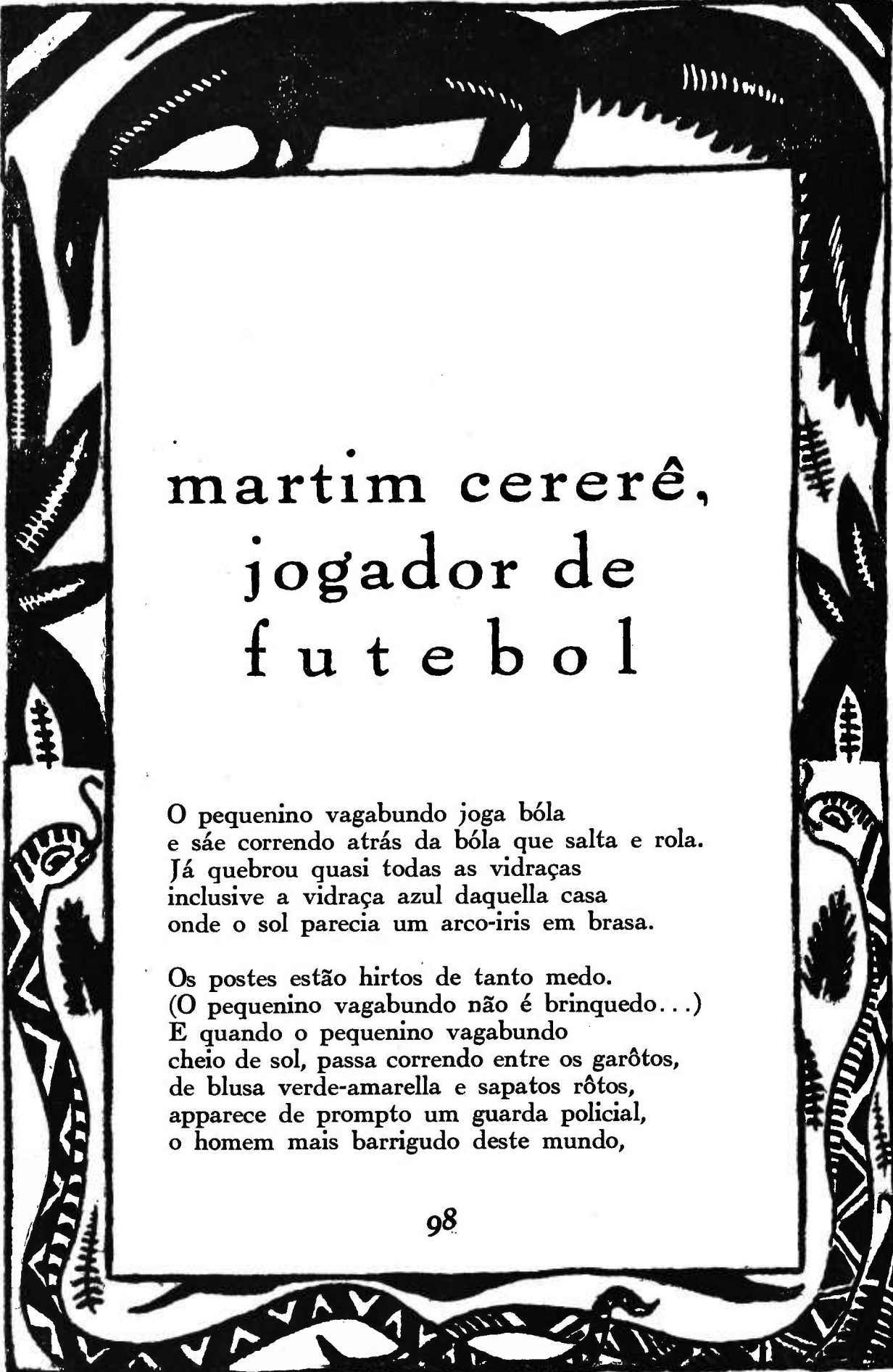
Depois... tu não te lembras ?
abriste no sertão os primeiros caminhos
atalhós rectos como tuneis de folhagem
por onde logo após
o grito do automovel passaria



inaugurando estradas de rodagem !
Filho do mato, eu te saúdo”.



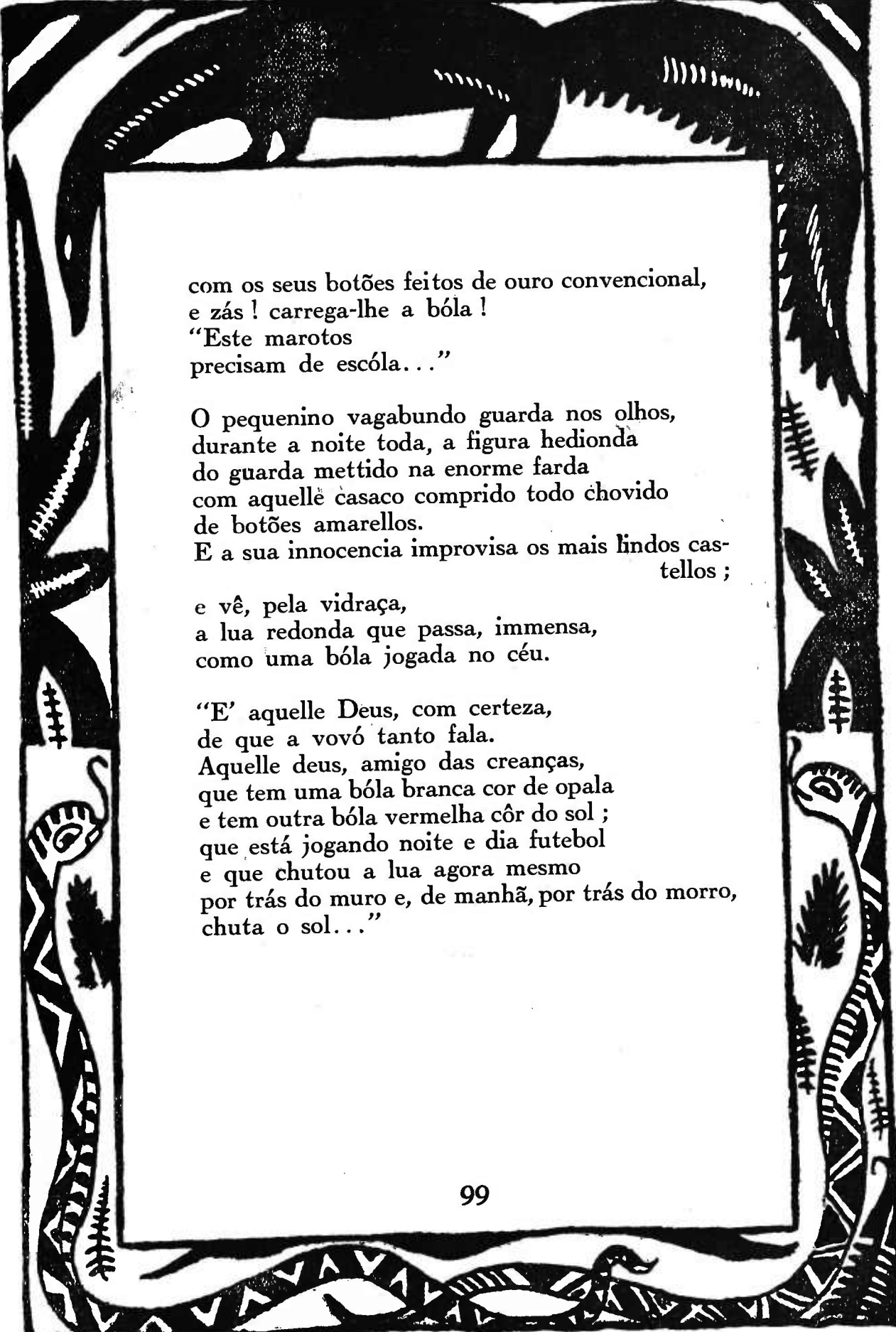
Mas foi melhor eu não estar presente
porque em vez de um discurso assim gritado e
lyrico
o guarany levou com sua gente aos tafundós da
serra
uma porção de cousas : charruas, enxadas, foices
e outras armas
que são as grandes armas
do brasileiro em contacto com a Terra !



martim cererê,
jogador de
f u t e b o l

O pequenino vagabundo joga bóla
e sáe correndo atrás da bóla que salta e rola.
Já quebrou quasi todas as vidraças
inclusive a vidraça azul daquela casa
onde o sol parecia um arco-iris em brasa.

Os postes estão hirtos de tanto medo.
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)
E quando o pequenino vagabundo
cheio de sol, passa correndo entre os garôtos,
de blusa verde-amarella e sapatos rôtos,
apparece de prompto um guarda policial,
o homem mais barrigudo deste mundo,



com os seus botões feitos de ouro convencional,
e zás! carrega-lhe a bóla!

“Este marotos
precisam de escola...”

O pequenino vagabundo guarda nos olhos,
durante a noite toda, a figura hedionda
do guarda mettido na enorme farda
com aquellê casaco comprido todo chovido
de botões amarelos.

E a sua innocencia improvisa os mais lindos cas-
tellos ;

e vê, pela vidraça,
a lua redonda que passa, immensa,
como uma bóla jogada no céu.

“E’ aquelle Deus, com certeza,
de que a vovó tanto fala.

Aquelle deus, amigo das creanças,
que tem uma bóla branca cor de opala
e tem outra bóla vermelha côr do sol ;
que está jogando noite e dia futebol
e que chutou a lua agora mesmo
por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,
chuta o sol...”



brasil-menino

(a Augusto Meyer).

I

Meu pae era um gigante domador de leguas
e caçador de onças pretas.

Quando elle partiu a cavallo
em seu dragão de pello-azul, que era o "Tietê dos
bandeirantes",
lembro-me muito bem de que elle disse : olhe
meu filho,
eu vou sururucar por esta porta e um dia volta-
rei trazendo umas duzentas leguas de caminho
e umas dezenas de onças arrastadas pelo rabo a
pingar sangue do focinho.

E dito e feito ! lá se foi dando empurrões no mato
dos barrancos
por entre alas de jacarés e de passaros brancos !



II

Quando veiu o natal meu pae estava longe,
em luta com os bichos pelludos, com os gatos
grandões de cabeça listada e com as mulas
de sete cabeças que moram no fundo das ar-
vores espêssas.

No planalto batia um sino a perguntar : “elle-
não-vem ? elle-não-vem ?”

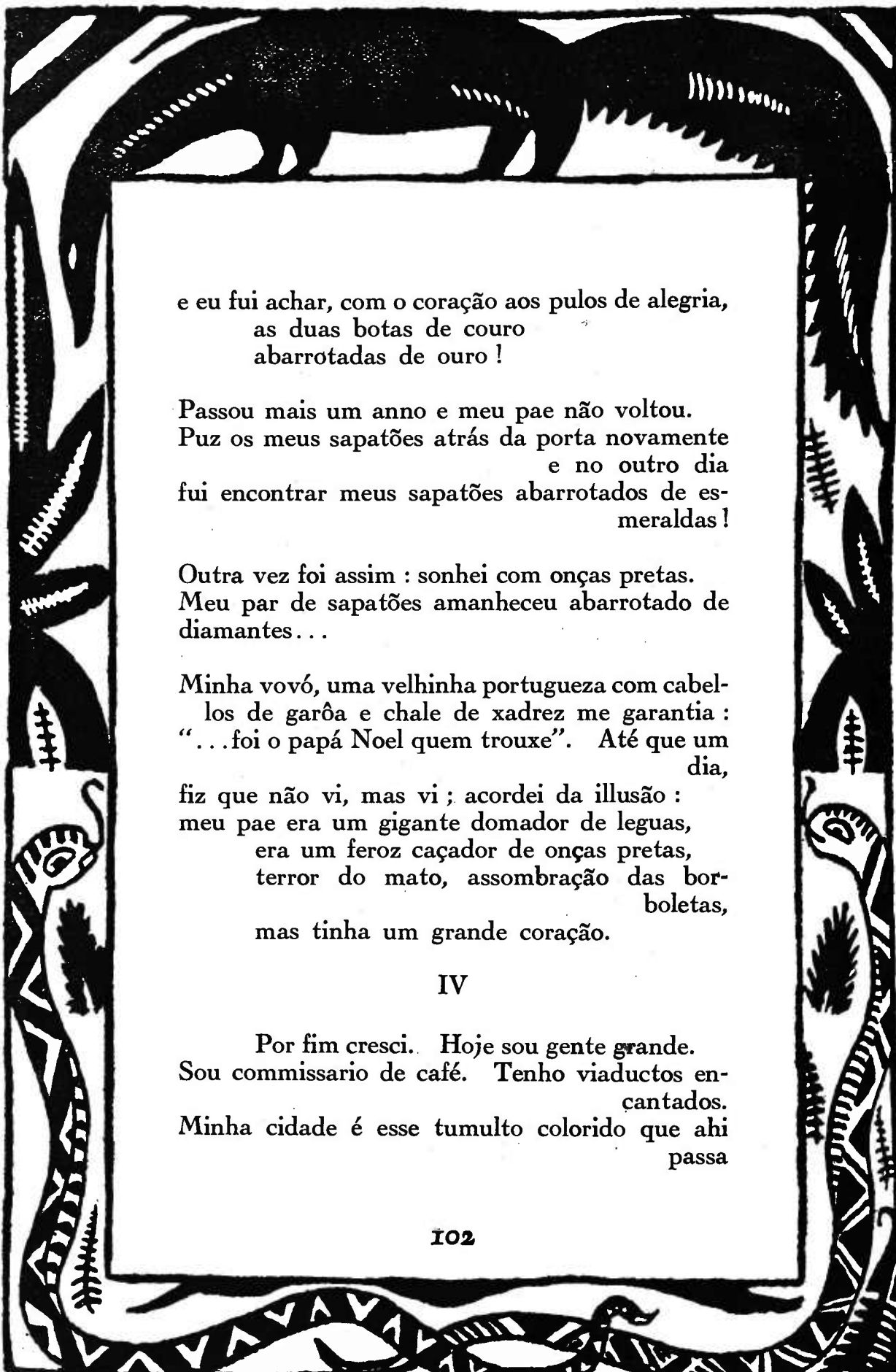
Um outro sino de voz grossa respondia : “não...
e não”, dizendo “não...” e repetindo “não...
e não”...

III

E eu me lembrei de procurar um par de botas
das que meu pae usava e pôr o par de botas
atrás da porta do sertão que resmungava ento-
caiado no arvoredo.

Como fazia frio aquella noite !
Fiquei com tanto medo... Um gato currumiau
passeava pelos vãos da telha vã...

Mas chegou a manhã, linda como um thesouro !



e eu fui achar, com o coração aos pulos de alegria,
as duas botas de couro
abarrotadas de ouro !

Passou mais um anno e meu pae não voltou.
Puz os meus sapatões atrás da porta novamente
e no outro dia
fui encontrar meus sapatões abarrotados de es-
meraldas !

Outra vez foi assim : sonhei com onças pretas.
Meu par de sapatões amanheceu abarrotado de
diamantes . . .

Minha vovó, uma velhinha portugueza com cabel-
los de garôa e chale de xadrez me garantia :
“ . . . foi o papá Noel quem trouxe”. Até que um
dia,
fiz que não vi, mas vi ; acordei da illusão :
meu pae era um gigante domador de leguas,
era um feroz caçador de onças pretas,
terror do mato, assombração das bor-
boletas,
mas tinha um grande coração.

IV

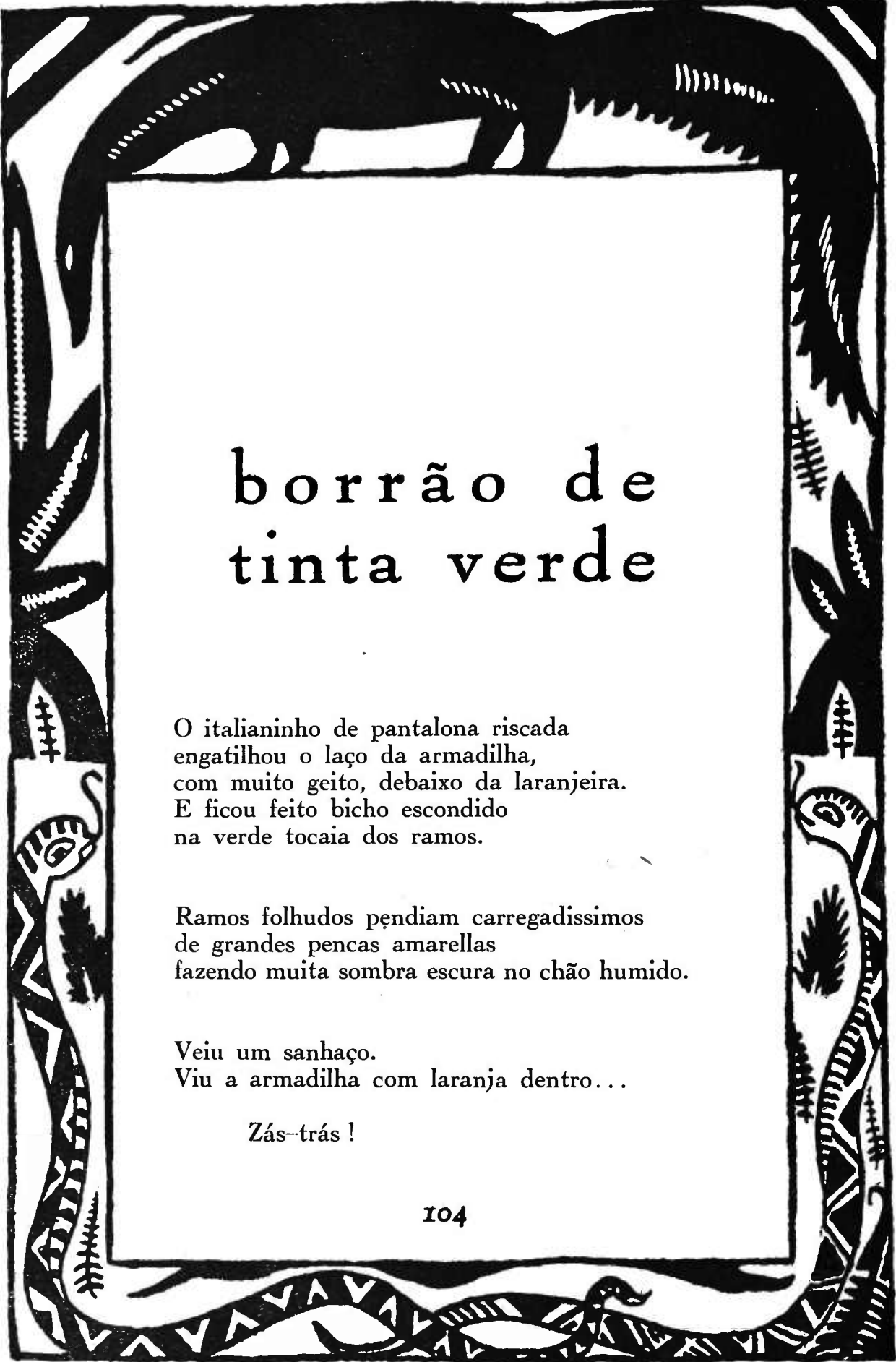
Por fim cresci. Hoje sou gente grande.
Sou commissario de café. Tenho viaductos en-
cantados.
Minha cidade é esse tumulto colorido que ahi
passa



levando as fabricas pelas rédeas pretas de fu-
maça !

Barulho phantastico
de um mundo que saiu da officina.
Grito metalico de cidade americana.
Vida rodando fremindo batendo martellos
com musculos de aço !

E o Tietê conta a historia dos velhos gigantes,
ao tempo em que São Paulo collocava os sapatões
atrás da pórtá
e os sapatões amanheciam cheios de ouro,
e os sapatões amanheciam cheios de esmeraldas,
e os sapatões amanheciam cheios de diamantes..



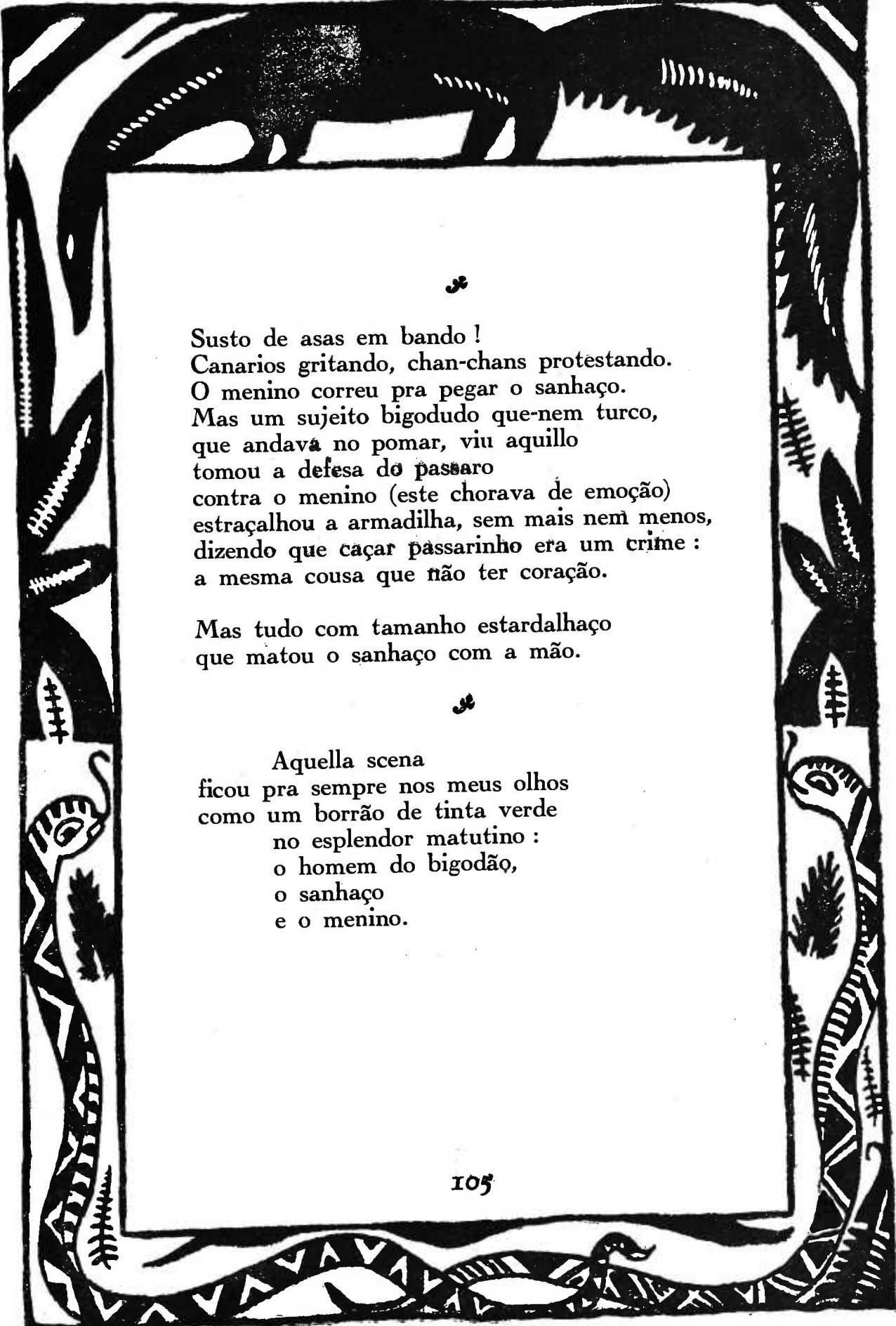
borrão de tinta verde

O italianinho de pantalone riscada
engatilhou o laço da armadilha,
com muito geito, debaixo da laranjeira.
E ficou feito bicho escondido
na verde tocaia dos ramos.

Ramos folhudos pendiam carregadíssimos
de grandes pencas amarellas
fazendo muita sombra escura no chão humido.

Veiu um sanhaço.
Viu a armadilha com laranja dentro...

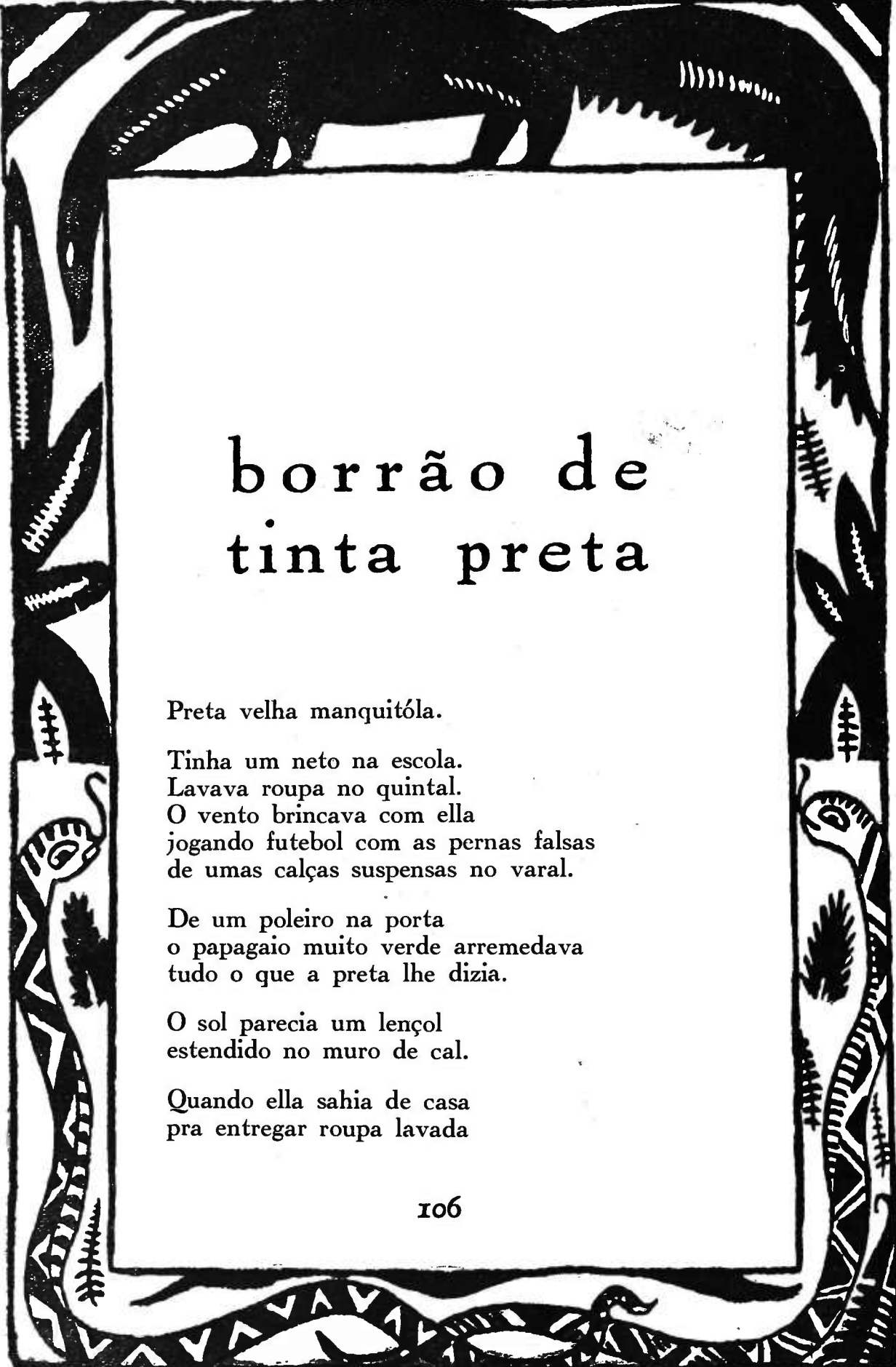
Zás-trás!



Susto de asas em bando!
Canários gritando, chan-chans protestando.
O menino correu pra pegar o sanhaço.
Mas um sujeito bigodudo que-nem turco,
que andava no pomar, viu aquillo
tomou a defesa do passaro
contra o menino (este chorava de emoção)
estraçalhou a armadilha, sem mais nem menos,
dizendo que caçar passarinho era um crime:
a mesma cousa que não ter coração.

Mas tudo com tamanho estardalhaço
que matou o sanhaço com a mão.

Aquella scena
ficou pra sempre nos meus olhos
como um borrão de tinta verde
no esplendor matutino:
o homem do bigodão,
o sanhaço
e o menino.



borrão de tinta preta

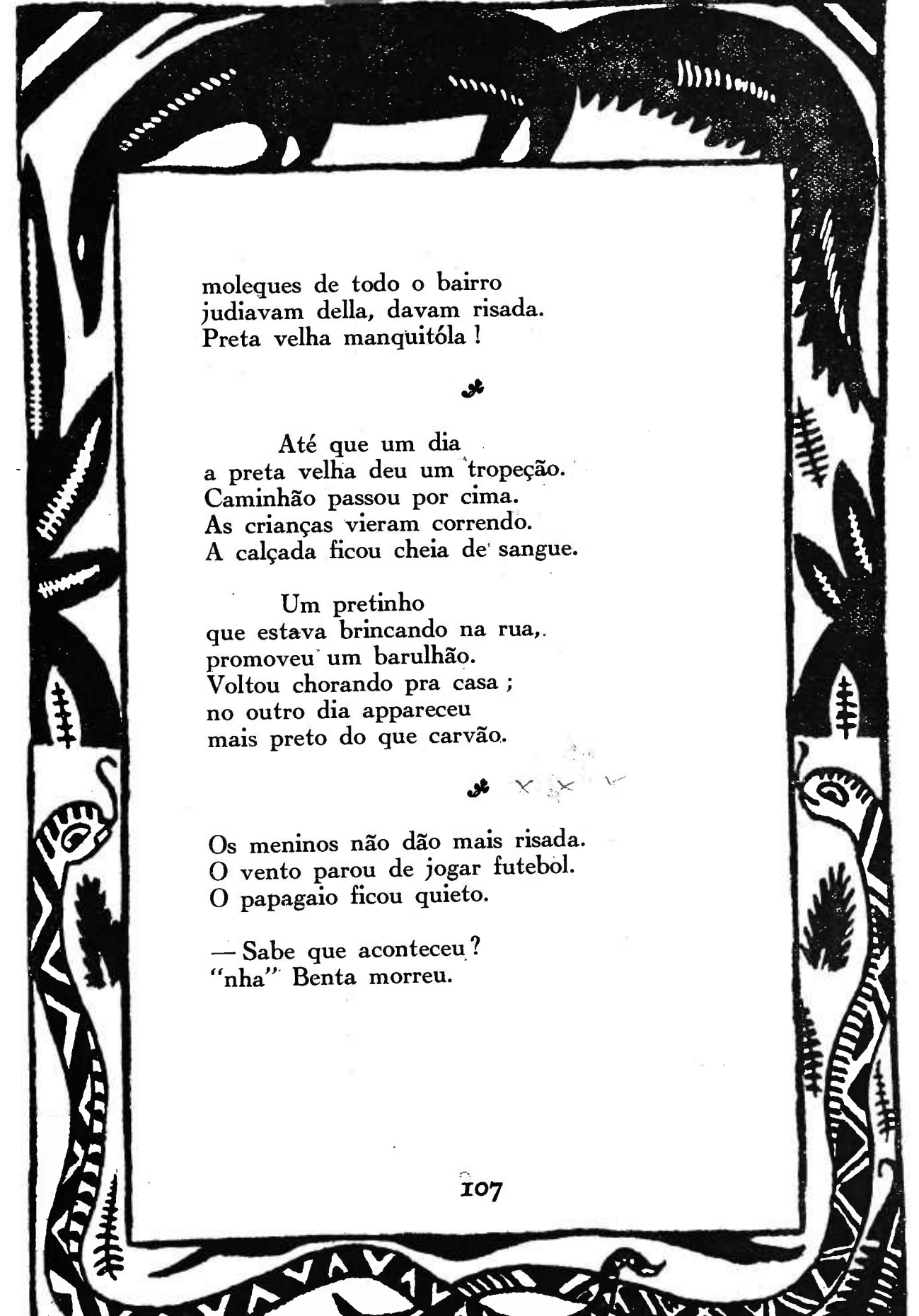
Preta velha manquitóla.

Tinha um neto na escola.
Lavava roupa no quintal.
O vento brincava com ella
jogando futebol com as pernas falsas
de umas calças suspensas no varal.

De um poleiro na porta
o papagaio muito verde arremedava
tudo o que a preta lhe dizia.

O sol parecia um lençol
estendido no muro de cal.

Quando ella sahia de casa
pra entregar roupa lavada



moleques de todo o bairro
judiavam della, davam risada.
Preta velha manquitóla !

✿


Até que um dia
a preta velha deu um tropeção.
Caminhão passou por cima.
As crianças vieram correndo.
A calçada ficou cheia de sangue.

Um pretinho
que estava brincando na rua,
promoveu um barulhão.
Voltou chorando pra casa ;
no outro dia appareceu
mais preto do que carvão.

✿ ✕ ✕ ✕ ✕

Os meninos não dão mais risada.
O vento parou de jogar futebol.
O papagaio ficou quieto.

— Sabe que aconteceu?
“nha” Benta morreu.

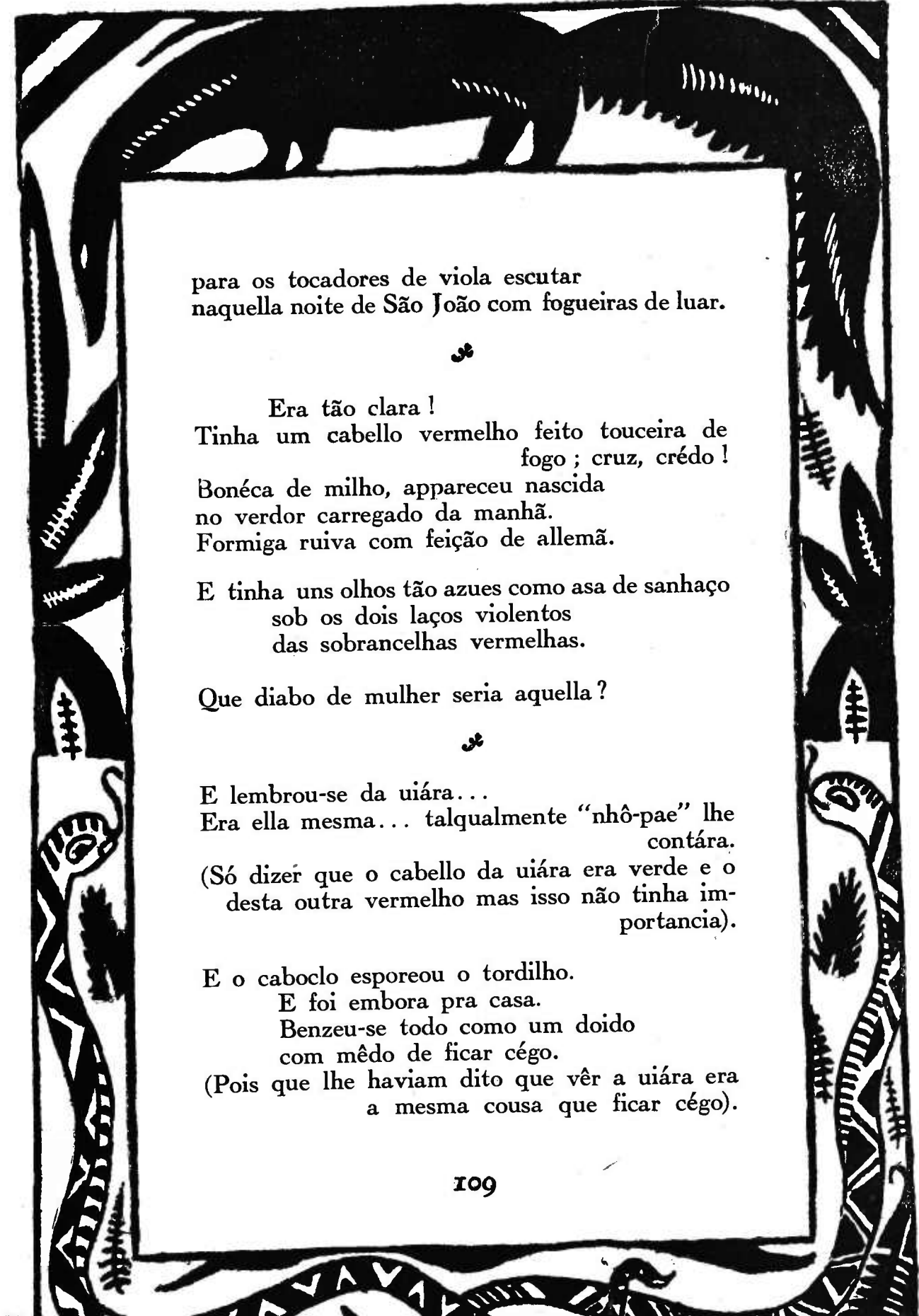


a uiára de c a b e l l o v e r m e l h o

O Juca Raymundo ficou tortuviado
quando passou no cavallo tordilho.
Porque viu, por acaso tão somente,
apanhando goiaba no pomar da fazenda
uma linda mulher como nunca-jamais tinha visto
neste mundo de Nosso Senhor Jesus Christo.

Muito mais bonita do que a filha da patrôa.
Muito mais bonita do que aquella sujeita
que vira numa festa do Divino
e que ficára para sempre atravessada
no seu destino.

Muito mais bonita do que dona Candinha que
uma vez tocou piano



para os tocadores de viola escutar
naquella noite de São João com fogueiras de luar.



Era tão clara !
Tinha um cabelo vermelho feito touceira de
Bonéca de milho, appareceu nascida
no verdor carregado da manhã.
Formiga ruiva com feição de allemã.

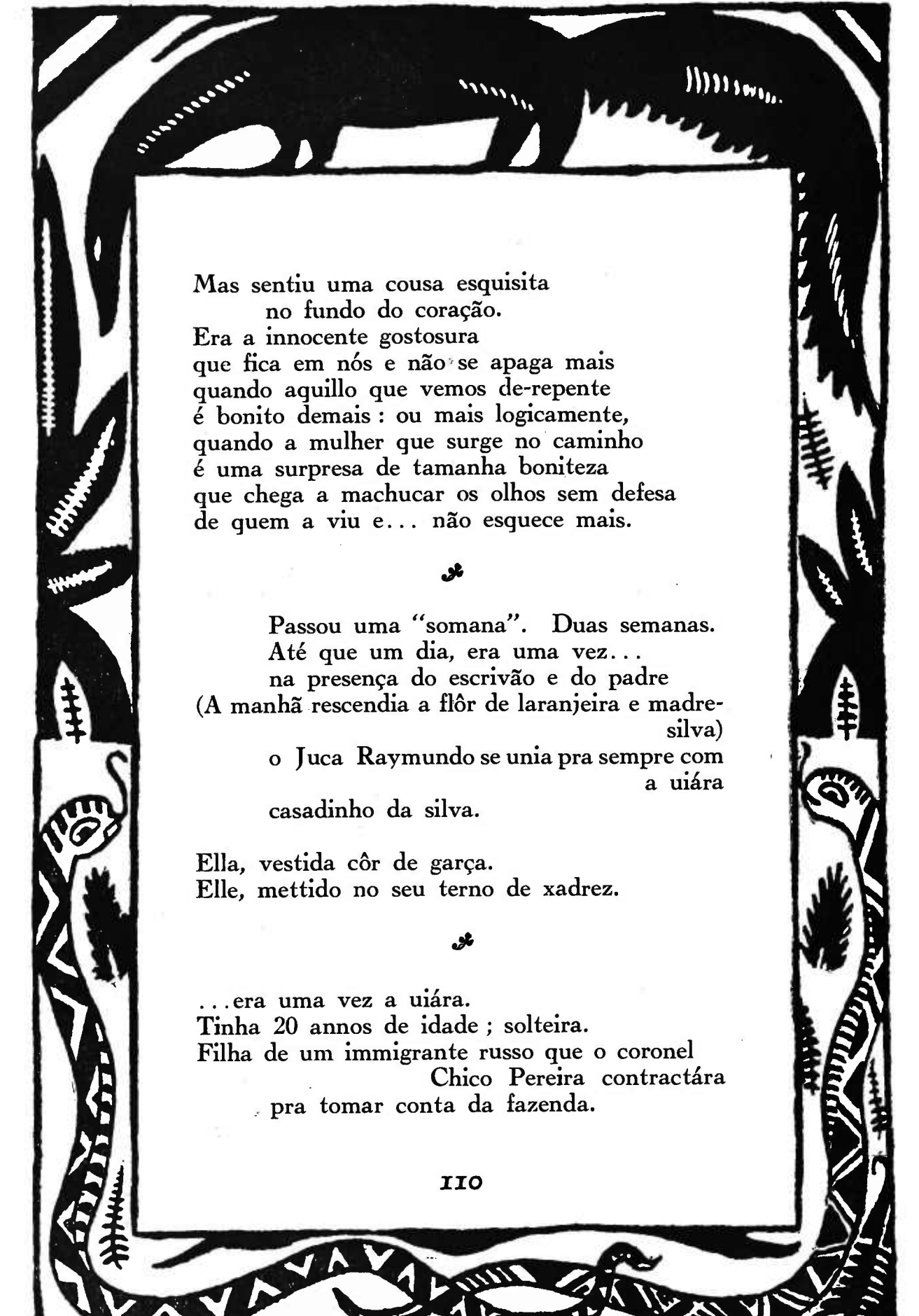
E tinha uns olhos tão azues como asa de sanhaço
sob os dois laços violentos
das sobrançelhas vermelhas.

Que diabo de mulher seria aquella ?



E lembrou-se da uiára...
Era ella mesma... talqualmente “nhô-pae” lhe
contára.
(Só dizer que o cabelo da uiára era verde e o
desta outra vermelho mas isso não tinha im-
portancia).

E o caboclo esporeou o tordilho.
E foi embora pra casa.
Benzeu-se todo como um doido
com mêdo de ficar cégo.
(Pois que lhe haviam dito que vêr a uiára era
a mesma cousa que ficar cégo).



Mas sentiu uma cousa esquisita
no fundo do coração.
Era a innocente gostosura
que fica em nós e não se apaga mais
quando aquillo que vemos de repente
é bonito demais : ou mais logicamente,
quando a mulher que surge no caminho
é uma surpresa de tamanha boniteza
que chega a machucar os olhos sem defesa
de quem a viu e... não esquece mais.

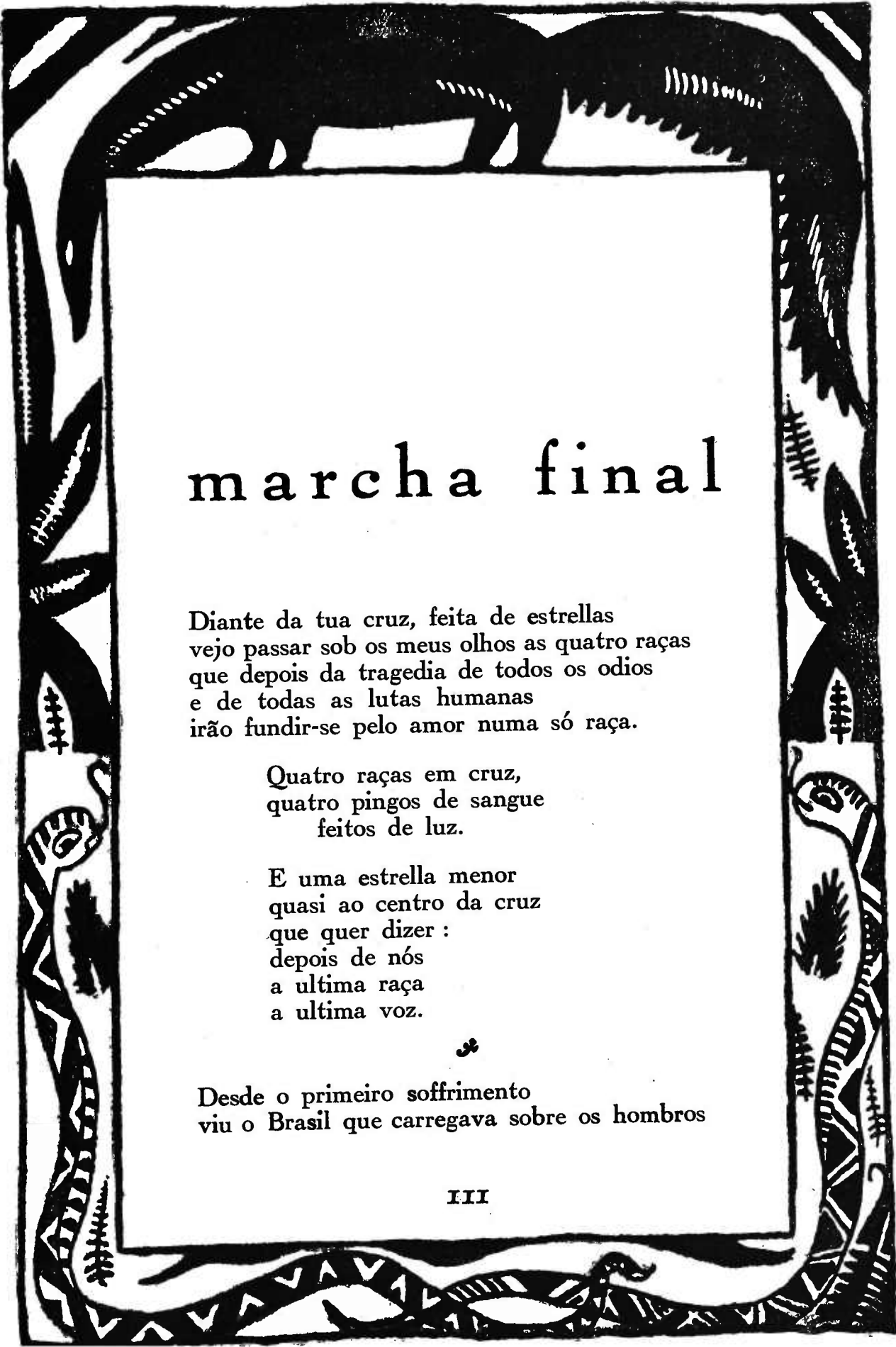


Passou uma "somana". Duas semanas.
Até que um dia, era uma vez...
na presença do escrivão e do padre
(A manhã rescendia a flôr de laranjeira e madre-
silva)
o Juca Raymundo se unia pra sempre com
a uiára
casadinho da silva.

Ella, vestida côm de garça.
Elle, mettido no seu terno de xadrez.



...era uma vez a uiára.
Tinha 20 annos de idade ; solteira.
Filha de um immigrante russo que o coronel
Chico Pereira contractára
pra tomar conta da fazenda.



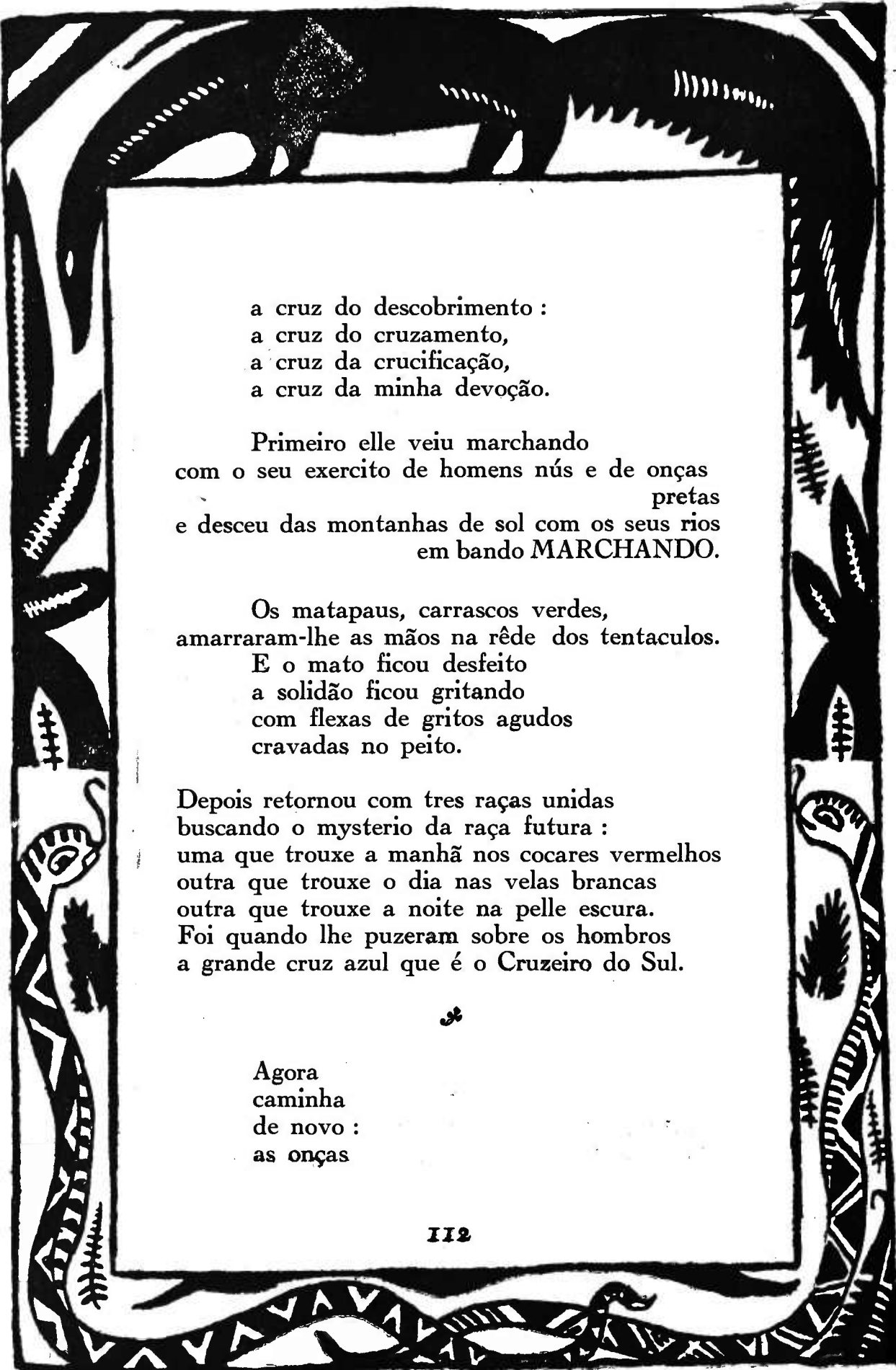
marcha final

Diante da tua cruz, feita de estrellas
vejo passar sob os meus olhos as quatro raças
que depois da tragedia de todos os odios
e de todas as lutas humanas
irão fundir-se pelo amor numa só raça.

Quatro raças em cruz,
quatro pingos de sangue
feitos de luz.

E uma estrella menor
quasi ao centro da cruz
que quer dizer :
depois de nós
a ultima raça
a ultima voz.

Desde o primeiro soffrimento
viu o Brasil que carregava sobre os hombros



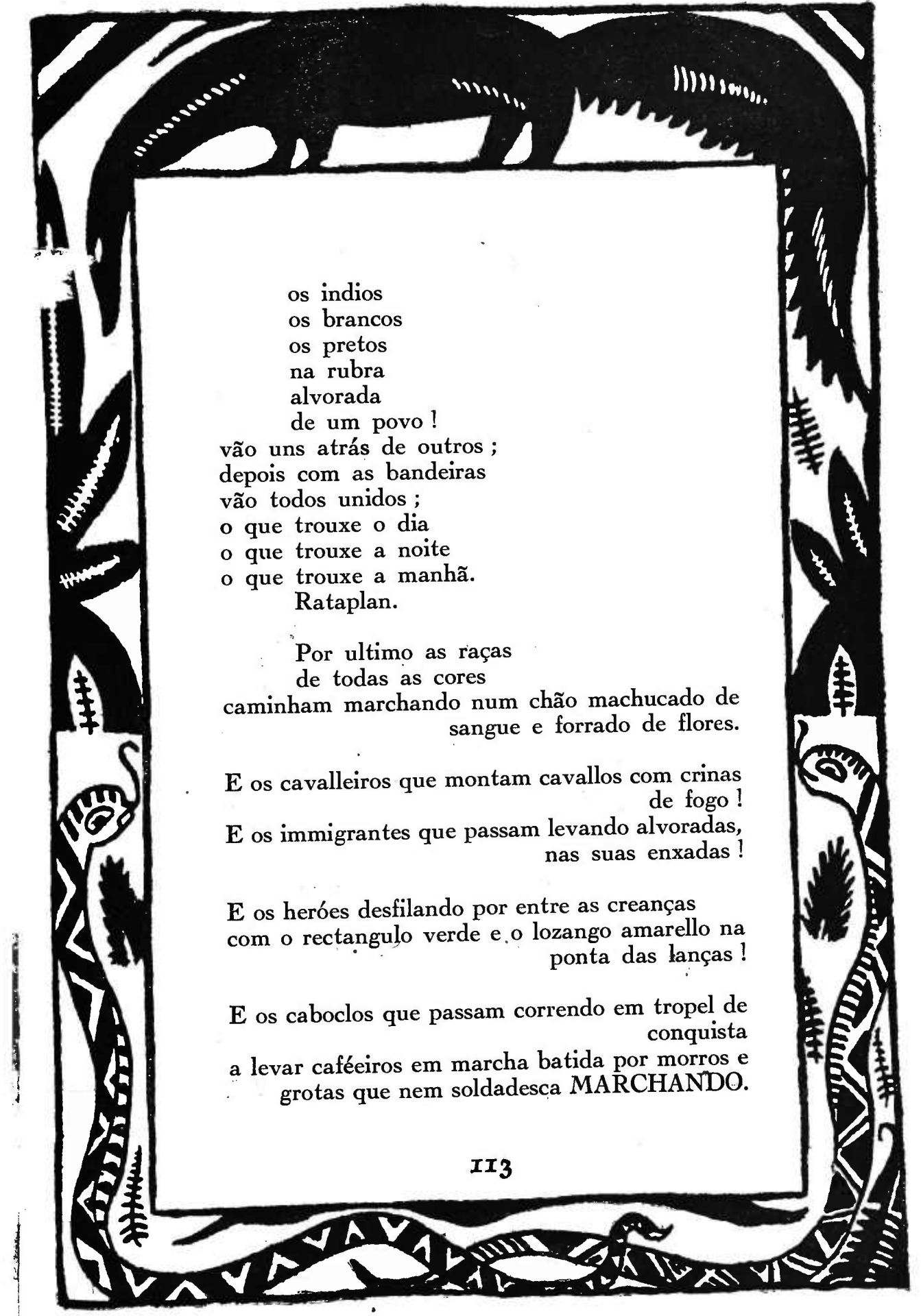
a cruz do descobrimento :
a cruz do cruzamento,
a cruz da crucificação,
a cruz da minha devoção.

Primeiro elle veio marchando
com o seu exercito de homens nús e de onças
pretas
e desceu das montanhas de sol com os seus rios
em bando MARCHANDO.

Os matapaus, carrascos verdes,
amarraram-lhe as mãos na rêde dos tentaculos.
E o mato ficou desfeito
a solidão ficou gritando
com flexas de gritos agudos
cravadas no peito.

Depois retornou com tres raças unidas
buscando o mysterio da raça futura :
uma que trouxe a manhã nos cocares vermelhos
outra que trouxe o dia nas velas brancas
outra que trouxe a noite na pelle escura.
Foi quando lhe puzeram sobre os hombros
a grande cruz azul que é o Cruzeiro do Sul.

Agora
caminha
de novo :
as onças



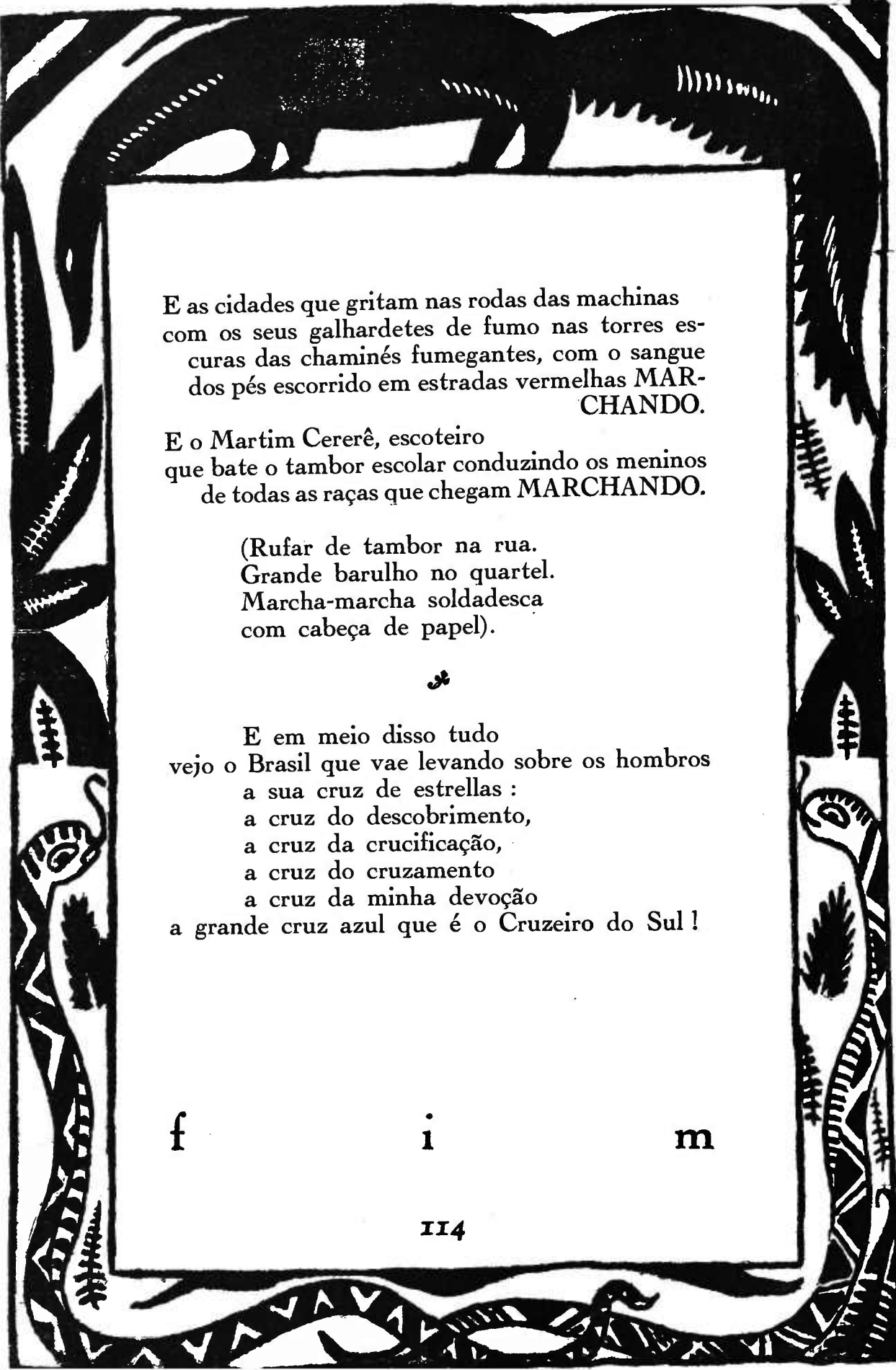
os indios
os brancos
os pretos
na rubra
alvorada
de um povo !
vão uns atrás de outros ;
depois com as bandeiras
vão todos unidos ;
o que trouxe o dia
o que trouxe a noite
o que trouxe a manhã.
Rataplan.

Por ultimo as raças
de todas as cores
caminham marchando num chão machucado de
sangue e forrado de flores.

E os cavalleiros que montam cavallos com crinas
de fogo !
E os immigrantes que passam levando alvoradas,
nas suas enxadas !

E os heróes desfilando por entre as creanças
com o rectangulo verde e o lozango amarello na
ponta das lanças !

E os caboclos que passam correndo em tropel de
conquista
a levar caféiros em marcha batida por morros e
grotas que nem soldadesca MARCHANDO.



E as cidades que gritam nas rodas das machinas
com os seus galhardetes de fumo nas torres es-
curas das chaminés fumegantes, com o sangue
dos pés escorrido em estradas vermelhas MAR-
CHANDO.

E o Martim Cererê, escoteiro
que bate o tambor escolar conduzindo os meninos
de todas as raças que chegam MARCHANDO.

(Rufar de tambor na rua.
Grande barulho no quartel.
Marcha-marcha soldadesca
com cabeça de papel).

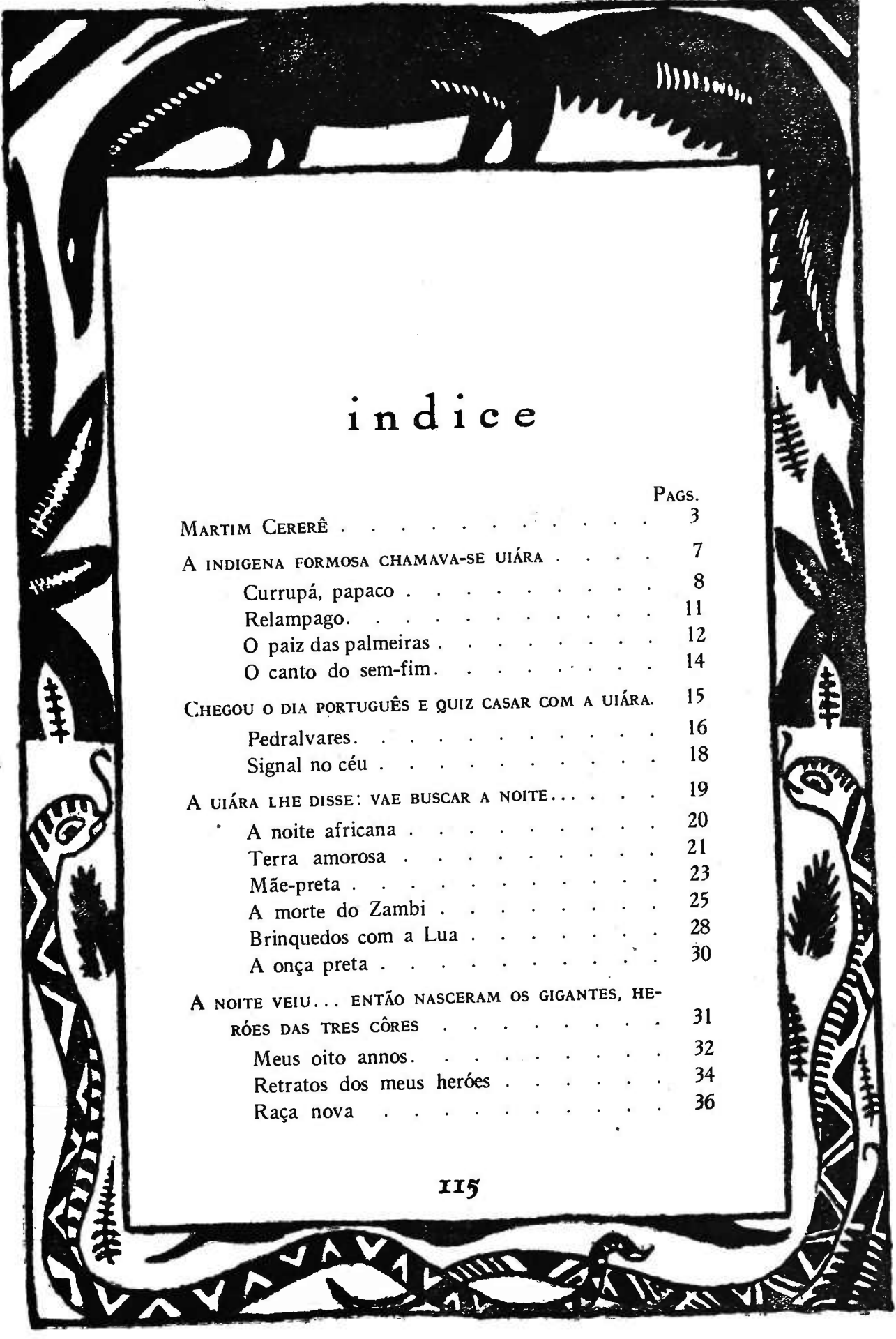


E em meio disso tudo
vejo o Brasil que vae levando sobre os hombros
a sua cruz de estrelas :
a cruz do descobrimento,
a cruz da crucificação,
a cruz do cruzamento
a cruz da minha devoção
a grande cruz azul que é o Cruzeiro do Sul!

f

i

m



índice

	PAGS.
MARTIM CERERÊ	3
A INDIGENA FORMOSA CHAMAVA-SE UIÁRA	7
Currupá, papaco	8
Relampago.	11
O paiz das palmeiras	12
O canto do sem-fim.	14
CHEGOU O DIA PORTUGUÊS E QUIZ CASAR COM A UIÁRA.	15
Pedralvares.	16
Signal no céu	18
A UIÁRA LHE DISSE: VAE BUSCAR A NOITE...	19
A noite africana	20
Terra amorosa	21
Mãe-preta	23
A morte do Zambi	25
Brinquedos com a Lua	28
A onça preta	30
A NOITE VEIU... ENTÃO NASCERAM OS GIGANTES, HE- RÓES DAS TRES CÔRES	31
Meus oito annos.	32
Retratos dos meus heróes	34
Raça nova	36

	PAGS.
Tropel de gigantes	37
Borba Gato, o terror do mato	39
A voz do carão	41
As entradas	43
Anhangüera	45
O canto do Uirapurú	50
Fernão Dias	52
Raposo	55
A MARCHA DOS SOLDADOS VERDES	61
Piratinga!	62
Soldados verdes	65
A derrubada	67
O Manduca e a Giuseppina	70
O bacharel e a cabocla	73
Cafésal em flôr	75
Matuto	77
Radiotelephonia na fazenda	78
Piraquára	80
Depois da colheita	81
Brinquedos maravilhosos	84
A MINHA CHICARA DE CAFÉ E O MEU JORNAL	87
A minha chicara de café	88
O Jornal-Mundo.	91
A tribo que acampou na cidade	94
Martim Cererê, jogador de futebol	98
Brasil-menino.	100
Borrão de tinta verde	104
Borrão de tinta preta	106
A uiára de cabelo vermelho	108
Marcha final.	111

